

COLEÇÃO

A.M.

PEREIRA

LIVRARIA EDITORA

RUA AUGUSTA 44A 54

LISBOA

MARIA O'NEILL

LUCTA DE SENTIMENTOS



# Collecção ANTONIO MARIA PEREIRA

---

VULGARISAÇÃO DOS MELHORES LIVROS

DAS

LITTERATURAS PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA

---

Romances, Contos, Viagens, Historia, etc.

---

Volumes in-8.º de 160 a 200 paginas, om corpo 8 ou 10,  
excellente edição em optimo papel.

Preço de cada volume 200 rs. brochado, ou 300 rs. elegantemente enca-  
dernado om percaline.

Para as provincias accresce o porte do correio, 20 rs. cada vol.

---

## VOLUMES PUBLICADOS

- N.º 1 — **Tristezas á heira-mar**, romance de Pinheiro Chagas.  
N.º 2 — **Contos ao luar**, por Julio Cesar Machado.  
N.º 3 — **Carmen**, romance de Merimée, trad. de Mariano Leve!  
N.º 4 — **A feira de Paris**, por Iriel.  
N.º 5 — **O direito dos filhos**, de George Olinet, trad. de Alvaro  
Pinheiro Chagas.  
N.º 6 — **John Bull e a sua ilha**, trad. de Pinheiro Chagas.  
N.º 7 — **O juramento da duqueza**, por Pinheiro Chagas. (Esg.)  
N.º 8 — **A lenda da meia noite**, por Pinheiro Chagas.  
N.º 9 — **A joia do vice-rei**, romance historico, por Pinheiro Cha-  
gas.  
N.º 10 — **Vinte annos de vida litteraria**, por Alberto Pimentel.  
N.º 11 — **Honra d'artista**, rom. de Octavio Feuillet, trad. de  
Pinheiro Chagas.  
N.º 12 — **Os meus amores**, contos e balladas, por Trindade  
Coelho.  
N.ºs 13 e 14 — **A aventura d'um polaco**, por Victor Cherbuliez,  
trad. de Maria Amalia Vaz de Carvalho, 2 vols.

LP

209021

LUCTA DE SENTIMENTOS

TYP. DA EMP. LITTER. E TYPOGRAPHICA  
⊗ Oficinas movidas a electricidade ⊗  
R. Elias Garcia, 184 ⊗ PORTO ⊗ 1912

U 20.1.2.3

L 29021 Mt. 22791  
COLLECÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA

---

MARIA O'NEILL

---



# Lucta de Sentimentos

ROMANCE



7.50.753

---

LISBOA  
PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA  
LIVRARIA EDITORA  
44 — RUA AUGUSTA — 54  
1912



## I

Estavam ambos pallidos e commovidos.

Henrique fitava-a em silencio, e Laura sustentava esse olhar como se fosse uma mulher ingenua e não comprehendesse o que elle significava. Por fim estendeu-lhe a mão e propoz affectuosamente:

— Sejam os irmãos, quer?

— É tão pouco!...

— Pois bem. Sejam os amigos: é alguma coisa mais.

— Só amigos?

— Só.

— E porque não sermos antes marido e mulher?

— *Poveretto!* Como é creança ainda, Henrique! Como é leviano!...

— Leviano, porquê? por desejar conseguir a felicidade?

— Certamente. A felicidade não é senão uma linda chimera, uma illusão doirada, que passa ligeira junto dos mortaes e não se deixa alcançar.

— Não crê então no amor, Laura?

— Creio.

— E porque não aceita o meu coração? Se soubesse como elle está cheio da sua imagem!...

— Sei, respondeu Laura tristemente, sei; mas sei tambem que as mãos, que tremem nas minhas, o olhar humido e cubiçoso, que se fita no meu, a linda côr rosada que anima o seu rosto morêno, de ordinario tão pallido, são tudo indicios da má qualidade da... da paixão que lhe inspiro.

— Então o desejo de ser amado não é a mais real e sincera prova d'um verdadeiro amor?

— Talvez.

— É então certo que não gosta de mim?

— Conforme. Não o amo... Amôr, não... nunca. Mas sou muito sua amiga, tenho por si uma verdadeira e profunda estima, e, meu caro *bambino*, uso comsigo uma franqueza completa. Já vê que lhe não tenho amôr.

— Então, quando se ama, não se é franco?

— Certamente. A franqueza é inimiga do amôr.

— Mas... eu conheço pessôas que se amam e que vivem n'uma perfeita communhão cspiritual, tanto mais que...

— Tá, tá, tá. Como vae longe e como é ingenuo! Não, Henrique, não conhece. Elles affirmam-lhe que é assim e acredita-os. Não os creia.

— Porém...

— Olhe, já não posso amar; mas, se pudesse, se o amasse, Henrique, acabaria a nossa bôa e dôce harmonia.

— E é por isso que me não quer?

— Não.



— Vamos, seja franca, Laura: porque me rejeita?

— Já lh'o disse com toda a franqueza: não posso amar.

Henrique beijou-lhe as mãos e, tremendo, commovido, murmurou:

— Deixe-se amar por mim. Verá como aquece ao calor do meu affecto.

— Não. O amôr tratou-me mal. Não quero conhecê-lo, não quero saber se existe.

— Mas, se amou, se amou do fundo d'alma, como diz...

— É o motivo por que já não posso amar: amei demais.

— Devo então perder as esperanças?

— Completamente.

— É triste! Sabe que é a primeira mulher que me repudia?

— Sei.

— Quem lh'o disse?

— O meu olhar e o meu juizo. O Henrique tem todas as qualidades que atráem as mulheres e não acho provavel que nenhuma o enjeite, quando se vir perseguida por si.

— É bôa, Laura, e quer lisonjear-me para me consolar.

— Engana-se: digo-lhe exactamente o que penso. É bello. A sua belleza physica impressionou-me sempre como uma formosa tela: o seu talento e o seu coração encantam-me. Emfim, admiro-o e estimo-o, mas sei bem que não posso amá-lo.

— Orgulho?

— Não.

— Então?

— Chorei todas as lagrimas, experimentei todas as dôres e, n'um soffrimento constante, o meu espirito depurou-se pouco a pouco de tudo que era terreno. A amizade ficou. O amor, esse existe sepultado no meu coração, existe n'uma magua íntima, n'uma saudade sempre viva...

— Sempre viva!... Sabe que eu daria tudo para lhe inspirar uma paixão assim?

— Acredito.

— Que cometteria pôr si todas as loucuras?...

— Sei. Mas que importa se eu as não posso partilhar?!... Que importa que aos seus olhos eu seja ainda bella, se a morte está na minha alma e o frio eterno no meu coração?!

— Consinta que a ame...

— Não, *poveretto*, não. Fazer soffrer não é cousa do meu gosto. Seja meu amigo. A amizade, creia-me, quando sincera, é superior ao amor. Não nos accelera o coração, e, dando-nos infinitos prazeres, não nos perturba o entendimento nem nos causa zelos.

— Parece-me, comtudo, que se pôde ser zeloso dos amigos?

— Duvido. Direi mesmo que não acredito. Quanto o amôr é egoista, exclusivo, intransigente, tanto a amizade é generosa, benevola e prompta a condescender. O amôr é féra que devora; a amizade é balsamo que alenta. Um tira-nos a vida; a outra conserva-a.

Henrique com as fulgurantes pupillas dilatadas via-a com um sorriso triste.

— E' o mesmo. Eu preferia o amor, que perde, á amizade que consola.

— Tambem eu, se... se o pudesse sentir. Viu o *ex libris* que escolhi?

— Não, ainda m'ò não mostrou.

— Veja-o: chegou ha pouco do gravador. Não é bonito?

— E' sobretudo symbolico.

— A sempre-viva não está muito nitida.

— Eu acho-a linda.

— E a divisa?

— Encantadora como quem a escolheu: *Como ella a minha dôr*. Mas é tão triste!...

— A verdade nunca é alegre.

— Bem. Até logo, se me permite vir passar a noite comsigo.

— Com mil vontades, e...

— Não me queira mal pela confissão.

— Nem já me lembrava, caro. Em mim os sentimentos passaram á historia, e a memoria atraiçoa-me a todo o instante.

— Como é cruel!

— Não, não. Estou certa que, se o tivesse conhecido a tempo, tê-lo-hia amado.

— Cheguei tarde?

— Muito tarde: não se ama duas vezes.

— Até logo.

— Até logo. Venha cêdo. O Horacio vae fazer-nos a leitura do primeiro acto do seu drama e eu não lhe perdoaria que não viesse ouvi-lo.

— Não faltarei.

Henrique saiu. Laura ficou um momento pensativa. Depois, com satisfação e esfregando as mãos alegremente, exclamou, envolvendo-se com conforto nas pregas do seu roupão.

— Como o corvo da fabula... não me apanharão mais.

---

## II

Laura Rentini viera para Portugal em 1901 para se poupar ao desgosto de assistir ao casamento de sua irmã Thereza com o homem que ella sempre havia amado.

A sua insensata paixão, ardente como a alma latina, tinha sido acalmada á força de raciocinio. Não conseguira senão applicar-lhe os dolorosos impetos do ciúme, as crises de lagrimas, o desejo de vingança, tão intenso nas mulheres da sua raça; mas o sentimento ficára sepultado na sua alma e, como ella dissera, sempre vivo.

A irmã e o cunhado escreveram-lhe repetidas vezes. A' primeira carta respondeu que não tinha familia: as outras devolveu-as fechadas.

Tinha razão. Elle cortejára-a primeiro e, quando Thereza saíu do convento, esqueceu Laura por ella. Thereza sabia tudo, mas amava-o. E, com o egoismo que tão facilmente se adquire nos conventos e collegios, exclamou:

— Uma de nós tem de chorar. Antes ella do que eu.

E Laura, alma mais levantada e nobre, affastou-se, murmurando tambem:

— Uma de nós tem de soffrer. Antes eu do que ella. Aparentada ainda com algumas familias da aristocracia lisboeta, gentil, elegante e rica, foi recebida por todos de braços abertos. Os homens portuguezes, sempre promptos para amar, mostraram-se rendidos e apaixonados. As mulheres, amaveis, mas invejosas da sua incontestavel superioridade, olhavam-na com malevolencia.

Indifferente a uns e outras, ella occupava-se de si. Vivia retirada na convivencia dos raros amigos que com muito tacto soubera escolher entre os seus compatriotas e novos conhecidos, e que tanto e tão bem se lhe affeioaram que, estando ha quasi dez annos em terra estranha, nunca lhe pezára o exilio.

Thereza, sabendo que a irmã vivia feliz na apparencia, tentou fazer as pazes com ella e, por intermedio de amigos, enviou-lhe o seu retrato e o do marido.

Laura commoveu-se; mas, logo que voltou a si da surpresa, disse com azedúme ao parlamentarario que as suas resoluções eram inabalaveis sempre.

Ficando só, pegou nos dois retratos e fitou-os, attenta, alternadamente. Depois, n'um movimento de raiva selvagem, rasgou o de sua irmã em bocados, lançou-os no fogão e tomou o do cunhado para lhe fazer o mesmo. Uma tentação, mais forte do que ella, obrigou-a a olhá-lo de novo antes de o rasgar. E, enlevada na sua contemplação, as horas passaram rapidas... Não teve animo de o destruir. Metteu-o n'uma pasta de couro da Russia e todas as noites, antes de se recolher, sem pensamento que a fizesse córar, fitava-o demoradamente com a saudade sempre viva d'uma

dôce illusão desfeita. E, com um sorriso triste e resignado, pensava ao deitar-se :

— Como o coração é louco! Tantos, e tão gentis, me perseguem, e só elle, só elle, me encanta depois de perdido para sempre!

Um dia, n'um baile, encontrou Henrique de Castro. Sympathisaram um com o outro e dentro em pouco eram os melhores amigos do mundo.

Murmurou-se um pouco, mas acabaram por se calar, convencidos de que não podiam macular aos olhos da sociedade as suas puras relações.

Foi isto um grande desgosto para as amigas de Laura. Não lhe poderem censurar cousa alguma era verdadeiramente atroz. Acabaram por decidir que ella era uma creatura anormal e, contentes com esta descoberta á laia de crime, nunca mais deixaram de terminar o seu elogio por esta fórma: — Muito gentil... encantadora... é pena que seja uma creatura anormal.

E, tendo arranjado esta pecha para lhe pôr, ficaram contentes. Na palavra anormal póde entender-se tanta cousa má! E as que mais a invejavam davam á palavra varios tons e, depois de n'elles a terem pronunciado, exclamavam rindo.

— Não ha nada a dizer, que importa? Isto vale uma catilinaria.

Henrique tinha vivido muito. Addido de embaixada, passára a maior parte da sua mocidade em Berlim e Londres, na convivencia das mais bellas e elegantes mulheres. Estivera tambem muito tempo em Paris onde as suas aventuras deixaram ecco. Attin-

gira os quarenta e dois annos sem pensar em casamento, o *acto de loucura*, como elle lhe chamava. Mas o seu coração juvenil, que não experimentára nunca o verdadeiro amor, sentira-se atrahido para essa mulher, que, ao contrario das outras, parecia ignorar que elle era um homem, e o distinguia com uma amizade tão real. Assustou-se. Era impossivel duvidar da sinceridade de Laura. Viu-se ao espelho. — Estarei velho? perguntou-lhe ancioso. Mas o cristal mostrou-lhe uma figura elegante e aristocratica, um rosto moreno onde brilhavam dois grandes olhos profundos e escuros como a noite, uma bocca rosada, que parecia desafiar o beijo, os cabellos negros e annelados, coroados uma fronte alta e espaçosa, e a mão pequena e bem feita que tanta vez lhe haviam dito ter a graça d'uma flôr. Sorriu satisfeito. Quanto ao physico não tinha nada que ambicionar. Passou em revista o moral, e um sorriso de viva contrariedade assomou-lhe aos labios. Não estava satisfeito consigo. Tinha-se sujado demais no contacto de mulheres corruptas, e um escrupulo novo nascêra-lhe na alma...

— É preciso que eu me purifique por ella e para ella, exclamou.

Para que um homem portuguez pense assim é necessario que a paixão tenha attingido o ponto culminante. E tinha. Henrique não hesitava em realisar o *acto de loucura*. Quizesse ella! E o coração pulsava-lhe no peito, na esperança e gozo d'um amor forte, vigoroso e são. Acabou-se-lhe a licença e não partiu.

Tantas voltas deu que conseguiu anichar-se no Mi-



nisterio dos Estrangeiros por tempo indeterminado. Correu a dar parte a Laura.

Ella sorriu satisfeita e respondeu-lhe :

— Fez bem. Que ia fazer por ahi fóra, sósinho, longe da patria e dos seus? Era uma loucura, Henrique.

Elle sentiu-se magoado :

— Acabo de estragar propositadamente a minha carreira para poder vê-la quando me aprouver...

— Fez bem, Henrique. Não estranhe que eu lhe diga o que penso, embora isto não esteja de accôrdo com o seu modo de vêr. A carreira d'um homem ou d'uma mulher, o seu emprego official, é aos meus olhos uma coisa sem importancia. Tem o valor do fumo, da fama, e da gloria: — nada. Todo o ser de coração deve, vivendo de accôrdo com a sua consciencia (é o ponto importante) procurar fazer tanto quanto possivel o que lhe é agradável. A vida, como disse um poeta,

... é fumo que se esvae

Condensê-mo-lo quanto possivel, evitemos que o vento norte o dissipe e pensemos, primeiro em viver, e depois no resto.

Henrique retirou-se triste. Laura não agradecia nada a sua resolução, e no entanto elle tinha soffrido tomando-a. Dias depois não pôde ter-se que a não censurasse. Laura riu e retorquiou-lhe :

— *Caro*, tudo que fez não foi por mim, foi por si. Não sou eu que não posso privar-me da sua vista; é

o Henrique que não póde, ou não quer, passar sem mim. Diga-me, meu amigo, quantas vezes abandonou mulheres que o amavam e que o queriam reter a todo o custo... que lhe pediram, chorando, que as não deixasse? Seja franco, diga.

Henrique córou e baixou os olhos, confuso, murmurando:

— Sete.

Laura sorriu amargamente:

— Já vê: não lhe devo o minimo favor.

— Tem razão, Laura, não posso deixar de dar-lh'a.

— Ora ainda bem! Entre amigos deve ser tudo sinceridade. Por penitencia de ter errado vai contar-me, sem esconder nem omittir cousa alguma, a fórma por que abandonou essas mulheres.

— Mas...

— Gósto muito de historias, e o Henrique conta bem. Comece, ande.

Guardada por um forte sentimento, Laura não via perigo nenhum n'esta intimidade que a encantava e, de dia para dia, as suas conversas se tornavam mais longas e íntimas e as suas relações mais estreitas. Julgando fazer-lhe ciumes, Henrique contou-lhe os seus amores, fê-la confidente d'uma supposta paixão e mostrou-se inclinado a casar com uma graciosa adolescente. E Laura, sempre amiga, sempre irmã, ouvia-o com interesse, aconselhava-o segundo o seu modo de encarar factos, nem sempre práctico, mas elevado e nobre. E elle, não tendo nada que lhe censurar, afastava-se fulo por não contar para ella.

Laura começou a comprehender o estado de espi-

---

rito e de coração do seu amigo, e desejou afastá-lo de si, mas sem o magoar. Porém como?

Foi a seguir a uma tentativa para que fosse viajar que, ferido no coração, elle lhe fez a confissão que vimos no capitulo precedente e que a deixou quasi alegre. É que aquelle segredo entre ella e Henrique era muito pezado. Era precisa aquella confissão para desanuviar a atmospherá. Ha certas almas de mulher para quem a sinceridade é tudo. Essas soffrem com a sombra d'um segredo, carecem de que se deposite n'ellas uma confiança sem limites, e sentem-se opprimidas ao menor embuste.

Laura era assim.

### III

Tendo acabado de se entrajear para a tarde, Laura installou-se no seu toucador, junto da secretária, e deixou correr a penna sobre o papel. Escrevia a Paulo Vici, um seu grande amigo e compatriota, agora em viagem, que lhe mandára pedir, n'uma longa carta, fizesse as pazes com os seus e viesse a Italia, emquanto elle lá estava, para ter o prazer de assistir á reconciliação.

Eis a carta:

*Paulo querido e nunca esquecido:*

Causaram-me prazer as suas linhas, como sempre; mas, tambem como sempre, me arreliou a mania, que tem, de se intrometter na minha vida. Reconheço que é esse um dos direitos da amizade, mas usa d'elle constantemente, sempre contra meu grado e contra mim. Tem boas intenções, sei, mas isso não basta. Faz-me mal... E sabe porquê? Porque vem revolvêr, no meu coração e memoria, historias velhas, mas eternamente novas para mim, que me pezam e opprimem. E... não digo mais.

Não torne.

Se eu não tivesse o tino bastante para me conhecer, que

irreparaveis desgraças as suas boas intenções nos não poderiam causar!

E se não, convença-se pelo que lhe vou expôr:

Odeio minha irmã. Córo confessando-o. O papel não vê, mas eu quero que o saiba. E... amo-lhe o marido. Não, não é isto... amo o meu noivo, apesar da sua traição. O seu character não me merece a menor estima, desdenho-o talvez. Mas o amor, o verdadeiro amor, não raciocina. Se me expatriei não foi só por orgulho offendido, como parecem julgar. *Adelchi* é para mim um abysmo... e á borda d'um abysmo não se está bem, quando se é sujeito a vertigens.

A prudencia é, se não a minha primeira qualidade, um defeito que muita vez me impede de ser agradável aos outros, e a si principalmente, cujo estouvamento me arranja constantemente complicações. Escuso de lhe recomendar silencio. Elle impõe-se, não é verdade?

Como encontrou os seus? Creolano? Giovani? os babinos?

Mostre-me por uma longa e amiga carta que me acha razão, e me perdôa mostrar aos outros que o seu empenho foi inefficaz. Mas é forçoso *bem vêr*. Recados de todos os nossos amigos.

Nós constituimos aqui um escol intellectual e moral, deixe-me dizer assim, muito interessante. E isto consola de bastantes desgostos. Adeus. Aperto-lhe a mão com affecto.

*Laura.*

Terminada a carta, a italiana releu-a, dobrou-a cuidadosamente, e murmurou, vivamente affectada:

— É uma perseguição. Faz-lhes mal que eu não tenha morrido de pezar... Infames!

— Posso entrar? perguntou fóra da porta uma voz fresca e melodiosa.

— Pódes, respondeu Laura sem voltar a cabeça.

A viscondessa de Cete entrou.

— Incommodo-te?

— Não; pelo contrario, estimo que tivesses vindo. Não tenho hoje disposição alguma para trabalhar.

— Sempre mandas o teu quadro á exposição?

— Não estou muito disposta.

— Comtudo, asseguram-me varios artistas que o menos que te poderiam dar era uma menção honrosa.

— Isso nunca se póde prevêr. É certo que o mestre insiste commigo para que exponha, mas eu, querida, importa-me tão pouco a opinião dos outros!...

— Então não tens prazer em vêr os teus trabalhos admirados?

— Não. Fico contente se os acho bem. Estimo a approvação dos meus amigos, dos que me tocam o coração. Quanto ao grande publico... que me importa a mim o que elle póde pensar? Não o conheço, nem sei o que elle vale.

— Então é-te indifferente ser conhecida por todos? Que se diga quando passas: — esta é Laura Rentini, a celebre pintora genovesa.

— Não sou, nem bastante mulher, nem bastante artista, para pensar e sentir assim.

— É pena. Privas-te d'um grande prazer.

Laura bateu impaciente com o seu pésito breve, moldado em setim castanho, a felpa do tapete.

— Não me digas nunca, Lourença, que eu me privo d'um prazer. Isso incommoda-me.

— Então porque o não experimentas?

— Não o posso sentir. A minha maneira de vêr, a comprehensão que tenho das cousas, emfim um

montão de obstáculos que faz com que as minhas sensações sejam diferentes das dos outros... Mas, crê-me, isso penalisa-me em excesso... Eu queria ser como toda a gente, e a ideia de que posso perder um prazer, de que o perco, affecta-me além do que sei explicar.

A viscondessa de Cette soltou uma gargalhadinha maldosa:

— Que exotica creatura tu és!

Laura mordeu os beiços despeitada e procurou justificar-se.

— Mas não. Deus, creando as suas creaturas imperfeitas no involucro terrestre, que teem de deixar como a borboleta o casulo, aperfeiçoou-lhes, cuidadosa e meticulosamente, a sua parte immortal — o espirito, — onde reside a consciencia, juiz supremo, mais ou menos esclarecido, segundo o seu possuidor está mais ou menos perto do fim immortal a que é destinado. Assim, eu creio que nós passamos por encarnações successivas até attingirmos o grau de suprema perfeição espiritual.

A viscondessa de Cette sorria ironicamente.

— Eu sei, continuou Laura, que estas ideias não são só minhas. Outros, e sabios, as têm tido. Têm-mo contado, têm-me mesmo proporcionado lê-los; nunca quiz. Em materia de religiões, quem nos deve guiar é Deus, que nos dá, segundo o nosso adiantamento ou atrazo, aquella que a nossa consciencia abraça e que devemos ter segundo o cyclo que descrevemos.

— Mas, meu Deus, a que vem tudo isso?

— Vem para te explicar que nós perdemos as

qualidades terrestres á medida que nos aproximamos do fim, e que a pena que sentimos d'isso é real e sincera (pertencemos ainda á terra) vendo que se nos tornam vedados prazeres e alegrias que os outros têm n'ella.

— Assim, perguntou Lourença ironica, vaes a caminho da perfeição?

— Todos nós, em maior ou menor grau.

— Que religião é a tua?

— A de Christo em parte: amar a Deus sobre todas as cousas e o proximo como a mim mesma.

— Está bem. Não és muito perigosa.

— Não gosto de fallar sobre este assumpto, Lourença, mas nunca graccio a seu respeito. Ouve ainda: a religião, ou melhor, a vida assim comprehendida, torna possivel a justiça de Deus, porque nós já passámos ou devemos passar pelas prosperidades e misérias uns dos outros, como já somos iguaes no nascimento e na morte.

— Como tu estás philosophica e espiritualista! Julguei-te sempre, não sei porquê, com tendencias materialistas.

— Que tontice! Não. Sinto o meu espirito muito superior ao meu corpo. A minha alma, infinita como o espaço, não póde crer que tudo findará commigo e que servirei apenas para estrumar a terra do coval em que me semeiarão sempre-vivas, a minha flôr predilecta, tão feia e tão constante como eu.

— No fim de tudo não passas d'uma romantica que precisa de engalanar com a phantasia a realidade da vida para que ella a não escandalise.



— Talvez tenhas razão. Não profundemos. E tu? Que religião é a tua? Como comprehendes tu a vida? Nunca me fallaste de ti...

— Que queres que te diga? Nunca pensei n'isso. Vou á missa, professo, mas sem convicção. Ser-me-hia tão agradável crer que tudo aeabava aqui! Os grandes e largos horisontes assustam-me: preciso de os limitar. No entanto eu ereio em Deus, na Virgem e nos seus santos, e, quando me confesso, sinto um bem estar moral, uma verdadeira purificação. A confissão é a lavagem da alma. Uma limpeza geral de anno a anno faz tão bem! Mas sou tão futil! Tudo que é mundano prende-me tanto! O theatro, o baile, o passeio, a moda, o amor... Oh! o amor! Emfim não fallemos: é estupificante ser tão animal! sentir que o sou. Adeus, vou ao chá da Leonor. Não vens?

— Não. Toma o meu... Tive um presente vindo directamente da China. E' uma preciosidade.

— Obrigada, querida, mas já tenho philosophia que chega para mais d'uma semana.

Laura, eórando humilhada, perguntou:

— Massei-te? Perdôa. Fallar-te-hei n'outro assumpto... Em modas... Queres?

— Não, Laura, respondeu a viseondessa, trocista. Seria para ti um sacrificio, e inutil: passarias do presente a procurá-la na sua origem, e momentos depois obrigavas-me a pensar. E é isso que eu não quero, querida: as mulheres, como eu, têm uma preguiça immensa de exercitar o pensamento. Tudo que não seja o nosso papaguear ôco e *snob*, fatiga-nos.

A expressão da physionomia de Laura era desolada.

A viscondessa notou-a.

— Mas não te desconsoles: faço-te uma confissão-sita e fujo: quando me sinto mais *snob*, mais estúpida e mais parecida com as outras, venho cá para me obrigares a pensar. Tu és para a minha banalidade como a confissão para os peccados. Contente de me demonstrar que tambem sei ter ideias e entendê-las, de novo a bem commigo, côrro apressada a aniquilá-las, porque me pezam demais.

— Como tu és graciosa na tua futilidade!

— Crês? Já notaste que me estou tornando velha?

— Que ideia!

— Não é ideia, olha.

E aproximando-se mais de Laura, fez-lhe notar tres vincos profundos juntó dos olhos.

— Massagem, aconselhou Laura sem interessc.

— Talvez. Vou consultar a Potoka. Adeus.

E sahiu cantarolando:

Meu Deus, a primeira ruga  
N'uma face de mulher  
E' como a primeira petala  
Que se arranca ao malmequer.

---

#### IV

Henrique, fazendo caracollar o seu cavallo baio, subia a Avenida á hora elegante, cumprimentando á direita e á esquerda com aquella distincção tão sua, que todos os patetas procuravam imitar, tornando grotesco n'elles o que no seu modelo era captivante. Mais d'uma mulher correspondia, córando, ao seu cumprimento e o seguia com o olhar enlevado. Elle, sentindo um d'esses olhares, voltava-se na sella, fitava-o e sorria; por vezes levava de novo a mão ao chapéu. Ellas ficavam com o coração sobresaltado, julgando o principio d'uma côrte. Henrique não pensava mais n'isso. Era um galanteador de profissão, habituado a affagar as mulheres n'um olhar e a pagar-lhes n'um sorriso a homenagem que em côro ellas prestavam á sua belleza e distincção. Sentia-se admirado e desejado. Habituado ás aventuras galantes, já não achava, segundo a sua propria expressão, graça a caçadas vulgares. Sorria e passava.

Os rapazes, notando-lhe os successos involuntarios, copiavam-lhe as gravatas, os chapéus, o penteado, os gestos, fumavam o mesmo tabaco e procuravam usar o mesmo perfume discreto. Elle sabia-o, mas não se

envaidecia nem se importava com isso: tinha a certeza de ficar sempre superior. Muito orgulhoso, justamente vaidoso, sabia estivar-se e não temia nunca rivaes. Mas n'este momento, em que galopava em direcção ao Campo Grande, uma raiva surda, um ciume louco lhe torturava o coração. Sim, era ciume o que elle sentia, ciume d'esse maldito italiano que prendera para sempre o coração de Laura. Como vencê-lo? Como apagar a sua imagem n'este coração que lhe apparecia como uma fôrtalesa inexpugnável, que elle queria com toda a furia d'uma natureza ardente, habituada a curvar tudo a seus pés? Porque era o coração que elle queria. Não lhe bastaria nunca a mulher. Era exactamente o contrario do que lhe havia succedido até então.

— Olá, Henrique! Olá!

Sofreou o cavallo e viu, a poucos passos, Leonardo de Oliveira, um outro amigo de Laura Rentini e frequentador da sua casa.

— Em que diabo vacs tu pensando que nem ao menos me viste, estando tão perto de ti?

— Em Laura. Venho de casa d'ella. Sempre é uma creatura muito original! Sabes que a amo?

— E' natural. Nós começamos quasi todos por ahí e desistimos, ou por amor proprio, ou por estima por ella.

— Estima por ella?

— Sim. Nós não a valemos, e perdê-la-hiamos se a obtivessemos.

— Não comprehendo.

— Não admira. Ainda não chegaste á altura em que isso se comprehende...

— Então tu também?...

— E também desisti.

— Por amor proprio?

— Não: por amor d'ella.

— E tu erês que, se fallasses, a convencerias?

— Estupido! De que te serve a tua experiencia?

Nunca se deve fallar de amor á mulher que se quer possuir, antes de se lhe ter prendido bem o coração.

— E julgas que isso é facil?

— Não me parecee que seja difficil.

— No entanto ninguem ainda conseguiu d'ella um olhar.

— Não admira. Laura tem um temperamento estranho. E' a mulher para a qual os pensamentos tem a proporção dos actos: exaggerada em tudo, na amizade como no amor, no bem como no mal. O seu orgulho não lhe permite a menor quebra de dignidade. No fundo é tão feminil ou mais do que as outras.

— D'ahi que conclues?

— Que ella é feliz assim, entre a saudade d'um sonho irrealisavel e a admiração dos seus amigos. Porque todos nós lhê queremos d'alma. Ella é um pomeo a nossa mãe, a nossa irmã, e para todos benevolo e indulgente confessor. Se ella casasse com um de nós, prejudicaria os outros. Esse querer a parte maior, insurgir-se-hia contra a nossa constante presença, tornar-se-hia ciumento, intratavel. E ella?... Póde saber-se o que é o despertar d'um vuleão? Julga-se algum de nós capaz d'uma fidelidade completa, inteira?

— Porque não?

Leonardo olhou-o espantado:

— És sincero?

— Completamente.

— Meu caro, estás no estado por que eu passei ha dez annos, quando vi Laura pela primeira vez. Aconselho-te o mesmo remedio de que me servi: vai viajar. Não lhe imponhas a tua paixão: ella já chorou bastante.

E, por um movimento brusco, Leonardo metteu o seu cavallo a galope. Henrique seguiu-o:

— Arrelia-te a minha paixão?

— Não. Já a conhecia e lastimava-a.

— Porquê?

— Ella não te amará nunca.

Henrique picou-se:

— No entanto tu crês que ella te podcria amar, se o tentasses... E porquê, fatuo?

— Porque as nossas almas comprehendem-se sem fallar; porque, se lemos um livro juntos, comprhendemo-lo da mesma fórma, vibramos da mesma sensação, pairamos na mesma esphera. A nossa consciencia comprehende a vida da mesma fórma. Lembra-me ainda a alegria infinita que senti, quando pela primeira vez a sua voz musical me disse o que pensava a este respeito. E como eu vi espelhar-se n'a sua a minha propria consciencia! Sim, ella tem razão... Ha varios cyclos para attingir a perfeição infinita. Nós caminhamos a par, e tu... tu ainda vens longe. Deixa-nos.

Era tão visivel a agitação, o ciume de Leonardo, que Henrique soltou uma franca gargalhada, tão comico lhe pareceu o seu amigo.

— Ouve, Leonardo, já lhe fallei, e ella já me disse que não podia amar-me. Mas, crê-me, meu caro, se um dia o meu amor vencer a sua frieza, não temas que eu desaloje a tua boa e sincera amizade. Vi-a muito de perto para poder receiá-la.

— E' o mesmo. Fallemos de outro assumpto.

— Que me dizes da peça do Horacio?

— Não sei nada.

— Que escreves tu agora?

— Nada, desde que...

— Basta. Já sei... E' preciso trabalhar. A phantasia á solta, quando é como a tua, não produz nada de bom.

— E tu, que fazes agora?

— Apaixonei-me pelas descobertas dos Curie. Tenho feito um curioso estudo ácerca d'ellas e vou proxivamente a Paris, a seu convite, observar *de visu* alguns phenomenos curiosos.

Henrique inquiriu com curiosidade invencível:

— A Laura sempre manda o quadro á exposição de Paris?

— Não sei. Os mestres, ahi, aconselham-lh'o e instam... Eu acho uma tolice. Não o vêmos nós? Que precisão têm os outros de o vêr?

— Mas o nome, a gloria?

— Leonardo, olhando-o com piedade, respondeu:

— O nome! a gloria! Não a comprehenderás nunca, meu caro, não a poderás comprehender.

Na confortavel sala íntima do palacio Rentini, onde todas as noites se reúnem não só os amigos certos, que nunca desertam, como aquelles que apparecem de longe em longe ou de quando em quando, estão seis pessoas afóra a dona da casa. Muito pouco para um sabbado em que ninguem ignora que Waldceck faz ouvir a sua magnifica voz de tenor, e em que, não raro, Laura abrilhanta o serão cantando com elle alguns dos duettos das suas obras preferidas. Passemos em revista as visitas. Dois já nos são conhecidos: Henrique e Leonardo. Aquelle grisalho, que se curva para Laura e lhe falla quasi ao ouvido, é Manuel de Lemos, critico de arte, de elegancias e de toiros: critico de tudo, até de modas.

Além, sentadas junto do fogão, Mathilde e Zilda, duas mulheres de espirito, conversam com sabor e gosto de coisas vulgares. Horacio, o celebre e festejado dramaturgo, que fez successo na ultima época com a magnifica peça em tres actos *Beijos que amargam*, ouve-as com interesse e curiosidade.

Henrique, encostado á hobreira da porta em frente de Laura, fita-a com affecto. Leonardo observa-os al-



ternadamente e toca com as pontas dos dedos nos vidros da janella uma marcha nervosa.

— Então, Horacio? perguntou Laura.

— Ao seu dispôr, minha amiga; quando ordenar.

Laura tocou a campainha. O creado appareceu á porta.

— Olhe, Pedro, traga a laranjada do senhor Horacio.

Cada um dos amigos de Laura tinha as suas bebidas preferidas.

— Puxa aquella cadeira para junto da meza e anima a luz dos candieiros. Assim, bem. Arranja tambem o fogão. Vá, Horacio, estão feitos os preparativos: póde começar.

Como homem, o dramaturgo é uma figura interessante: nem alto, nem baixo, de cabellos castanhos e longa barba sedosa e frizada, tez pallida, muito triste, e com uma voz dôce e harmoniosa que contrasta singularmente com a impressão metallica que causa o seu olhar verde. O sorriso dá á sua physionomia um supremo encanto. Elle sabe-o, e não perde nunca a occasião de o mostrar. Os homens, como as mulheres, tambem teem as suas vaidades e garridices. Foi sorrindo e anediando a sua formosa barba, que elle se veiu sentar junto da meza e, tendo saboreado uns goles da sua laranjada, disse o titulo do seu novo drama: *Os que sabem viver*.

Todos fizeram circulo.

A voz de Horacio elevou-se, a principio inexpressiva quasi — era um timido; mas depois, encantado com o seu trabalho, esqueceu o auditorio, e então leu,

como raros lêem, dando á palavra todo o relevo, toda a côr, fazendo-a exprimir e dizer mais do que ella sabe e póde.

Todos escutavam com interesse; mas Zilda, de olhar incendiado e face ruborisada, parecia suspensa dos labios do gentil dramaturgo. É que ella amava-o. E Horacio, que nem sonhava este amor, tomava para ella as proporções d'um deus.

Terminou a leitura do primeiro acto. De todos os lados irromperam applausos:

— Esplendido!

— Soberbo!

— Se você se mantiver n'essa altura, homem, dá cabo dos nervos dos espectadores.

Esta observação era do critico.

— É lindo! lindo!

— Optimo!

— Um encanto!

— Então, Laura, que me diz?

A voz de Horacio trahia uma grande anciedade.

Os labios de Henrique contrahiram-se n'um sorriso ironico.

Leonardo olhou a italiana e trocaram ambos um rapido olhar. Voltou-se em seguida para Horacio e disse:

— Que quer você que ella lhe diga? Banalidades? O mesmo que toda a gente? Não, meu caro, você bem sabe que nós não costumamos encarecer as cousas. É uma bôa obra a sua, impecavel.

E voltando-se a Laura, interrogou:

— Não é isto o que pensa?

— No entanto demorou-se tanto em exprimir a sua opinião que me parece ter o direito de... observou Horacio.

O mesmo olhar se trocou entre Leonardo e Laura e, d'esta vez, foi Laura que respondeu:

— Reflectia ainda no que acabava de ouvir e, mais interessada no entrecho do que em applaudir a acção, confesso, fiquei a pensar nas varias soluções que se poderiam dar á situação creada n'este primeiro acto.

— Quando nos lê o segundo? perguntou Leonardo, olhando de novo para Laura e encolhendo os hombros n'um gesto de piedade.

Ella sorriu.

— Quando nos lê o outro acto? perguntou timidamente Zilda.

— De hoje a oito dias, se V. Ex.<sup>as</sup> tiverem a pachorra de me ouvir..

— Waldeck não virá hoje? perguntou Henrique.

— Não, não vem, respondeu Laura.

— Porquê? Está doente? interrogou Mathilde.

Laura, rindo, volveu á sua amiga:

— Não, mas é como se estivesse. Tem um ataque de amôr agudo por uma *tiple* da companhia hespanhola. Coitado!

— Qual é ella?

— Não se diz.

— É adivinha?

— Não: mas não andarei bem trahindo os segredos do pobre rapaz.

— Que segredo?

— Elle não m'o pediu, mas tudo que diz respeito ao coração é segrêdo.

— Mesmo quando se trata d'uma *tiple*?

— Porque não?

Mathilde desdenhou:

— Crês, Laura, que uma mulher d'essa especie possa inspirar um sentimento sério?

— Certamente que sim.

— Não são quasi sempre as pessoas que o não merecem que inspiram um grande amôr? perguntou Leonardo.

— Tem razão, affirmou Laura, não sem certa magua.

— Que o não merecem, não é bem dito: que o não partilham, é mais exacto, observou Henrique á laia de insinuação.

— Seja o que quizerem e como quizerem, tornou Leonardo com enfado: nenhum de nós está já na idade em que se discute o amôr como unica cousa interessante. Para mundanos já nos demorámos demais sobre este assumpto.

Laura olhou-o com espanto:

— Protesto, Leonardo, protesto. Você está-nos chamando velhos, e isso é forte. No que me diz respeito, engana-se: o amôr é para mim o primeiro, o principal assumpto.

Leonardo, pasmado e interdicto, perguntou:

— Agora?

Laura com sinceridade:

— Desde sempre.

— E que outro assumpto, interrogou Mathilde,

póde captivar mais a mulher do que esse? Para os homens não é senão um incidente que, na maioria dos casos, se subordina á ambição, ao orgulho, á posição social, a tudo. Porém para as mulheres é o contrario: subordinam a vida a esse sentimento, tão mal comprehendido pelos senhores, que fazem d'elle geralmente uma fonte de lagrimas e desgraça, quando podia ser um manancial de gozo e alegrias.

O critico atalhou:

— Protesto, ou antes, contesto. Manancial de gozo foi sempre e ha de ser; quanto a santas alegrias... as alegrias santas nunca fôram as melhores.

— O' Manuel de Lemos, você está impossivel. Já não sabe fallar diante de senhoras.

— Não, Laura, a menina é que está atrasada. Hoje toda a gente falla assim.

— *Toda*, não. Eu prezo-me ãe ser gente, observou Leonardo.

— E eu, ajuntou Henrique.

— São insupportaveis e — sabem que mais? — o que aqui, no seu modêlo, (e apontava para Laura) é graça e delicadeza, em vocês é ridiculo.

— Isso depende dos olhos que nos observam e dos ouvidos que nos escutam.

— Bem. Ahi começam vocês como as crianças, *diz tu, direi eu*.

— Não digo mais nada, affirmou Leonardo.

— Responder-lhe-hei sempre: estes criticos julgam-se com o direito de dizer tudo e não querem ouvir nada, retorquiou Henrique.

Zilda notou:

— E' preciso deixar-lhes tirar do seu officio a unica vantagem que elle lhes proporciona.

— Ora vejam! Toda a noite callada e não resistiu a dar-me tambem a sua ferroadada.

— Se é mulher! observou Laura.

— E tu?

— Tambem. Mas tenho pena de o ser, e corrijo-me dos defeitos femininos tanto quanto posso.

— E consegue?

O critico affirmou:

— Bem vêem que não. E' casquilha, piegas, comodista: tem todos os attributos da especie.

— Todos, monstrosinho. Até o de ser sua amiga, sendo você um veneno.

— E' por isso mesmo. Emprega-me como tal sempre que quer ser nociva a alguem.

— Já viram um maroto assim?

— Desminta-me, se é capaz. Sentou-se no seu carro triumphal, qual segunda Aurora, e nós cá estamos todos para o puxar. Negue, ande, se é capaz.

Horacio observou:

— Já me não admira que elle seja tão aggressivo commigo...

— Isto não é nada, affirmou Zilda. Está de tal maneira no habito de dizer mal que já não póde, nem sabe, fallar bem.

Laura, rindo:

— Bem. Tenho que o defender. Isso agora, Zilda, tambem é de mais. O Lemos...

— Vêem, vêem como ella me protege? Não, que,

se a minha lingua cria fama de má, já o veneno perde o effeito, quando ella o quizer derramar.

— Ah! elle é isso? Pois então esfarrapem-no: dou licença.

— Não deixem ficar nada, absolutamente nada, para amanhã.

— Eis a mulher em toda a força da sua perversidade.

Rindo e conversando, o serão prolongou-se até tarde. Laura cantou aquelle delicioso trecho do Othello, *Emilia te ne prezo*, e todos se retiraram com a alegria íntima que dão umas horas bem passadas. Laura dispunha-se a ir tratar de cuidados do toucador quando a sua criada de quarto, entrando, lhe disse:

— Está alli o senhor Leonardo que se esqueceu de dizer uma cousa á senhora, e pergunta se o póde receber.

— Diga-lhe que sim... que entre mesmo para aqui.

E Laura, que já tinha desmanchado o penteado, passou uma fita em volta da cabeça para conter a farta cabelleira: depois sentou-se na preguiceira e esperou.

Instantes apenas, e Leonardo entrou seguido de Emma, a creada de Laura, que, cheia de malevola curiosidade, julgava que enfim a sua ama se ia envolver n'uma d'aquellas aventuras complicadas que, n'outras casas, em que havia servido, lhe tinham rendido farta copia de vestidos, presentes e gorgetas, e lhe davam ao espirito a grata sensação de desempenhar na vida de alguém um papel importante. Os seus olhinhos, pequenos e myopes, batiam as palpebras, apu-

rando o olhar, e a rosada cartilagem da sua orelha tinha pequenos movimentos que lembravam os de certos animaes quando sentem ao longe o passo das suas companheiras.

A italiana notou tudo isso e mordeu os beiços contrariada; mas o seu espirito, superior a todos os preconceitos ridiculos, venceu immediatamente a desagradavel impressão que lhe causára a visão do que se estava passando no íntimo da sua creada. Com uma aspereza, que ella nunca usára, disse-lhe :

— Saia. Eu a chamarei quando precisar.

— Não lhe convém que eu oiça, murmurou a creada retirando-se; pois, se imagina que me callo, está enganada. Todos hão-de saber que este figurão voltou para traz a taes horas da noite e se fechou com ella no toucador. Para bem não é. Desconfia de mim?... Pois deixa que eu lhe direi.

Ficando só com o seu antigo amigo, Laura perguntou :

— Que é, Leonardo?... Estou assustada...

— Assustada, porquê?

— Voltar aqui a esta hora da noite, á uma e meia... Que ha? diga.

— Nada que a deva inquietar... Trata-se de mim.

— E é tão urgente que não póde esperar para amanhã?

— Não, Laura... não posso.

— Não pensou nas supposições que os meus creados têm o direito de fazer?

— Nunca admitti a possibilidade de que ninguem ousásse fazer supposições a seu respeito.



— Está bem. Então que quer?

— Saber o que se passou entre si e Henrique.

— A esta hora da noite! Ó meu caro Leonardo, endoideceu com certeza!...

— Não, não endoideci... mas soffro... soffro muito. Preciso de saber. Saber a verdade, toda a verdade, sem a mais ligeira omissão.

A italiana carregou o sobr'olho:

— E não hesitou, meu amigo, em vir fazer-me perguntas sobre um assumpto tão intimo? Sabe se eu quero, ou posso, responder-lhe?

— Sci que deve, Laura. Sei que a sua alma tem-se sempre apoiado na minha e que, se entre nós nunca houve amôr, tambem não houve nunca a sombra d'um segredo. Nós dissémo-nos sempre tudo sem restricções, e pouco e pouco, sem raciocinio, sem palavras quasi, se fundiram n'uma as nossas almas. Não precisamos de gastar phrases para sabermos o que cada um de nós pensa sobre qualquer assumpto. E, na troca d'um olhar, quantas cousas nós dizemos n'um segundo que uma hora não bastaria a explicar!

Laura soltou uma gargalhada quasi juvenil.

— É originalissimo, meu amigo! Vem, pois, em nome da nossa velha amizade, tomar contas ao meu coração d'um novo amôr que suppõe eu sinto ou estou prestes a sentir por esse gentil rapaz. É isto, não?

— Exactamente.

— Pois bem. Deixando para outra occasião todas as justas observações que o seu procedimento requer, responder-lhe-hei que o não amo, que lhe disse não

poder amá-lo, e que ficámos, como sempre, os melhores amigos do mundo.

— Isso sei eu.

— Então que mais quer?

— Vêr ao certo... saber o que ha no seu coração, Laura. Olhe... Deixe-me ler no seu olhar.

Tomou-lhe as mãos e fitou-a insistentemente.

Laura córou e escondeu o rosto no hombro de Leonardo, murmurando envergonhada:

— Perdão, perdão, Leonardo... eu não sabia...

Leonardo estremeceu, córou por sua vez e repeliu-a brandamente, dizendo com dolorida commoção:

— Já vê se eu tinha, ou não, razão de me alarmar... por si, que mais irá soffrer, e por mim, que não sei como viver longe da sua sombra: emfim por todos nós, que esta casa era de todos nós. Dez annos! quasi dez annos de vida commum! e agora... Ah! Laura, que mal nos faz a todos, e a mim principalmente.

Laura tomou-lhe outra vez as mãos e, occultando de novo o rosto no hombro de Leonardo, disse com voz commovida:

— Meu amigo, gaba-se de que entre nós não ha segredos, que sabe ler na minha alma, e afinal o que viu não é o que lá está.

— Então? inquiriu elle ancioso.

— Eu sei-o desde este momento, mas não o sabia. Não o saberia talvez nunca, se não fôsse a sua mania de vêr longe e fundo. Eu amo, Leonardo, mas amo-o a si...

Leonardo estreitou-a bruscamente ao coração:

— Ama-me a mim, Laura? É possível que me ame?

— Não é possível, é certo, Leonardo. Mas não casarei comsigo.

— Porquê? perguntou Leonardo, vivamente ferido no seu orgulho.

— Porque não trocarei a sua bôa amizade pelo seu amôr.

— Não comprehendo...

— Pois é facil. Leonardo é meu amigo, muito meu amigo, mas não é mais do que isso. Ora o amôr n'uma mulher como eu, sinto-o, é violento, impetuoŝo, ardente. Já pensou, caro, no horror que seria a convivencia íntima de brazas com flocos de gêlo?

Leonardo sorriu alegremente e cingiu-a de novo ao peito.

— As suas pálavras, Laura, vão sempre mais longe do que os seus pensamentos: foi uma das primeiras cousas que me encantou em si... Mas, socegue, eu saberei amá-la com o seu proprio amôr.

— É preciso convencer-me d'isso primeiro. Sou tão incredula!... Depois, lembre-se da completa intimidade das nossas almas... Não ha segrêdo d'um que o outro não saiba.

— Tanto melhor. E depois?

— Depois, respondeu-lhe Laura rindo, são duas horas da manhã e os meus creados precisam deitar-se.

— Tem razão, desculpe. E Henrique?

— Henrique, eu me encarrego d'elle: é um bom rapaz que nós temos amimado demais. É preciso não lhe causar desgosto.

— Tenho pênna d'elle, sabe?

— E' natural. Para mim, não lh'o escondo porque mesmo que quizesse não saberia, o amôr d'elle é um incenso que me lisonjeia.

— Isso sei eu! No fim de tudo é mulher.

— E quanto ao meu quadro, que digo ámanhã ao Luciano? perguntou Laura com certa gaiatice.

— Que não irá á exposição.

A italiana tocou a campainha e disse á creada que appareceu á porta:

— Emma, acompanha o senhor Leonardo de Oliveira.

---

## VI

Henrique de Castro morava n'um elegante palacete situado na Avenida da Liberdade. Já sem paes, vivia desde muito novo com sua tia, uma velha senhora minhota, que conservava uma constante saudade da sua provincia, onde passára a mocidade, e que recordava a proposito de tudo os bons tempos da sua juventude. Contava, com muito espirito e relevo, os episodios da época revolucionaria, e seu sobrinho devia-lhe, talvez sem que o suspeitasse, alguns dos seus magnificos capitulos sobre os acontecimentos de 34.

E' que para contar bem factos vividos é preciso tê-los presenciado, e elle vira pelos olhos da bôa velhinha que tão bem sabia descrever. Ella educára-o com o carinho e disvelo d'uma mãe extremosa e, como era d'uma indulgencia infinita, viviam na mais estreita intimidade. Henrique contava-lhe todas as suas aventuras de rapaz e, quando omittia qualquer cousa, ella conhecia-o e dizia-lhe, levantando solememente o dedo indicador:

— Vá, podes dizer tudo: eu já não tenho sexo.

Então Henrique contava-lhe longa e minuciosamente a verdade, e ella, interessada, ora sorvendo

uma pitada, ora conservando-a segura entre os dedos, perguntava sorridente e curiosa:

— E *dipois? dipois?*

Henrique tinha muitas excentricidades. Assim, tomára para o servir á mesa, quando não tinha ninguem de fóra, um surdo-mudo. Não gostava, segundo a sua expressão, de comer callado nem tinha a palavra discreta. Só por grande prazer elle se privaria de almoçar e jantar a sós com sua tia. Que repastos! Que alegria!

Ella ouvia-o boquiaberta, enfeitçada, e elle fallava, fallava sempre num crescente enthusiasmo. D. Margarida parava de comer para o ouvir: elle deixava esfriar a comida para fallar.

— E *dipois? dipois?*

E, satisfeitissima, ameudava as pitadas.

De longe em longe era ella que lhe interrompia a verbosa torrente, dizendo:

— Pára ahi. Fizeste-me lembrar agora quando padre *Bentura*... (trocava sempre o v pelo b).

E seguia uma anedota chistosa com a qual riam ambos a perder, e que vinha dar mais realce á conversação.

No dia seguinte áquelle serão em que Horacio lêra o primeiro acto do seu drama, Henrique e a velha tia Margarida, sentados segundo o costume em frente um do outro, almoçavam. Henrique olhava-a silencioso. A tia fitava-o curiosa. Por fim perguntou:

— Que tens?

— Nada.

— Isso não é resposta, filho.

— Então o que é?

— E' uma respostada.

— Uma respostada?!

— Sim, porque estás occultando a verdade. Vamos, confessa-te á tua velha tia: que ha de novo?

— Já lhe disse tudo.

— Tudo?... não voltaste a vê-la?

— Fui lá á noite.

— Estava certa d'isso... E *dipois*?

— Como de costume, muito amavel, muito graciosa, mas não me ama... é evidente. Oh! não imagina a raiva, tia, a immensa raiva que eu tenho áquelle maldito italiano.

A velha senhora casquinou uma gargalhada e, juntando com a faca as migalhas dispersas sobre a toalha, tarefa predilecta quando tinha a dizer alguma coisa que ella reputava importante, disse ao sobrinho:

— Pois tu acreditas, meu pobre Henrique, que uma mulher esteja assim preza a um homem que a trahiu?

— Porque não... se o amáva devéras?...

— Se o amáva devéras!... Que ideias! Olha, Henrique, o que é eterno é o amôr. O objecto d'elle é sujeito a variações.

— Então a tia não acredita n'um amôr assim?

— Acredito, quando seja correspondido, quando do objecto d'elle não haja o minimo escandalo; mas não acredito que Laura esteja convencida de que é assim: se o está, engana-se. O que ella tem ainda, e não póde esquecer, é a ferida do seu orgulho. E' isso que ella sente, nada mais.

— Se assim fôsse, ainda eu poderia ter esperança...

— Olha, Henrique, vou ser franca contigo. Não gosto que te prendas tanto a essa creatura. Isto não é de modo algum contrariar o teu gosto: é apenas dizer-te o que penso, franca e lealmente, como sempre tenho feito. Primeiro, é estrangeira e italiana: os estrangeiros nunca me foram sympathicos, e os italianos menos. Depois, bem sabes, tenho frequentado a sua casa, tenho-a estudado, e dir-te-hei francamente a impressão que me causou: não é agradável. A mulher que sonhei para ti é tão differente d'aquillo!

— *D'aquillo*, tia!

— *D'aquillo*, meu Henrique. Ella não é uma mulher como eu fui, como foi tua mãe, como somos quasi todas as portuguezas. Não. Ella é *coquette* e a sua *coquetterie* é das peiores: occulta-se. Ella ama-se muito a si propria, e ama os outros por si, não por elles: Não comprehenderá nunca a velha phrase sentimental *O teu amôr e uma cabana*; no entanto achará muito natural que se matem por ella.

— A tia admira-me!... Ainda ha pouco, sahindo de casa de Laura, me disse a seu respeito as phrases mais agradaveis e encomiasticas.

— Ora pois! Que tem isso de espantoso? Eu não pensava fazer d'ella minha sobrinha, e para conviver agrada-me. E' sem duvida um espirito superior, uma intelligencia cultivada, que praz a quantos se lhe aproximam. Não é creança, não. Mas é tão gentil e tão formosa que obscurece a mocidade que se lhe avi-sinha. Foi isto que te disse e, bem vês que me não desdigo. Mas essas qualidades não são as que precisa



ter uma mãe de familia. Emfim devia saber viver mais para si e... menos para os outros. Viste tu nunca na minha casa tanta gente? E' verdade, esquecia-me de que no tempo em que eu tinha a sua idade, ainda tu não eras nascido. Pois olha que eu não era nenhum peixe podre. Os leões do Porto, janotas como Lisboa nunca os teve, chamavam-me *sal e pimenta*.

— Mas, minha querida tia, disse Henrique sorrindo, *sal e pimenta*, no tempo em que estamos, é o titulo de uma engraçada revista e parçe-me que em tempo algum seria grande amabilidade para dizer a uma senhora.

— Eu te digo, menino, é que tu não sabes como isto foi. Eu tinha, além do typo, a graça e elegancia d'uma hespanhola, e muito espirito. Esse ainda tu o conheces: não se enruga como a pelle. Um dia que eu disse ao Estevam Guedes, o mais gentil rapaz do Porto, que nunca lhe acceitaria a côrte, elle respondeu-me com um modo encantador: «Lamento-o, porque V. Ex.<sup>a</sup> é exactamente o meu ideal: graça no porte, e pimenta no espirito.» Desde então chamaram-me *sal e pimenta*, e eu tive muita vaidade n'isso. Se tu visses a graça andaluza com que eu sabia manejar um leque!

Posta n'este caminho, a velha senhora não parou na descripção dos seus triumphos passados.

Henrique ouvia-a pela centesima vez, mas como era muito amigo d'ella e sabia que lhe dava, escutando-a com attenção, um grande prazer, ia deixando-a fallar e pensava n'outra cousa.

— Terá razão a tia Margarida?

E o juízo da sua consciencia, hesitando entre as vozes do coração e da razão, não sabia para que lado se inclinasse.

— Tu não me *oubes*, gritou-lhe a velha senhora desapontada.

Henrique disse-lhe o seu cuidado.

Ella levantou-se da meza, beijou-o soffregamente e murmurou:

-- Querido, como eu desejava que a minha experiencia te pudesse aproveitar! Mas, é sabido, cada um aprende á propria custa. Permitta Deus que esta lição de italiano te não fique muito cara.

---

## VII

Laura, logo que Leonardo sahio, aproximou-se do espelho e, pegando no candelabro collocado sobre o toucador, examinou cuidadosamente a sua physionomia d'uma belleza notavel. Ficou contente comsigo e, trocando o vestido do serão, pelo seu amplo e flexivel roupão de sêda verde, deitou-se mollemente sobre a sua preguiceira. Emma assomou de novo á porta.

— V. Ex.<sup>a</sup> não quer que lhe faça as tranças?

— Não. Vá-se deitar, mas primeiro chegue para aqui aquelle velador com o copo d'agua e a cigarreira.

— Bôa noite, minha senhora. Não deseja mais nada?

— Mais nada. Bôa noite.

Laura accendeu um cigarro e, seguindo as espiraes do fumo a desfazerem-se no ar, monologava comsigo:

— Fiz bem? fiz mal? Em verdade-não sei. Amo eu ainda Adelchi?... Amo, é certo que amo. A sua saudade está sempre viva no meu coração, sempre viva. Mas então que especie de sentimento é o que me inspira Leonardo? Parece amôr... é amôr, não ha duvida nenhuma! Mas então eu amo Adelchi e Leonardo?... Não. Isto é monstruoso, não posso, não

quero, não ha de ser... E que sentimento me inspira Henrique?... Henrique é o homem que me lisonjeia a vaidade, aquelle que eu amaria se... se não existisse Adelchi... nem Leonardo. E comtudo eu não sou uma mulher leviana... nunca o fui; mas como é então que eu arranjo esta *mayonaise* de affectos? Não, em verdade não me sei explicar.

Passou a mão pela testa. Escaldava.

— Terei eu febre? Devo ter, isto não é natural.

Fechou os olhos, declarando a si mesma não querer pensar. Minutos depois, passaram-lhe confusamente diante dos olhos Leonardo, Adelchi, Henrique, Horacio... e... todos a queriam, todos a desejavam. Horrorisada, ella recuava até á parede, montava um cavallo negro e desapparecia no ar. Depois era Adelchi que lhe gritava: «Então foges-me? abandonas-me assim?»

E ella via-se de repente n'um cemiterio, ajoelhada n'um coval, onde florescia sempre-vivas e, abraçada á cruz negra, rezava commovida pelo descanso da sua propria alma.

Acordou tarde. O gaz ardia ainda e o sol illuminava todo o aposento. Tinha um pezo immenso na cabeça, uma fadiga enorme, e uma vaga reminiscencia de ter tido sonhos desagradaveis. Tocou a campainha, mandou preparar o banho e que lhe trouxessem o correio. Nada de Italia. Muitas cartas banaes. Sincera, ou amiga, nenhuma.

Ergueu-se, abriu a gaveta da commoda, tirou a pasta que conservava o retrato de Adelchi, abriu-a e olhou-o. Olhou-o demoradamente como se quizesse,

uma vez por todas, gravar na memoria as suas feições. Depois, fazendo violencia a si propria, rasgou-o e lançou-o no fogão; pegou nas tenazes, e tentou animar o fogo, que esmorecia, deitando-lhe mais achas. Viu a photographia consummir-se lentamente. Duas lagrimas desprenderam-se-lhe dos olhos, e atirou-se chorando para cima d'uma cadeira proxima.

Emma, que entrava, recuou espantada:

— Que tem, minha senhora, está doente?

— E' um incommodo ligeiro... sem importancia.

Tomou o seu banho, mudou o roupão e dirigiu-se para a livraria. Alli, installou-se sobre o *divan* e deu ordem que não receberia ninguem, ninguem... a não ser Leonardo. E, depois de hesitar um instante, ajuntou:

— Olhe, ninguem... nem mesmo o senhor Leonardo d'Oliveira.

— E... se elle insistir?

— Se elle insistir... diga-lhe que só das quatro em diante o posso receber.

Laura sentia contra Leonardo uma grande irritação. Ella vivia tão contente, tão feliz! Na vespera mesmo, a confissão de Henrique lisonjeára em extremo a sua vaidade de mulher, mas não a perturbára: ficára alegre, contente, feliz. Porque é que Leonardo com as suas exprobações lhe fizera vêr n'um segundo, nos olhos d'elle e no seu coração, o que ella não vira durante dez longos annos? Com que dircito lhe abrira elle os olhos á luz da verdade? Aborrecia-o n'este instante, odiava-o e... daria tudo para o não ter conhecido nunca. A campainha da porta fê-la estremecer...

Era elle... devia ser elle... Espreitou atravez das cortinas e, vendo que elle se retirava pezaroso, abriu a janella e chamou:

— Leonardo!...

Elle voltou-se rápido.

— Suba.

Leonardo entrou e veio ter á livraria.

Laura foi esperá-lo á portã.

Elle fitou os olhos nos d'ella:

— Esteve doente?

— Não.

— Então?

— Já digo tudo... Mas deixe-me descansar primeiro e... vêr por onde hei-de começar. Dóe-me muito a cabeça, sabe?

— Sei. Eu tambem não pude dormir e... calculei que lhe succederia o mesmo.

Laura arrastou-o para junto d'ella, collocou uma cadeira em frente do *divan*, e disse-lhe:

— Vá, sente-se ahi.

— E' muito longe, respondeu Leonardo sorrindo, prefiro estar mais perto.

E sentou-se junto d'ella.

Fez-se um longo e constrangedor silencio.

Por fim, Laura, tomando as mãos de Leonardo, disse-lhe em tom de censura:

— Para que voltou hontem a traz? Como nós estariamos bem aqui conversando amigavelmente sobre todos os assumptos, emquanto que agora, — vê, Leonardo? — nem mesmo sabemos o que havemos de dizer um ao outro.

— Engana-se... sabemo-lo demais: a difficuldade está em romper o frio dos primeiros momentos. Vá! Conversemos como de costume. Que fez desde hontem?

— Podia responder-lhe só que dormi, mas isso não seria exacto.

— Que fez então?

— Primeiro, no meu cerebro debateram-se ideias e sentimentos contrarios: o passado e o presente, ambos tão fortes que me ameaçavam sériamente o futuro. Tive febre e... creio que delirei. Quando dei por mim, era tarde. Venceu o presente. Com a luz do sol queimei o retrato de Adelchi, mas devo-lhe uma confissão, Leonardo; não sei se a sua imagem me deixará com a mesma facilidade com que o seu retrato deixou a minha gavêta.

— Não se preocupe com isso, Laura. E' um excesso de escrupulo. Garanto-lhe que não receio encontrar rivaes no seu coração.

— Mas receio eu. Detesto complicações... e tenho mêdo... um mêdo infinito de perder a paz do meu espirito. Sabe que o odiei hontem? que me irritei contra si além do que lhe posso explicar?

— Calculei tudo isso quando o porteiro me disse que não recebia e, se andei devagar, foi tambem por já ter calculado que me chamaria.

— Ó monstro! Assim contou com a minha piedade?

— Não, querida, contei com o seu... (e, baixando a voz, murmurou-lhe ao ouvido) com o teu coração.

Ha certos pormenores que têm uma importancia infinita em cousas de amôr. Um possessivo familiar como *teu*, pronunciado ao ouvido, produz o effeito

d'um choque electrico. Leonardo sabia-o... Elle tinha vivido tanto!... E agora que se julgava prestes a perder a affeição sobre a qual repousava toda a sua felicidade moral, estava decidido a empregar todos os recursos da sua velha experiencia para segurar o coração de Laura. Tendo-lhe murmurado aquelle inesperado *teu*, aproveitou-se da confusão que ella deveria sentir e, estreitando-a com fôrça nos braços, deu-lhe um beijo, longo e ardente, que foi para Laura uma inteira revelação. Depois, afastou-se respeitoso e murmurou timidamente:

— Perdôas?

Laura lançou-lhe os braços em volta do pescoço e, sentindo pela primeira vez a alegria immensa de viver, retribuiu-lhe o beijo com igual ardor.

— Não, não perdôo. Has de o pagar.

Aquelle dia passou rapido como um sonho. Leonardo jantou em casa de Laura e, á noite, quando os amigos do costume chegaram, Laura communicou-lhes que, sentindo-se adoentada, ia passar o mez seguinte no Bussaco.

— Parte por minha causa? perguntou Henrique pezaroso.

— Não, meu amigo, juro-lhe que não tem a menor responsabilidade n'este acto meu.

— Então, para que vae para o Bussaco n'uma época tão incommoda?

— Vou vêr se consigo que o presente vença o passado.

— E se o conseguir?

— Serei feliz.



— E eu?

— Não sei.

E, pondo-se séria, affirmou:

— Garanto-lhe que não conta por nada nas minhas resoluções.

Henrique regressou a casa cabisbaixo, e d'esta vez Laura não teve insomnia.

## VIII

No meio do seu toucador, em pé, Laura indicava a Emma as peças de roupa que devia guardar.

— Olhe, aquelle vestido rôxo... o casaco castanho... ponha lá tambem isto.

— Mais nada?

— N'esta mala mais nada. Mas na outra não esqueça as telas e cartões: os pinceis e as tintas já estão guardados.

Bateram discretamente uma pancada na porta.

— Veja quem é.

— O Pedro diz que está alli uma senhora que deseja fallar a V. Ex.<sup>a</sup>

— Diga que estou doente e dei ordem que não recebia ninguem.

— Já lh'o disse, minha senhora, mas ella diz ser a tia do senhor Henrique, e teima em fallar com V. Ex.<sup>a</sup>

Laura encolheu os hombros com enfado:

— Pois bem, diga-lhe que entre. Introduza-a na sala azul. Eu desço já.

Ageitou os cabellos ao espelho, lançou sobre os hombros uma manta de rendas brancas, e desceu.

Na sala, a senhora D. Margarida de Lencastre e Tavora, vestindo um sumptuoso vestido de velludo preto, elegante demais para a sua avançada idade, admirava com attenção uma esplendida tela, sahida do pincel de Gandara, o pintor das elegancias parisienses, representando Laura em trajo de baile.

— Desculpe-me ter-lhe forçado a porta, mas — que quer? — tinha tanto interesse de a vêr... de conversar comsigo!...

— Fez muito bem. Causa-me uma agradavel surpresa a sua visita, minha senhora, creia.

— Como V. Ex.<sup>a</sup> sabe, sou uma mulher provinciana, e na minha terra, pequena, mas bella como nenhuma outra, as mulheres, dotadas de qualidades viris, não se parecem muito no moral com o resto do seu sexo. A franqueza, dom que as lisboetas mal conhecem, está desenvolvida em nós até á rudeza. Assim, quando temos algum assumpto a tratar, vamos directas ao fim e expomos a questão sem ambages, seja a quem fôr.

Laura, admirada da desmedida prolixidade da boa senhora, escutava com curiosidade e interesse.

A velhinha fez uma pausa, e vendo que a italiana lhe não respondia nada, continuou:

— Como sabe, sou muito affeiçãoada a meu sobrinho. Para lhe poupar o menor dissabor não acharia demais o sacrificio da minha propria vida. Elle resume para mim o universo. Não tive filhos, e puz em Henrique tudo que o meu coração de mulher encerra de dedicação. Comprehende depois d'isto, embora o não ache natural, que eu lhe peça que poupe o seu coração?

— Abranjo perfeitamente a ideia que a traz aqui, minha senhora. Mas vem enganada. Eu nem sou uma *coquette* nem uma *cocotte*, e não fiz nada... absolutamente nada, para perturbar o coração de Henrique.

— Mas elle ama-a...

— Sei-o. Disse-m'o elle antes de hontem e causou-me n'isso uma viva surpresa. Tanto o julgava meu irmão que nunca me pude capacitar que o não fôsse. Soffri.

— Creio-a ; mas não foi apenas para conversar sobre esse assumpto que aqui vim. Vim... para lhe pedir... para lhe supplicar que, se não puder amá-lo, lhe mostre uma completa impossibilidade, um obstaculo real. Seja brutal, minha querida senhora, mas arranque-lhe, d'uma vez só, todas as illusões.

— Ser brutal é tão difficil para mim!... Depois, Henrique é um dos meus melhores e mais queridos amigos... A sua intempestiva paixão nem mesmo lançou frio na nossa velha amizade: é tão grande! tão forte! tão sincera!

— N'esse caso não me parece que o sacrificio seja enorme, nem impossivel transformar esse grande affecto em amôr.

— É. Porque amo outro.

— E... esse outro póde competir em tudo com o meu Henrique?

Laura córou, hesitou e, tomando as mãos da tia do seu apaixonado, disse-lhe :

— V. Ex.<sup>a</sup> conhece-me muito superficialmente, mas, já que veio para mim de coração nos labios, mostrar-me-hei digna da sua confiança.

E, sem omittir nada, contou a sua paixão pelo cunhado, a sua sincera affeição por Leonardo e Henrique, tudo que passára com os dois e, até mesmo, o seu sonho tumultuoso que lhe deixára n'alma uma derradeira impressão de dôr.

A senhora D. Margarida ouvia-a muito attenta, sorvendo de espaço a espaço uma pitada, enrolava e desenrolava o lenço tabaquero, e exclamava de quando em quando:

— Diga, diga, minha querida. Ora pois, não ha nada mais bello do que a sinceridade! Vamos... e *dipois?*...

Laura disse tudo, tudo; mesmo aquillo que ella propria não sabia: — a grande parte que Henrique tinha no seu coração.

A senhora D. Margarida estava muito pallida quando Laura acabou de fallar, e foi commovidamente que por sua vez tomou a palavra:

— Que de cousas a sua voz veio acordar no meu coração! Ah! que elle não envelhece nunca e revive na dôr alheia a propria dôr! Eu tambem, tambem amei... E, pelos mil preconceitos com os quaes desde o berço nos estragam a rectidão do juizo, vi-me levada pelo meu nascimento e educação a casar com um, amando outro. Horas de luto, horas d'inferno e dôr, vivi durante quinze longos annos. A minha alma, ás minhas crenças, tudo, tudo foi devastado pela desesperação. No meu íntimo estabeleceu-se um dualismo horrivel, e amei em Pedro o que me faltava em João, e em João o que não tinha em Pedro. Ambos perceberam rapidamente que eu não era para nenhum o que

devia ser. Exprobações, ciumes, ameaças, tudo foi em vão. Eu amava-os a ambos e não queria sacrificar nenhum. Era horrível!... Depois, nunca soube mentir e a minha estúpida sinceridade creava o meu tormento e o alheio. Começou a crescer entre nós o muro do ressentimento e eu via-o todos os dias elevar-se mais e mais... Sabia que as nuvens, amontoadas sobre mim, se desencadeariam em forte tempestade e não tinha força para tomar uma resolução. Tomaram-n'a elles. Alcinhando-me de egoista, perversa, e de quanto se lembraram, abandonaram-me ambos. Pedro, um dia, sem nada me ter dito previamente, enviou-me um bilhete com estas palavras: — «Margarida: Amei-te demais, e, não podendo nem sabendo amar-te menos, parto. Adeus!» — Eu não podia viver sem elle. Se João era o meu corpo, Pedro era a minha alma. Adoeci; e no delirio da febre contava toda a minha desventura. Logo que me consideraram livre de perigo, João, que o meu delirio elucidára, partiu por sua vez. Fiquei só. A dôr aniquilou-me momentaneamente o espirito. Venci-a. Ninguém soube nunca o motivo que levou meu marido para a America do Norte, nem o que deu origem á partida de Pedro para Londres, onde mais tarde casou com uma rica industrial. Não os vejo nunca no meu espirito senão a par, e amo-os como se formassem um só... Não conheço nada mais pungente.

— Vivem ainda? perguntou timidamente Laura.

— Não, minha filha. Eu sou muito velha. Deus tem-me concedido longa vida para me fazer sentir quanto me falta. *Depois*, o coração é tão novo!... tão novo sempre!... Não vê como eu choro? Emquanto

as lagrimas cahem, é porque o gêlo dos annos ainda nos não paralisou os sentimentos. E' um bem? E' um mal? Eu daria tudo para o saber.

Fez-se um silencio. A senhora D. Margarida assoou-se, tomou nova pitada e continuou com voz persuasiva:

— Mas fallemos de si, querida. Adelchi, creia-me, já não é nada para o seu coração. Laura soffreu no seu amôr e no seu orgulho. D'ahi, a lembrança constante d'uma illusão, perdida depois de longamente affagada. Leonardo, não. Esse ama-o tanto que o seu coração fallou immediatamente logo que suspeitou que elle soffria. Emquanto que o meu pobre Henrique não é bastante amado para valer o menor sacrificio... nem mesmo o de perder a sua amizade para que elle não soffra tanto.

— Mas é que a sua amizade é-me tão querida!... Não lhe bastou a minha durante tauto tempo?

— E a Leonardo?

— Tem razão. Para que fallei eu? Podia continuar a viver feliz entre elles, e... e quem sabe se, irreflectidamente, perdi para sempre a paz?

A senhora D. Margarida sorriu finamente.

— Como eu errei no juizo que formei a seu respeito, minha amiga. Tem trinta annos, viveu sempre independente e desconhece tão completamente a vida!

— Acredita então que isso fosse impossivel?

— Por certo, minha filha, por certo. Elles são homens... a menina é bella e instruida, feita para amar e ser amada. *Dipois*, como ignora o que na sua idade se sabe demais, a sua propria familiaridade lhes im-

põe respeito. Abriu-lhes o seu coração, lêram ahi como n'um livro e amáram-n'a... Era fatal. Eu mesma, que estava cheia de prevenções contra si, parece-me que a estimo já como se fôsse minha filha. E porque o não será? Um beijo é tudo que a liga a Leonardo... Um beijo é tão pouco. E se nós o esquecessemos?

— Para mim um beijo é tudo.

E, ruborisando-se, ajuntou mais baixo:

— N'esse beijo, eu, que ignorava o amôr, dei-me inteiramente... Não poderei nunca esquecê-lo.

— Tenho pena, por si e por Henrique. Estavam talhados um para o outro. Seria um lindo par, d'uma completa harmonia *physica*...

E a velha senhora, sensual ainda até á medula, carregou na ultima palavra, como se ella pudesse ter para Laura um valor decisivo.

A italiana não a percebeu.

Notando-o, levantou-se suspirando, estreitou nas suas mãos engelhadas a formosa mão de Laura, e disse-lhe n'um tom peremptorio:

— Vou mandar-lhe Henrique. Espero da sua lealdade a franqueza necessaria para lhe não estragar o futuro... Adeus, minha boa amiga. Se algum dia sentir a imperiosa necessidade da confidencia, eu cá estou... Venha ter commigo. Não a consolarei, mas partilharei a sua dôr e, o que é raro, não folgarei com ella, nem a divulgarei.

Laura acompanhou-a á porta, e voltou para dentro mal comsigo e com ella, murmurando:

— Ó minha paz! que fiz de ti? Henrique!... Hen-



rique!... Ai, como eu soffro com a ideia de o perder para sempre!...

E, aniquilada, immovel, ficou ali abstracta horas seguidas como que esmagada pelo pezo da sua desventura.

Um passo leve, abafado pelo tapete, fez-se ouvir na sala proxima e Leonardo appareceu no limiar. Parecia outro. Não que o seu vestuario fosse mais cuidado que de costume; mas nos seus bellos olhos azues havia uma alegria infinita, e o bigode castanho, tão claro que parecia loiro, mais cuidadosamente retorcido, dava-lhe uma expressão de triumpho. Approximando-se de Laura, a emoção rosava-lhe violentamente as faces, e as mãos tremiam-lhe estreitando as d'ella.

Laura olhou-o nos olhos e esqueceu tudo. Lançou-se-lhe violentamente nos braços, exclamando:

-- Salva-me, Leonardo, salva-me de mim mesma. Elle fitou-a inquieto.

Então Laura, sem desviar o olhar, contou-lhe tudo.

Leonardo, ora empallidecia, ora se afogueava.

Quando ella terminou, estreitou-a com força nos braços e beijou-a longamente:

— Tu és minha, e não serás d'outro. Eu tenho-te nos meus braços e não te deixarei fugir. Descansa.

— Mas que é isto? Que é isto que eu sinto, meu amigo? E' só amizade? E' mais do que isso? Vê, vê tu: analisa-me a frio com a tua poderosa razão.

— Tu não o amas, Laura; estima-lo muito, e a tua excessiva sensibilidade soffre do desgosto que lhe cau-

sas. Deves ser franca com elle. A senhora D. Margarida tem razão.

Laura occultou-lhe o rosto no peito e murmurou:

— Não quero estar só com elle... tenho medo.

— Medo de quê?

— Não sei... Se eu não estivesse só comtigo, nunca te teria beijado antes de o dever fazer.

— Foi crime?

— Quasi. Tenho a consciencia pezada e perdi a minha tranquillidade...

— Então?

— Não estou bem perto de ti. Ha momentos em que não ousa olhar-te. Depois, esta agitação de todo o meu ser! Não sei, não comprehendo o que é, mas... faz-me mal.

Leonardo sorriu e, puxando-a mais para si, murmurou-lhe baixo:

— Olha-me... Assim. Tu dizes que não precisamos nunca de palavras para nos entender. Olha-me...

Olharam-se tanto, tanto, que as lagrimas correram-lhes pelas faces. Leonardo beijou-a na testa e perguntou-lhe meigamente:

— Então?

— Compreendi.

— E não o esquecerás?

— Não, nunca. Pobre Henrique!... que lhe hei de dizer?

— O que o teu coração te dictar. Mas socega, eu ficarei comtigo.

— Diante de ti?! pois eu hei de fallar-lhe diante de ti?!

— Então não receias ficar só? Não disseste que tinhas medo... de ti?

— Sim, tenho. Mas um terceiro n'um caso d'estes... e quando o terceiro é preferido...

— Dizes bem. Mas elle não precisa vêr-me nem saber que eu eston cá. Ficarei alli, detrás d'aquella porta e, se vir que a minha propriedade corre risco, apparecerci. Agrada-te?

— Contanto que Henrique o não suspeite... Não quero de modo algum feri-lo.

— Nem eu.

— Comtudo parece-me que o estimas menos?

— Que queres? Fez-me soffrer muito em pouco tempo.

— Mas elle, coitado, nem de longe suspeitava que te causava pena.

— Bem sei, mas isso não impede que eu a tenha sentido.

— Não te faças agora rancoroso...

— Sabes demais que nunca o fui. Mas nós, os homens, sômos muito semelhantes aos gallos: não gostamos de outro na nossa capoeira.

— Mas tu conheces o Henrique desde sempre, e nunca te assombrou a nossa grande amizade.

— Mas é que hontem não é hoje. Eramos todos irmãos. Eu tinha-me habituado a ser o preferido e ninguem o estranhava. Em quarenta e oito horas as nossas mutuas situações mudaram completamente. E isto é que é um facto: sômos dois homens a querer a mesma mulher.

— Mas isso não é uma razão...

— E' tal. Essa mulher, embóra me dê a preferencia, sente-se tanto em perigo por amôr do outro que me pede *que a salve de si mesma*. Se eu a não conhecesse, pegaria no chapéu e sahiria para não voltar. Assim, aperto-lhe a mão e digo-lhe: «Não temas nada. Eu estou aqui e tenho bastante confiança em mim para saber que será sempre meu o que eu quizer que seja.»

E, fitando as sombrias pupillas da italiana, disse-lhe n'um tom de que elle conhecia demais o effeito:

— Quero-te... E's minha.

Qual será a mulher que tenha amado e não conheça o poder d'esta phrase murmurada ao ouvido?

Ficáram-se de mãos dadas, perdidos n'um longo sonho. De repente, Laura ruborisada, disse-lhe:

— E' preciso ultimar quanto antes o nosso casamento.

— Porquê? perguntou Leonardo admirado.

— Tenho um ciume horrivel de ti... tenho lido muito... sei. Tu disseste-me que me amarias com o meu proprio amôr. E' forçoso cumprir... Mas, se vês que me não podes guardar fidelidade absoluta... então vae-te... Não me tortures.

— A que ideia obedeces tu para me fallares assim?

— E' que me lembro do teu passado, lembram-me as tuas confidencias, e... instruíste-me muito em poucas horas... Temo o futuro...

— Como és creança apesar da idade!

— Quando casamos?

— Quando tu me disseres que estás bem certa de

me querer. Quando o teu amôr não offerecer uma duvida ao teu proprio coração.

Laura assustou-se.

— E se isso não succeder nunca ?

— Separar-nos-hemos para sempre.

— Não tens o direito de me fugir, exclamou Laura exaltada. Apertáste-me nos braços, beijáste-me nos labios: sou tua diante de Deus.

— Porém...

— Eu posso ser responsavel dos meus actos, mas do pensamento, que sobe, sobe sem que eu o possa seguir, como ?

Leonardo ficou silencioso.

— Não, tu já não tens o direito de te afastares de mim e, se o fizeres...

O olhar chammejou-lhe de colera e com voz rouca, cava, quasi extincta, concluiu :

— Não ficarás impune: matar-te-hei.

Uma alegria infinita inundou a alma de Leonardo e veio pressurosa espelhar-se-lhe no olhar. Elle baixou as palpebras para que Laura a não visse :

— Morrer ás mãos do ser amado, quando a vida nos não reserva senão penas, deve ser uma delicia d'alma.

— Então mata-me, mas não me deixes.

E Laura fundiu-se em amargoso pranto.

Leonardo, commovido, enxugou-lhe as lagrimas com beijos e, penalizado da crise que conscientemente provocára, dizia comsigo : — « Era preciso, era urgente saber ao certo até que ponto o seu coração é meu. »

— Depois, alto, accrescentou :

— Estás nervosa, Laura. Queres tu ir dar um passeio ao campo?

— Vens commigo?

— E a opinião publica?

— Passando por ella com a velocidade d'um automovel nem dará por nós.

Leonardo riu e Laura correu a vestir-se.

Momentos depois voavam pela estrada do Lumiar em direcção a Cintra. Chegando ás suas proximidades, n'um valle amêno, fertil e sombrio, apcaram-se, merendaram, bebendo do mesmo copo e trocando as mil alegres garridices d'esse estado d'alma tão visinho do ceu e da loucura.

Esquecidos de tudo, apoiados um no outro, cmbrenharam-se numa matta pequena e viçosa.

Como era bella alli a natureza!

A vegetação uberrima, d'uma frescura e suavidade sem limites, tinha todas as tonalidades, desde a esmeralda ao verde negro, e as aguas do ribeiro, que corriam mansas, pareciam sussurrar brandamente ternas phrases de amor que as aves aprendiam e soltavam em notas dôces e ardentes, em que se trahia a immensidade do grande sentimento que a todos nos rége. A brisa, passando ligeira pela frondosa ramaria das arvores, fallava-lhes do segredo eterno. E as lavadeiras, batendo a roupa nas pedras e cantando, revolviam na sua e na alma alheia um gozo violento e triste que a palavra não traduz. Tudo alli fallava de amôr.

Laura e Leonardo sentaram-se n'um tronco de arvore derrubado, e, sentindo nas suas almas uma harmonia infinda com quanto os rodeava, não falla-

ram. As suas mãos unidas transmittiam-se as menores sensações e, sem se olharem por receiarem lêr demais nos seus olhos, sentiam fortemente o gozo de viver.

Quem não tem na sua vida um momento assim ignora um dos melhores bens da terra: a visão do infinito.

Uma das lavadeiras cantava :

O' agua que vaes correndo,  
Não vás meu pranto levar.  
E' fogo d'alma, que ardendo,  
Transforma em chammas o mar.

Ai de mim! De pequenina  
Sempre n'agua debruçada,  
Vi um rosto de menina  
Tornar-se em cara engelhada.

As outras respondiam em côro :

A roupa bate na pedra,  
Vai-se tornando nevada.  
Assim a virtude medra  
Quando a vida é trabalhada.

E a primeira tornou:

A vida corre p'rá morte,  
As aguas correm p'ra o mar;  
Mas attingindo o seu norte  
Afiml onde irão dar?

Meus olhos viram as aguas  
Reflectirem seus amôres.  
Viram depois muitas maguas,  
Contaram-lhes muitas dôres.

As outras tornaram a repetir o estribilho :

A roupa bate na pedra,  
Vai-se tornando nevada.  
Assim a virtude medra  
Quando a vida é trabalhada.

A que cantava sósinha, volveu :

Ao coração, seu pezar  
Nem mesmo a velhice acalma.  
O' sêde eterna de amar!  
O' sêde infinita d'alma!

O' aguas, quando os meus dedos  
Vos não possam revolver,  
Se guardastes meus segrêdos,  
Bem me podeis recolher.

Fechai-vos, porém, aos prantos  
Da minha alma a rescaldar :  
São tão pungentes e tantos,  
Farão trasbordar o mar.

As companheiras repetiram ainda :

A roupa bate na pedra  
Vae-se tornando nevada :  
Assim a virtude medra  
Quando a vida é trabalhada.



— Que immensa poesia, Laura, teem os cantares do povo! Como o seu espirito singelo comprehende bem a natureza! como exprime com propriedade e elegancia os seus pezares! Não os admiras?

Laura olhou-o e sorriu.

— Vês tu? tornou Leonardo, é n'estes momentos da vida, quando mais em contacto com a natureza, que eu comprchendo Deus, que o admiro na belleza da sua obra, desde o calice da mais humilde flôr até á alma humana, a sua obra mais perfeita: quer cheia de luz, como a dos poetas, ou de trevas, como a dos criminosos, é sempre uma obra grandiosa e bella, cujo estudo é d'um supremo encanto.

Postos n'este caminho, os seus espiritos irmãos não podiam parar. Communicando um ao outro o seu calor, transmittindo-se a sua mutua exaltação, subiram tão alto que, perdidos no espaço da sua exuberante fantasia, julgando-se incorporcos, experimentaram a saciedade do espaço, o antegosto da vida unicamente espiritual.

O sol, que se afundára n'um manto de roxeada purpura, deixou no azul do firmamento a immensa saudade da sua lenta agonia, chamando-os pela tristeza á consciencia do proprio ser.

— Assim são sempre as alegrias, disse Laura. Mesmo as melhores teem o seu travor.

— Vamos, que n'esta o travor é bem pequeno...

— Mas não é isento de lagrimas. É verdade que sem ellas não existe o verdadeiro gosto espiritual... Que estranha condição a do nosso ser!

— Bem, basta! disse Leonardo sorrindo. Ahi par-

timos nós de novo para as nossas viagens de ideal, mas é preciso lembrarmo-nos que temos o tempo restricto para chegares a casa a horas a que os nossos amigos não estranhem a tua ausencia.

— Tens razão, vamos.

E, lançando um ultimo olhar áquelle poetico logar, voltaram para Lisboa, cansados, exhaustos por aquella orgia espiritual, mas... promettendo recomeçá-la.

Ou elles não fossem humanos.

---

## IX

Depois de jantar Henrique dispunha-se a sair, como de costume, quando a tia lhe disse:

— Sabes, menino? Tenho qualquer coisa a dizer-te...

— Sim? Então porque o não fez durante o jantar?

— Não era conversa para a mesa, filho. A comida quer-se feita com repouso... Será melhor até guardarmos isso para quando recolheres.

— Não sei se virei tarde. Não quero que me espere: isso incommoda-a.

— E amanhã de manhã?... em jejum...

— Está com taes precauções que me assusta. Vejamos, de que se trata?

— Fui hoje visitar Laura: devia-lhe ha muito essa attenção.

— Ah! exclamou Henrique.

E veio sentar-se, attento e perscrutador, em frente da tia.

— Fallei-lhe de ti, do muito que te estimo, disse-lhe quanto desejava ver-te bem casado e quanto ella me agradara para ti. Foi gentil: abriu-me o seu coração e disse-me, meu pobre filho, que não te podia amar... porque... porque amava outro.

— Mas isso já nós sabíamos.

— Não, Henrique, não sabíamos que esse outro era Leonardo.

— Ella disse-lhe isso?!... Leonardo e Laura!... Laura e Leonardo? Mas isso é uma monstruosidade!... isso não póde ser.

— No entanto é a verdade. Ella accusou-se de ainda t'ó não ter dito, mas não o sabia. Foi interrogando o proprio coração, que...

— Por isso Leonardo ficou tão contrariado. Por isso elle se mostrou certo de que Laura o amaria, se elle quizesse. Mas porque me não disse ella a verdade? Co'a bréca! Um homem póde ouvir tudo.

— Fiz-lhe sentir isso mesmo. Mostrei-lhe que não eras uma creatura vulgar e tinhas muito orgulho e dignidade para mendigar uma affeição que se te recusa.

— Claro. Fez bem...

E, apoiando os cotovellos na borda da mesa, rompeu n'um impetuoso chôro.

— Chóra, meu filho, chóra. As lagrimas livram-nos muita vez de enlouquecer... são o unico lenitivo dos tristes. Chora.

E ao longo das faces encarquilhadas de D. Margarida corriam duas lagrimas ardentes e silenciosas que foram esconder-se nas rendas negras do vestido.

Quando Henrique socegou mais, a bôa senhora continuou:

— Ella pediu-me que te mandasse lá. Queria ella mesmo dizer-t'ó. É muito tua amiga e não deseja, nem quer, perder a tua velha amizade.

— Não quer perder a minha velha amizade! En-

tão essa mulher crê possível que eu a veja ligada a outro? que frequente a sua casa? que lhe falle? Crê possível que eu torne a vê-los juntos, sabendo quanto acabo de saber? Mas, se não está louca, parece-o...

— Não, Henrique, não está. Estima-te muito, muitissimo, mas, como não partilha o teu amôr, não o comprehende. Eu entendo que devias ir a sua casa. É um sacrificio... bem sei; mas mostrarias que não morres de desgosto e que te conformas sem custo.

— Não, minha tia, não tenho mais nada que lhe dizer nem que lhe ouvir. Quanto ao resto, o meu desgosto é muito grande para me preoccupar com o que podem pensar d'elle.

Fez-se um longo silencio. Por fim Henrique perguntou:

— Leonardo sábe que ella o ama?

— Sim.

— Então já fallaram no assumpto?

— Já.

— Pelo que vejo, ella contou-lhe tudo?

— Tudo. Tu tinhas razão: Laura não é uma creatura vulgar.

— Seja franca por sua vez, tia: repita-me a sua conversa na integra.

D. Margarida accedeu aos desejos do sobrinho, mas, conhecendo-lhe o temperamento, diminuiu n'uns pontos, exaggerou n'outros e, quando terminou, estava certa de cantar victoria.

Como se enganava! A fôrça, que nos rége, varia de sexo para sexo e de ser para ser; e entre o seu modo de encarar e discriminar factos e o de Henri-

que havia uma differença incalculavel, a que a propria idade não era estranha.

— Então elles são felizes? amam-se? vão casar? e eu?... eu?... que será de mim?

— Então tu julgas que não ha mais mulheres no mundo?

— Que me importa, se só aquella é que eu quero?

— A um homem como tu não faltam noivas. Tens um unico embaraço: o da escolha.

E fez-lhe desfilar diante dos olhos uma longa serie de imagens, mais ou menos bellas, cujos nomes e attributos a bôa senhora ia declinando.

Henrique não a ouvia. Sorria-lhe um unico pensamento: casar primeiro do que Laura, e com uma mulher tão formosa, que, exteriormente, ella se sentisse humilhada da comparação.

Communicou á tia a sua ideia.

A tia Margarida abanou a cabeça em signal de reprovação e affirmou-lhe que ia sacrificar o futuro a uma vingança estúpida e inutil.

Foi em vão que tentou dissuadi-lo. Por fim perguntou-lhe:

— Afinal sempre vaes a casa de Laura?

— Não, minha senhora, nunca mais lá volto.

— Ella vae julgar que não te transmitti o seu recado.

— Eu vou escrever-lhe. Volto já.

A tia, por um excesso de maternal cuidado, seguiu-o.

Depois de pensar breves instantes, Henrique tomou a penna e escreveu o que segue:

*Minha bôa amiga.*

A tia Margarida disse-me que V. Ex.<sup>a</sup> estranhára hontem a minha ausencia e me ordena de ir hoje ahi.

Depois da conversã que tivemos e, sobretudo, das ultimas palavras que lhe ouvi, parece-me inoportuno, não só vê-la, mas até mesmo avistá-la. Eu desprezo a tristeza e, quando uma doença me ataca, defendo-me energicamente. Que é o amor senão uma doença moral?

Por agora o tratamento a seguir é a ausencia.

Logo que esteja completamente restabelecido, irei beijar-lhe a mão e desculpar-me da desobediencia.

Creado e amigo dedicado

*Henrique.*

— Que tal acha, tia? perguntou elle quando terminou a leitura da carta.

— Muito bem. Talvez um pouco secca de mais... mas... isso é natural. Ainda que, no fim de tudo, a pobre creatura não tem culpa de te não amar.

Henrique olhou a tia admirado:

— Desculpa-a?

— De certo. Sou justa.

— Não é. Laura procedeu commigo como uma *coquette*. Ella disse-me ainda: Se eu pudesse amar, amá-lo-hia, Henrique, e...

— Ahi tens um dito natural. Coitada! Ficou com pena de te causar desgosto.

— A tia hontem estava cheia de prevenções contra ella...

— Cahiram por si quando a estudei de perto.

— Eu tinha-o previsto. Que pena!

E, accendendo de novo um cigarro, Henrique voltou-se para a janella para occultar da tia as lagrimas que lhe borbulhavam nos olhos.

— Já não sahes?

— Não, tia. Eu ia vê-la. Tinha ainda a loucura de julgar que era possivel alguma cousa entre nós. Agora que vou lá fazer? Não sei... Eu já não tenho um lugar alli.

— Olha, sabes o que eu fazia no teu caso? Deitava-me.

— Não. Parece-me que não poderia dormir.

— Tenta pelo menos, filho. O somno é, depois das lagrimas, o unico bem dos desgraçados. Um somno profundo, que é a imagem da morte, ou povoado de alegres sonhos, quadros dôces, que a nossa fantasia inventa e que o nosso coração desejaria viver, é reparador. Dorme.

— Tomarei o seu conselho, tia; queira Deus que me aproveite.

— Quer, qucr. Deita-te. Eu já venho vêr se estás bem coberto. Emquanto te despes vou mandar esta carta ao seu destino.

Henrique despiu-se rapidamente e deitou-se na cama. Os seus nervos, batidos por terriveis sensações, doíam-lhe todos; os ossos do seu corpo pareciam partidos, e na cabeça pezada, ardente, dolorida, sentia que se lhe enterravam mil pregos de dôr aguda. Tinha a sensação de estar tão débil como uma creança e as lagrimas corriam-lhe de manso por entre as palpebras semi-cerradas sem que elle tivesse animo de as cn-



---

xugar: Não ha como a dôr moral para abater os fortes.

A tia Margarida entrou no quarto pé ante pé:

— Já dormes?

— Não, tia.

— Toma um pouco de chloral. Verás que te faz bem.

Henrique acceitou.

A bôa senhora accendcu-lhe a lamparina, conche-gou-lhe a roupa ás costas e, depois de ter rezado sobre o sobrinho um credo em cruz, sahiu do quarto nos bicos dos pés, murmurando:

— Deus te faça feliz na terra, e santo no ceu.

---

Laura e Leonardo, sentados na livraria, junto do fogão, olhavam em silencio a chamma, ouvindo a chuva fustigar asperamente as vidraças das janellas.

— Em que pensas, querida ?

— Na tristeza infinita, a que pela nossa condição humana estamos votados. Tu não imaginas a dolorosa impressão que me causa o gemer do vento. Não imaginas que de cousas tristes elle me diz.

— Já m'o tens contado.

— Sim, d'antes era natural. A amizade, como a sinto e comprehendo, não é vulgar; e, discriminando factos, (é sempre por elles que eu julgo) vi que as que me rodeavam não tinham a profundidade da minha. Era, pois, natural que n'estes dias, em que a natureza se pranteia despovoada, eu me comparásse a ella na desolação; mas hoje, que o teu amôr me é um quente e carinhoso abrigo, não percebo.

— Então a minha amizade tambem te parecia menor que a que tinhas por mim ?

— Parecia. Queres que seja absolutamente sincera ?

— Necessito-o.

— Pois bem, tu mostravas-te mais frio do que os outros, o que me fez crer muita vez que preferias a amizade de pessoas estranhas á minha.

— E isso não te magoava?

— Não. Fazias-me muita falta, muita, mas eu sabia que não tinha direitos sobre ti e achava naturalissimo que fôsses para onde te chamava o coração. Porém, deves tê-lo notado: a seguir a uma longa ausencia, sem estudo nem premeditação, tratava-te com frieza e vingava-me rodeiando os outros de attenções e amabilidades que não tinha para ti.

— Notei muito essa tactica e regosije-me com ella. Sabes? Estou a vêr que os nossos amigos não apparecem hoje: são quasi nove horas.

— Não admira, com o temporal que está! Olha, bem gostava. O amôr, quando bem correspondido, é egoista. Se elles não viessem...

— Que fazias? perguntou Leonardo sorrindo.

— Sentava-me ahi a teus pés, com os olhos nos teus e as tuas mãos nas minhas, e estudaria no livro immenso que encerram as tuas pupillas de turqueza, as modulações suavissimas, mais raras e infinitas, d'esta aspiração divina que se chama amôr.

As palpebras de Leonardo estremeceram e um colorido subito se lhe espalhou nas faces. Com voz que tentava conter uma forte emoção, exclamou:

— O' minha amada! Como as tuas palavras entornam na minha alma ondas de harmonia! como ellas me transportam ao ceu!... Vem!...

Laura mostrou-se receiosa.

— Mas se elles chegarem? Tu crês que nada

trahirá em nós esse extase d'alma que nos dá a mutua contemplação do nosso olhar? Não nos suspeitarão?

— És, ou não és, uma mulher superior a preconceitos sociaes?

— Sempre fui.

— Então que te importa que julguem que me amas hoje, quando sabêrão que amanhã serei teu marido?

— Ainda o não és.

— Não sou? perguntou Leonardo n'um tom triste. Laura correu a lançar-se-lhe nos braços.

— És: és tudo para mim. Faze de mim o que quizeres: sou tua.

— Até que enfim! Laura, é essa a verdadeira expressão do amôr, era por ella que eu esperava...

E os seus labios collaram-se n'um longo e apaixonado beijo, beijo que se tornou quasi feroz. Leonardo já não via senão a sua paixão. Laura não tinha outros desejos que não fôsem os d'elle. A razão obscureceu-se-lhes e os seus olhos deixaram de vêr...

Resoavam passos no corredor. Era tempo. Um momento mais, e estas duas almas gemeas lamentariam de todo o coração a falta commettida. Horacio, entrando, notou a commoção dos dois, e Leonardo, pressentindo-o, disse-lhe:

— Chegas a proposito, meu caro, encontras-me ainda commovido. Acabo de fazer a Laura a confissão do meu amôr e de lhe pedir a sua mão.

Laura concluiu:

— Escuso de lhe dizer que foi attendido da melhor vontade.

Horacio ficou interdito; por fim abraçou Leonardo e Laura, exclamando com pasmo:

— Quem havia de dizer! A Laura! a nossa Laura!... E... então nós? A nossa amizade?

— Fica-lhes intacta, meu caro. E' tão differente do amôr! affirmou Leonardo.

— É. Mas o que é certo é que, fazendo-me vocês habitualmente tanta falta, hoje, com franqueza, não a senti.

— Vês, Leonardo, a bôa obra que nos vieste fazer com o teu intempestivo amôr?

— Pois bem, casem-se, como nós, e não se arrependirão.

— Pois isto é só casar! Não que elle encontram-se Lauras a cada passo.

— Vamos, Horacio, não quero que seja invejoso. Vou dar-lhe uma novidade que nem suspeita.

— E é?

— Que Zilda vale bem Laura.

— Zilda?! Que ideia é essa?

— Homem sonhador e fantasista que passas na terra sem a olhar!

— A que vem essa exclamação?

— Então, é verdade, Horacio? Você ainda não notou a immensa paixão de Zilda por si?

— Dou-lhe a minha palavra de honra que não. Isso é sério?

— Não é verdade, Leonardo?

— Ha, pelo menos tres annos, que Laura me fallou n'isso a primeira vez.

— Então porque m'ò não disse?

— Por uma razão muito simples : gosto de conservar os meus hábitos e de me vêr rodeiada dos meus amigos. Eu sei lá os transtornos que o seu novo amôr iria causar á nossa velha amizade.

— Egoista ! exclamou Horacio rindo.

— Chame o que quizer. Isso não me impede de julgar que fiz bem.

— Sim, tornou rindo Horacio. E então hoje, que entende já não precisar da minha tagarellice litteraria, dá-me, por prémio de consolação, uma Zilda. Agora pergunto-lhe eu : E sabe se esse novo amor me consolará da sua velha amizade ? Sim, porque eu estou a ver, o felizão do Leonardo vai fazer monopolio.

Leonardo respondeu rindo :

— Não faço bem ? Não me dão vocês razão para isso ? Porque afinal, em maior ou menor grau, todos vocês lhe querem com amôr.

— Amôr sem esperanças nem exigencias. Ella, a hypocrita, tinha-nos convencido tão bem de que não sabia, de que não poderia amar !

— Diga o que quizer, tudo que o seu despeito lhe sugerir, mas conserve-me a sua bôa amizade.

Horacio, tornando-se sério, tomou-lhe as mãos e disse-lhe com grave e caloroso acento :

— Sem brincar, *meu caro camarada*, (é assim que sempre a considereei, Laura) não ha Leonardos que possam abalar a minha estima. Serei um pouco mais amigo d'elle do que era, visto que elle agora está mais perto de si. Eis tudo.

— Tinha a certeza d'isso, mas estimei ouvir-lh'o, Horacio.

— Sabem vocês quem não acceitará o caso assim?

— Quem?

— O Henrique.

— Tenho pênna... sou tão amiga d'elle!

— Pois é isto! O seu coração é um albergue de ociosos, querida.

— É verdade. Elles são uns monstros, mas eu estimo-os ha tantos annos que não só lhes quero pelas suas qualidades como até pelos seus defeitos.

Um creado entrou trazendo uma carta sobre uma salva de prata:

— Do senhor Henrique de Castro.

Laura leu, empallideceu um pouco, e estendeu a carta a Horacio. Este, passou-a pelos olhos e deu-a a Leonardo.

— É triste, não é verdade, Horacio? perdermos a convivencia d'elle.

— Não perderemos. Elle voltará. É o primeiro movimento... e natural. Henrique era o unico que nunca se considerou positivamente seu irmão.

— E então eu?

— Oh! tu és um embusteiro. Nunca pensei na possibilidade do menor sentimento de amôr entre ti e ella.

— Bem, já temos fallado demais no nosso sentimento. Diga-nos, Horacio, a sua peça?

— É difficil fazê-la acceitar. Os emperezarios teimam em vôr n'ella referencias pessoaes. Não sei o que ha de sinceridade n'isto. O que é certo é que estou desanimado.

— E o Brasil?

— Oh! o Rio de Janeiro tentou-me sempre infinitamente; mas quem tenho eu lá que se queira occupar dos meus interesses?

— Talvez eu te possa arranjar isso: meu irmão vae lá brevemente.

— Caio de surpresa em surpresa. Pois tu tens um irmão?

— Tenho; mais novo do que eu tres annos. Vive retirado nas profundezas do Minho e nunca quiz cá vir.

— Então que vai elle fazer ao Rio?

— Liquidar a herança do sogro.

— Com que então és minhoto?... De que terra és tu?

— Valença.

— É bonita, Valença?

— Para mim é um encanto: tem a immensa poesia das idades que por ella passaram e que lhe deixaram vestigios, como os annos deixam no rosto de nossos paes a sua marca indelevel. Depois, a situação é bella.

— Conte-nos, pediu Laura.

— Ergue-se graciosa no cimo d'um monte que parece vaidoso de a mostrar ao rio e aos montes circumvisinhos, que a encastoam em verduras, matizados com suprema harmonia. Alli, a vida dos seres é mais rica, mais vigorosa, mais sã, influenciada pela fecundidade uberrima do solo e pela pureza inegalavel do ar.

— Sim, murmurou Laura entre um suspiro e uma lagrima mal contida, a terra em que nascemos é sempre, para nós, a mais bella!



E ante os seus olhos passou rapidamente o adorado perfil de Genova, seu berço idolatrado.

Leonardo sentiu que lhe fizera mal, e, vindo sentar-se junto d'ella, tomou-lhe ternamente as mãos, murmurando:

— Ha outra mais dôce e mais querida, minha amiga: aquella em que se encontra a felicidade.

— Decerto, decerto, confirmou Horacio, exaltando-se; os sitios que percorremos, em horas de amôr, levando pelo braço uma companheira querida, cujos labios não ousam dizer nada, mas a quem o nosso olhar diz tudo!.... Os campos, em que apanhámos com ella floritas simples; as fontes, em que collocámos uma folha para bebermos um apoz outro; as arvores em que gravámos e enlaçámos os nossos nomes e cujas sombras nos abrigaram: isso tudo, tens razão, Leonardo, é mais... muito mais. Essa é que é para nós a terra por excellencia á qual, perdida a felicidade, se não deve voltar mais. Esmagados quasi ao pezo do desgosto, que nos deixa a ventura que tinhamos por certa, succumbiriamos ao evocá-la nos sitios que lhe foram theatro. Eu sinto como o Dante: *Não ha peor miseria que uma lembrança feliz no tempo da desgraça.*

E, muito commovido, Horacio deu uns passos em direcção da janella.

— Horacio! chamou Laura impressionada.

Elle olhou-a.

— Venha cá. Sente-se aqui n'este tamborete junto de mim. O seu coração está opresso. Sem querer, o desastrado Leonardo evocou n'elle uma triste recorda-

ção. Creio saber de que se trata, mas talvez me engane. Venha confessar-se.

— Nas nossas confissões um tercciro?... mesmo quando elle é amigo?

— Aqui não ha terceiros, pateta, visto que elle e eu somos um.

Leonardo ajuntou:

— Eu não quero forçar a tua confiança; no entanto garanto-te que sou digno d'ella.

— Pois bem, seja. Laura tem razão, estou opresso: far-me-ha bem fallar.

E, sentando-se no banco que a italiana lhe indicára, Horacio começou assim:

— N'um dos mais bellos cantos da nossa provincia, existe uma pequena aldeia, pendurada n'uma serra escarpada e penhascosa como um ninho de aguias, onde se encontram ainda muitos vestigios da permanencia dos Romanos. Um tio meu foi para alli Cura e, sabendo-me doente, convidou-me a ir convalescer n'aquelles saudaveis ares. Hesitei. A ideia de ter por unica companhia o bom padre e os camponios do lugar, não era, para que digamos a verdade, um motivo para me sentir attrahido. No entanto o velho insistiu e, um pouco por elle, um pouco para fazer a vontade a meus paes, que o tinham em grande estima e consideração, acceitei. A primeira noite que alli fiquei foi desolada. Habitudo aos requintes de conforto e elegancia da casa paterna, sentia-me pouco á vontade n'aquelle casebre em que se via pelas frinchas, atravez das taboas do soalho, e ao qual as paredes caiádas de fresco e os tectos de telha vã, davam, aos

meus olhos, a apparencia d'um modesto curral ou telheiro, o que me parecia sobremaneira improprio para que pessôas a pudessem habitar e lhe dessem o luxuoso nome de casa. A cama muito alta, larga e fôfa, ostentando magnifico e perfumado linho, reconciliou-me um pouco com aquelle inhóspito presbitério; no entanto adormeci fazendo tenção de não ficar lá nem as tres semanas que me propuzera.

« No dia seguinte, a casa, que pela noite se me afigurára horrenda, pareceu-me graciosa e cheia de encantadora poesia, e os meus olhos, habituados a encontrar um horizonte restricto, gozaram com delicias a liberdade de poderem attingir o limite da sua faculdade visual. Esperava-me ao sahir do quarto o bom velho com um copo de leite. Bebi-o d'um sôrvo e fui com elle visitar o passal. Parava o velhinho passo a passo contando-me a historia de cada arvore nova e quasi de cada flôr. A simplicidade e interesse com que se exprimia dava ás suas phrases um estranho e não vulgar colorido. Conquistou-me.

«— Tu aqui vaes aborrecer-te, meu rapaz; quasi não ha com quem conviver. O povo é bôa gente, intelligente, mas inculta; a sua conversa é chã; no entanto qualquer cousa, que se lhe explica, entende ás mil maravilhas e não a esquece. Tens o doutor, velho como eu, e o fidalgo da Portella; mas esse fica d'aqui a duas leguas e por maus caminhos. Gostas de caçar?

«— Muito, meu tio.

«— Bem, isso já não é mau. Logo que estejas mais forte, tens ahi boas espingardas, e cães tambem não faltam.

« O almoço era esplendido ; e para mim, habituado ás comidas adulteradas da cidade e á cozinha franceza, achava-lhe um sabôr unico.

« — No domingo, disse-me meu tio, sorvendo uma grossa pitada, vaes fazer o conhecimento do fidalgo da Portella. Elle vem sempre aqui á missa. E, quanto a distracções, o que te posso offerecer, além da caça, é a minha velha guitarra e uns livrinhos que de proposito mandei vir do Porto para ti.

« Esta ideia penhorou-me em extremo.

« — Ó meu tio, que gentileza a sua!... nem sei como agradecer-lhe.

« — Não tens nada que agradecer: eu tambem fui rapaz e sei que a companhia dos velhos não agrada.

« — Pelo amor de Deus!...

« — Não negues, filho, não negues. Como acabo de te dizer, já tive vinte annos e a memoria d'elles ainda me não passou.

« E desandou a contar-me com muito chiste e bonhomia as suas aventuras de rapaz. Rimos ambos com gosto. Elle não tinha sido positivamente um santo e, com a sinceridade dos que cumprem quanto devem, não se pejava de recordar com satisfação o que elle chamava o prêço da patente por que adquirira juizo. Em seguida ao almoço pegou d'um formão e d'um martelo e levou-me ao meu quarto. Notei então um pequeno caixote que estava no vão da janella; abrimo-lo e, com grande espanto meu, encontrei as ultimas novidades das litteraturas franceza, ingleza e italiana. Fitei meu tio, admirado:

« — Como comprou o tio isto? como soube?

« — Meu filho, quem não é tolo, sabe sempre. Mande pedir ao Lello tres duzias das melhores e mais recentes obras apparecidas n'estas tres linguas. Quanto aos seus auctores, nem de nome os conheço. De linguas estranhas só conheço o francez, e esse mesmo mal. Aqui tens o meu presente de boas vindas.

« Os dias passaram rapidos e eu, que fôra para o presbitrio na ideia de lá estar tres semanas, vi voarem dois mezes e não pensava, nem desejava retirar-me. É que a filha do fidalgo da Portella impressionou estranhamente o meu coração. Ella acompanhava sempre o pae por toda a parte, quer nas caçadas, quer nos passeios, e eu associava-me aos prazeres d'elle para me associar aos da filha. O fidalgo da Portella tratava-me com a maior intimidade e não estranhava nem se preocupava de me ver affeição á filha.

« Cheio da sua arvore genealogica e da importancia, sem igual aos seus olhos, da classe a que pertencia, nem por sombras lhe passava pela cabeça que eu tinha um coração e era um homem como os outros. Educára a filha nas mesmas theorias, e ella causar-lhe-ia a maior surpresa se lhe tivesse dito que eu era um homem aos seus olhos. Talvez mesmo por imaginar que os obstaculos que nos separavam eram insuperaveis, Magdalena amou-me apaixonadamente. Então começou para nós uma vida ideal. Um olhar dava-nos a sensação do infinito, um aperto de mão communicava-nos cousas estranhas, que nunca mais... nunca mais senti até hoje... e quantas mãos teem estreitado a minha depois d'isso!...

Fez uma longa pausa e, com voz quasi estrangulada na garganta, concluiu :

— Foi a melhor época da minha vida, mas que um remorso eterno devia torvar para todo o sempre. Os obstaculos que nos circumdavam eram tantos! Magdalena morreu de parto sem que eu tivesse podido desposá-la, e o fructo do nosso amôr não lhe sobreviveu. Digam o que quizerem os cynicos, não ha dôr mais pungente do que a da consciencia da propria falta.

— É a expiação, affirmou tristemente Leonardo. Reinou um silencio de instantes.

Laura e o seu noivo eram ambos muito rectos para tentarem consolar uma dôr que pensavam indelevel.

Por fim Horacio rompeu o silencio :

— Vim, com as negruras da minha alma, entristecer-lhes o serão; dasculpem-me.

— Não, meu bom amigo, não temos nada a desculpar-lhe. Você mostrou-nos a sua amizade, confiando-nos os seus pezares que nós partilhamos: se o não consolamos é que sentimos demais as suas penas.

— Que horas são?

— É cêdo: tome chá comnosco.

— Assim como assim, já é tarde para ir a outra qualquer parte: tomarei.

A conversa prolongou-se. Mas a historia de Horacio imprimira no espirito dos seus ouvintes uma tão funda melancolia que, durante o resto da noite, nada, nada a conseguiu desvanecer.

## XI

É a primeira da *Lohengrin* em S. Carlos e canta, pela primeira vez alli, o grande Caruso. Ha um entusiasmo doido. Os logares mais inferiores attingiram prêços fabulosos: todos queriam ouvir e vêr Caruso. As ultimas aventuras do celebre italiano deram-lhe aos olhos das mulheres um novo e singular atractivo; a curiosidade malevola, sempre prompta a exercer-se, fareja com delicias tão bella preza.

N'uma frisa do fundo, a senhora D. Margarida e Henrique parecem bem dispostos e sobretudo alegres. Mas, quem bem os conhecer, notará na velha tia de Henrique uma funda contracção das sobrancelhas e n'elle uma alegria brilhante e ostensiva, muito pouco sua.

Era isto que Horacio pensava examinando-os de longe, do mau logar que a custo pudera conseguir a troco de tres libras.

Aproximemo-nos, penetremos na frisa, e, sem que dêem por nós, para que a nossa presença os não constanja, vamos escutar as palavras que trocam entre si.

— Não está bonita, tia?

— Ainda não reparei.

Henrique passa-lhe o binoculo e a tia examina.

— Então?

— Hum! assim, assim. Que queres que te diga? As mulheres morenas fazem-me a mesma má impressão que os homens loiros.

— Mas, embora não lhe agrade este typo de formosura, deve concordar que é superiormente bello.

— Se isso te agrada... concordarei, tornou D. Margarida friamente.

— Como a tia diz isso!

— E que eu vejo atravez da tua mascara, meu pobre filho, e quanto lá vejo... não é honesto nem bom.

— Não comprehendo o que quer dizer.

— Eu t'o explicarei, mas não aqui: seria inconveniente.

— Ora até que emfim. Vae começar o espectáculo!

Ella ageitou-se melhor na cadeira, premiu entre os dedos uma farta pitada, e dispoz-se a ouvir, meneiando a cabeça d'um lado ao outro com mostras de sentida satisfação.

Quando Caruso entrou em scena foi um delirio. A opinião estava já formada: é assim que geralmente o nosso publico gosta de poder manifestar a sua. As senhoras debruçavam-se nos camarotes, e em cada um repetiam-se pouco mais ou menos as seguintes exclamações:

— Que lindo homem! Mas é bello! Basta vê-lo para se comprehender que é superiormente dotado. Que pena ser tão gôrdo! etc.

Henrique, sabendo todas as attenções prezas do



palco, mesmo a de sua tia, não se dava ao trabalho de dissimular: olhava ancioso o camarote de Laura que se conservava fechado. Ella partira para o Bus-saco como annunciára aos seus amigos.

Seria possível que a italiana se sentisse tão bem lá que renunciasse a ouvir o celebre tenor? Ella, para quem a musica tinha tão fortes attractivos? Não. As viagens são tão rapidas agora, tão commodas... ella não deixará de vir. E se não vier? Perdido, perdido estupidamente o dinheiro do camarote. Sim, porque elle só o comprára para poder ver Laura, para que ella o visse. A sua anciedade tornou-se incommoda.

— Não vem, dizia elle, não vem.

O primeiro acto terminou. Até que emfim! O camarote abriu-se e elle pôde vêr entrar Mathilde, Zilda, Laura, Waldeck e Leonardo.

O sangue affluiu-lhe ao rosto, passou-lhe pela vista um deslumbramento, e o coração pareceu querer sahir-lhe do peito.

— Como eu lhe quero ainda!... Ainda? Não. Mais do que nunca.

E, servindo-se do binoculo, comparou Laura e a rapariga que elle mostrára a sua tia.

Laura era-lhe infinitamente superior. Não que fôsse mais bella, isso não. Mas era incomparavelmente mais distincta. Sentia-se que uma realçaria a sua belleza se descêsse a vestir-se com um dos pittorescos fatos que no Minho usam as mulheres do povo; emquanto que a outra só entre sêdas e velludos estava no seu elemento.

Henrique era um requintado. A majestade natural

de Laura apagava a plebêa a seus olhos muito mais do que era de justiça.

Depois comparava-lhes os vestidos: Thereza tinha um traje de setim côr de fogo e camelias vermelhas nos cabellos negros.

Laura vestia uma elegante e vaporosa sêda lilaz e no decote do seu vestido, como nos seus loiros cabellos, minuculos raminhos de amôres perfeitos e hera.

Henrique comparou:

— O vinho novo, capitoso e forte, que sobe rápido á cabeça. O *lacrima Christi*, raro e saboroso, que se bebe vagarosamente, com delicias e... não esquece mais.

Esta comparação, feita instinctivamente, incommodou-o. Depois comparou-lhes os rostos, os olhos, e desdenhou de Thereza.

— É a sensualidade, a vida curta, o amôr que morre.

E, fitando Laura que n'esse momento sorria a Leonardo:

— É o espirito, a immensidade da alma, o amor que resiste a tudo porque é superior á terra.

Um ciume feroz feriu-lhe o coração e arrependeu-se de ter vindo.

A tia deixára de dar attenção ao espectaculo e lia no rosto do sobrinho as impressões que lhe iam n'alma. Henrique, sentindo-se observado, disse naturalmente á tia:

— Que bonita que está Laura, não é verdade?

A boa senhora absteve-se de responder por palavras e meneou a cabeça n'um gesto affirmativo.

Chegou o primeiro intervallo e Henrique dispoz-se a sahir:

— Vaes ao seu camarote?

— Não. Vou ao de Thereza.

— Não te approvo. Nos jogos da vaidade arrisca-se sempre muito e perde-se ás vezes tudo.

— A tia sempre está uma pessimista!

— Não, filho, realista: realista é o que sempre fui.

A senhora D. Margarida suspirou vendo-o sahir e, como não era pessoa que se incommodasse ou estrangesse pelo publico, mudou de logar e, assestando o binoeulo para o camarote de Thereza, decidiu não perder um só gesto do que alli se ia passar.

Henrique entrou. Era bello, inegualavel na graça e elegancia da figura. A easaea realçava immensamente o seu porte aristocratico e o gesto com que levou aos labios a mão de Thereza incommodou Laura no seu camarote que, mordendo ligeiramente os beiços, pensou despeitada:

— Era assim que elle me beijava a mão no tempo em que eu resumia para elle o mundo!

E, instinctivamente, olhou Leonardo. Como a sua figura perdia em ser comparada á de Henrique! Como exteriormente elles eram differentes! Trocou-os: poz Leonardo junto de Thereza, Henrique ao pé de si, e não pôde deixar de pensar que seria aquella a verdadeira harmonia exterior. Sentiu sobre si o enidado de Leonardo. Elle olhava-a ternamente, proeurando devassar-lhe os pensamentos.

Laura sorriu-lhe com meiguice e olhou-o de fórma a desvanecer-lhe toda a inquietação. As mulheres sabem tão bem fazer isso!

Leonardo sentiu-se tranquillizado e Laura pensou:

— Este é a personificação da felicidade do lar; aquelle a do triumpho mundano. Seria preciso disputá-lo a todas. É em homem o que eu sou em mulher — um iman; e talvez, talvez não tenha como eu a fôrça moral precisa para conservar o aço fóra da zona da perigosa attracção.

Agora, Leonardo observava Henrique que, no camarote fronteiro, tinha todos prezos dos seus labios. Conhecêra-o demasiado para se enganar com aquella excessiva jovialidade.

— Soffre, pensou elle. E ella?

Olhou-a nos olhos e sentiu-se amado: se assim não fosse, renunciaria á sua posse. Comparou-se a Henrique. Exteriormente a sua inferioridade esmagou-o; mas, moralmente, a vantagem era d'elle.

— Henrique representa a graça, a elegancia; eu a fôrça moral, o talento. Não tenho razão de queixa.

Mas, sem o querer confessar, não estava muito contente comsigo.

Henrique rejubilava. Fingindo não vêr, observava Laura e não lhe passára despercebido o seu movimento de despeito. A sua vaidade mascula exaggerava-o, e sentiu-se momentaneamente feliz. Accentuou a sua côrte a Thereza e affirmou, com intenção, estar disposto a fundar a sua vida de rapaz.

Os paes d'ella escutaram-no enlevados. Henrique era um dos melhores partidos da capital.

Thereza tambem o ouvia, um pouco pallida, com uma fricza desusada, que os paes lançavam á conta da emoção contida, e que não era senão o acordar do seu instincto de mulher. Não lhe passára despercebido o sussurro que se fizera em tempo em redor dos nomes de Laura e de Henrique, e não lhe tinham esquecido os vagos juizos que sobre esse motivo formára.

Não ha nada peor do que fallar diante de ingenuos por meias palavras. Elles não comprehendem o que se diz, mas, sem formar uma ideia exacta, passam em juizos e prevenções indefinidas o limite da perversidade humana, e fica-lhes no espirito uma impressão de horror que não saberiam traduzir em pensamentos nem em palavras, mas que não se apaga.

Assim, Thereza olhava de soslaio o camarote de Laura e dizia comsigo:

— Não serei eu mais do que uma bola de bilhar destinada só a carambolar a tempo?

E uma forte indignação opprimia-lhe o espirito.

Ella não sentia por Laura o desdém que a italiana tinha por ella; pelo contrario, sabia-se inferior e achava uma empreza arriscada ligar o seu destino ao de Henrique. Não tinha illusões. Não saberia nem poderia conservá-lo, e no entanto amava-o loucamente.

E sorrindo, conversando com Henrique, a sua preocupação era visivel.

Ao binoculo da senhora D. Margarida nada escapava.

Horacio, do seu logar, seguia a semcerimonia da velha senhora e sorria, promettendo a si proprio não deixar o theatro sem visitar a tia de Henrique. É

que as mulheres de idade, quando já não têm pretensões a parecer novas, são uma mina de esclarecimentos para os estudantes de psychologia feminil.

Têm a memoria dos mais ligeiros movimentos do coração, conhecem as infinitas variações da vaidade e do orgulho, a voluptuosidade da malevolencia que por vezes conservam chistosa e acerada, e sobretudo a necessidade de desearregar na juventude o pezo das suas rugas e dos seus annos. Aquellas mesmo que se mostram indulgentes e benevolas para as raparigas, raras vezes são sinceras, a não serem creaturas da excepção que, felizmente, ainda se encontram. Gostam de mostrar aos homens os defeitos das moças e de lhes desvendar, quanto possível, o feitiço sentimental dos seus caracteres. Não ha intenção n'isto; mas, se houvesse, poderia suppôr-se que seria a de conhecer bem o seu sexo e de parecer ter-lhe sido superior. Ou ellas não tivessem sido mulheres!

O segundo acto foi um triumpho como o primeiro. No intervallo a senhora D. Margarida observou timidamente Henrique:

— Não vaes ao camarote de Laura?

— Entende que devo ir?

— Não gosto que vás, mas receio que se torne reparado que o não faças: voêz andavam sempre tão juntos!...

— Tem razão, tia. Irei.

E, enchendo-se de todo o seu animo, Henrique foi bater á porta da italiana. Leonardo abriu-lh'a com a costumada franqueza, e cedeu-lhe gentilmente o logar, sahindo tambem a visitar os seus conhecimentos.

— Sempre delicado, este bom Leonardo, pensou Laura.

— Sahiu para se mostrar senhor da praça e incapaz do menor eiume, raciocinou Henrique, que, beijando a mão de Laura, olhava para defronte e se comprazia em vêr o rubor subir violentamente ás faces de Thereza.

— Então que tem feito, meu amigo?

— Isso lhe pergunto eu. Não a suppunha em Lisbôa.

— E não tenho estado. Vim expressamente para ouvir Caruso. Não julgava encontrá-lo tão lyrico. Foi para mim uma surpresa.

— A vida encerra tantas! E V. Ex.<sup>o</sup>ias, minhas senhoras, que me dizem do tenor?

— Nada, respondeu Mathilde. Parece-me que tudo que se me offerece seria banal.

— Acho-lhe uma voz divina. Eis tudo, disse Zilda.

— E a Laura? perguntou elle com a sua antiga familiaridade.

— Voceê já conhece a minha opinião a seu respeito: é sempre a mesma.

— E Waldek?... Pareceu-me vê-lo aqui.

— Oh! Waldek está completamente louco. Deve ter ido aos bastidores.

— Agora fica em Lisbôa, Laura?

— Não, meu amigo. Volto ainda ao Bussaco, onde me demorarei até á data do meu casamento.

Laura esforçou-se por dizer isto naturalmente, mas não pôde.

— Já está fixada? indagou Henrique com mal fingida indifferença.

— É no dia cinco de Março, caso não surja inconveniente.

— Sabe quem é a madrinha?

— V. Ex.<sup>a</sup> mesmo, senhora D. Mathilde. É quem estava naturalmente indicada.

— N'esse dia, disse Laura com leve commoção, eu desejaria ter junto de mim todos os meus amigos, Henrique.

— E' natural que nenhum falte.

— Promette-m'o?

— Não me deixarei esquecer, respondeu Henrique com falsa alegria, illudindo a resposta.

E, levantando-se, tornou a beijar a mão de Laura.

— Vê-lo-hei amanhã, antes de partir? perguntou imprudentemente Laura.

Elle olhou-a aggressivo:

— E'-me impossivel porque... esqueceu-me dizer-lhe... mas agora já não tenho tempo. Depois lh'o escreverei. Adeus.

Horacio gastou o segundo intervallo no camarote da senhora D. Margarida; e ella, que o tinha no numero d'aquelles que sabiam escutar, viu-o chegar com satisfação:

— Ora, o meu querido amigo! que ventura! Com tanta menina bonita que visitar veio para ao pé da velha! Mas fez bem, fez bem. Não o deixarei arrepende. E' pelos velhos que se conhecem os novos. Ora pois! Não conhece o proverbio: *Se os novos soubessem e os velhos pudessem!* Ora, junte o seu poder á minha sciencia e verá... verá.



---

O intervallo passou rapido e Horacio ficou na friza de Henrique a convite de D. Margarida.

Zilda olhava a furto a velha senhora, invejando-lhe a sorte.

Quando, terminado o espectaculo, os nossos conhecidos regressaram ás suas respectivas habitações, o menor interesse da noite era o que, em nome, tinha sido o principal: — a bella voz do tenor Caruso.

---

## XII

Lourença, visecondessa de Cette, dava uma ultima consulta ao seu espelho, quando a sua creada de quarto annunciou as senhoras da Associação de Beneficencia.

— Que entrem.

Eram Martha e Leonor. Leonor era a mulher exemplar que cumpre pontualmente todos os seus deveres civis e religiosos com uma coragem physica que desanima o seu proprio coração, *cansado de sacrificios*, que ella classifica de *inapreciados*. Assim, dirigiu-se á visecondessa, deseulpando-se :

— Vim um pouco tarde, mas as obrigações da minha casa... comprehendes... Ellas devem estar furiosas de esperar!...

— Não, minha querida, chegaste muito a tempo: ainda cá não está ninguém.

A conversa generalisou-se e em breve recahiu sobre o estranho destino do sexo. A visecondessa, muito esquilha, muito feminil, lamenta a educação que lhe deram :

— Minha querida, *je ne suis bonne á rien*: é uma triste verdade.

E olhava complacente as suas mãos carregadas de aneis, habituadas á admiração da sua possuidora e á mais completa ociosidade.

Martha retorquiu-lhe:

— A culpa é tua. Conheces quo fôste mal educada e não te corriges, sendo uma mulher intelligente e instruida.

É preciso notar de passagem que Martha é a mulher de ideias avançadas e masculas, para a qual a anarchia é a unica fórma de governo admissivel, e o amor livre o unico meio de sanear a sociedade.

Tanto o traje de Lourença é sempre rebuscado e gracioso de arte, riqueza e elegancia, quanto o seu é simples, sombrio, e procura egualar o d'aquelles que inveja e imita nos gestos e no porte.

Lourença soltou uma gargalhadinha ironica, mixto de ironia jovial e garridice infantil:

— Corrigir-me, eu! Crês possivel?

Então Leonor, com o ardor contido das grandes santas, affirmou:

— Quando a consciencia conhece que *deve*, não ha difficuldades: attingem-se todos os limites.

— Meu Deus! tornou Lourença trocista, e se os ultrapassarmos?

E o seu olhar, aventando essa ideia, não era positivamente o d'uma ingenua.

Leonor baixou as palpebras córando.

Aquella ideia de ultrapassar os limites tinha-lhe sorrido tanta vez!...

— Então? Fallemos sério, tornou Martha, engrossando a voz, apoiando a mão no joelho, e arqueando

o braço de fôrma a que o seu ar fôsse bem varonil. Os nossos principaes defeitos veem de nós: e o grande, o temivel, é a inercia, esta grande inercia de que os homens sabem fazer uma arma terrivel e da qual nós, creaturas de sentimento e não de raciocinio, somos as primeiras victimas.

— Como assim? atalhou a viscondessa. Não posso perceber como...

Martha lançou-lhe um olhar de piedade:

— Tão entretida andas sempre na admiração e contemplação de ti mesma que, tendo tres homens em tua casa, ainda não aprendeste a estudar a sua psychologia.

— E vale isso a pênna?

Leonor, com sinceridade maguada, accudiu:

— Se nós tivéssemos estudado bem os caracteres de nossos paes e irmãos, quantas decepções nos pouparíamos!

E, juntando as mãos n'um gesto de affectada resignação, mostrou-se alheada de tudo, como immersa na contemplação dolorosa da sua heroica vida.

Martha, tomando um tom dogmatico e passando os dedos pelos seus cabellos curtos e annelados, n'um gesto accentuadamente masculino, exclamou:

— O homem, minha pequena, é o nosso principal inimigo, e foi sempre o nosso tiranno.

A viscondessa sorriu finamente:

— Comtudo, parece-me que tu não lhe tens tanto horror como affirmas...

— Eu! Porquê?

— Vi-te fitar o Henrique d'um modo... d'um modo

que, pareceu-me, não se te dava de ser tirannizada.

Leonor animando-se:

— É certo. Julguei vêr também qualquer coisa que me deu essa impressão.

Martha, córando ligeiramente:

— Como vocês são simples! Mas isso é fatal, é o instinto da propagação da especie, que em nós, as mulheres, é tão forte como a ideia d'um Deus á nossa imagem e semelhança.

Leonor assustada:

— Por caridade, Martha, cuidado! Ha tantos themas para palestras philosophicas!

— Sim, ponhâmos de parte a religião, porque, aqui entre nós e muito em segrêdo, no dia em que a perdermos, onde nos levará a nossa curiosidade e ousadia?

Leonor, quasi inconsciente:

— Longe... muito longe por certo.

— Mas, minha querida, a consciencia do dever cumprido...

A viscondessa, muito feminil:

— Ora, deixa-te de palavriado ôco: isso é muito bom para os homens que se embriagam com as theorias, que expandem só para uso alheio. Nós, as mulheres, somos como os cães: para termos juizo precisamos de reçar um ser superior e, como o homem não o é, pelo menos na nossa opinião, se nos tiram Deus, o que nos fica?

— As descobertas da sciencia, meu anjo, progri-dem todos os dias; não vem longe a hora em que as

causas de *ser* se tornarão palpaveis. E n'esse dia morrerão todas as religiões...

— Que utopias! atalhou Leonor.

A viscondessa, contemplando-se no espelho com aborrecimento, ajuntou:

— Bem estupidas...

Martha, solemne, protestou:

— Mas não... pelo contrario. Então a radio-actividade não veio fazer tão grandes transformações?... Não pode mesmo explicar certos phenomenos até hoje attribuidos ao espiritismo?

E accendendo um cigarro, continuou:

— Não vo-los offereço: vocês são muito femeas para poderem saborear isto.

N'esta altura entrou Thereza vestida no ultimo requinte da moda.

Martha contempla-lhe o trajo com admiração e, repentinamente esquecida da sua arenga philosophica, lança fóra o cigarro e exclama enlevada:

— Mas como vens *chic*, Thereza!...

Leonor e Helena correram a beijá-la, mas esquecem-se de o fazer, embevecidas em olhar as rendas que ornam o vestido de velludo da elegante visita.

— Lindas! lindas! magnificas!

— Bruxellas, não?

— Sim, e das melhores.

— Onde arranjaste?

— Trouxe-as meu pae da sua ultima viagem.

— Como é encantador o teu pae!

— E o chapéu? disse Martha. Vocês já notaram o chapéu?

— É um modelo deslumbrante.

— Tudo isso é verdade, minhas queridas, mas venho desolada...

— Porquê?

— Acabo de provocar uma gargalhada geral.

— Tu?

— É lá possível?!...

— Como?

— Um vestido que me custou 1:200 francos, e tão estreito, tão estreito, que não está deente!

Martha, completamente esquecida das suas pretensões maseulas:

— Anda lá... deixa vêr...

Todas em eôro:

— É gracioso! muito gracioso! É um vestido esculptural, um perfeito desenho do corpo... Gentil!... gentilissimo!

— Acham? realmente acham? Pois, apesar d'isso, não me consolam...

— Então?

— Imaginem que, quando vinha para cá, começou a chovisear. Mando parar um electrico sem reflectir, e não pude subir para elle.

— Não tem um metro e vinte de roda?

— É evidente que não. O earro parado, eu fazendo esforços para subir... e não podia levantar mais a saia... era impossivel. Os passageiros riam, o guarda-freio, impaciente, murmurava, olhando-me desprezador... e, peor do que tudo, d'uma janella d'um pre-dio proximo, apontaram-me um *kodak*.

E, levando aos olhos o lenço perfumado, lançou-se desesperada n'uma cadeira proxima.

— É horrivel!... horrivel! exclamaram as outras sem convicção.

E Martha, com todas as suas pretensões, ainda no fundo mais feminina do que ellas, diz encantada:

— Não importa. Apesar de tudo isso é maravilhoso: cheira a Paris. Tem uma graça, um *charme!*...

Thereza fitou-a com os olhos humidos.

— E o *kodak*?

A viscondessa, remirando os aneis num tom quasi d'inveja, disse:

— Ora! afinal nós não podemos persuadir-nos de que andamos realmente vestidas...

Leonor escandalisada:

— Oh! Lourença! Se affirmas isso, como hei-de eu tornar a vestir o meu vestido *ponceau*?

— Tudo está na intenção, volveu a viscondessa gaiata.

E Martha pensativa:

— Alli, o mau... o mau, é o homem do *kodak*.

— Sim, para que digamos, não é muito agradável.

— Quem será elle?

— Não indagues, Thereza, seria perigoso.

— Devo contar a minha mãe?

Todas n'um grito:

— Oh! não. Seria a morte do vestido, e elle é um triumpho, um verdadeiro triumpho.

Thereza poz-se diante do espelho e sorriu á sua propria imagem, murmurando:



— É o mesmo. Gostava de vêr a photographia ainda que, n'esta occasião, causa-me uma viva arrelia.

— Que ha de particular n'esta occasião?

— O meu casamento.

— Tu casas-te? perguntaram as tres, admiradas.

— E' verdade. E vim mais cêdo do que a hora para lhes dar parte d'isso e pedir-lhes que me dispensem da reunião de hoje: não tenho mãos a medir com os preparativos da bôda.

— Está então para muito proximo?

— Muito: no dia dos meus annos.

— Quer dar-te de presente a sua pessoa?

— E' um meio de economisar o brinde.

— Más linguas!

— Mas quem é o noivo?

— E' verdade, quem é?

— Ainda o não disséste.

— Todas vocês o conhecem. E' mesmo esse o seu grande defeito: não passa d'espercebido aos olhos de ninguem.

— Venha o nome.

— Henrique de Castro.

— O Henrique! exclamaram as tres com assombro.

— Mas eu julgava..., ia a dizer a viscondessa olhando para Martha.

Esta lançou-lhe um olhar de quem está prestes a afogar-se, e a perversidade feminina deixou-se vencer pela piedade.

Leonor exclamou:

— Eu julgava o Henrique inconsolavel.

— E tu estás certa de sêres feliz com elle? perguntou Martha, já senhora de si.

— Eis o que realmente me offerece duvidas... Elle assemelha-se demais a uma bella estatua grega... e por vezes... tenho receio de encontrar só a estatua.

Uma estrepitosa gargalhada recebeu a confissão.

— Casas-té á capucha?

— Oh! não. Estou muito vaidosa do meu noivo para o esconder.

— N'esse ponto, ao menos, não terás nunca desilusões. Henrique deve ser eternamente bello.

A criada assomou á porta:

— Chegou a senhora presidente.

— Bem. Vão vocês descendo que eu já as sigo.

— Eu, minha querida, despeço-me. Adeus, desculpa-me com a duqueza.

— Da melhor vontade.

Sahiram.

— Porque me estavas tu a fazer signaes? perguntou Lourença á criada.

— E' o senhor Henrique que lhe quer dar uma palavra em particular.

— Elle está na sala? perguntou a viscondessa inquieta.

— Não, minha senhora, respondeu a criada sorrindo com o ar de quem tem um tacto superior. Como estavam aqui as amigas de V. Ex.<sup>a</sup>, pareceu-me mais acertado introduzi-lo no escriptorio.

— Fez bem. Desça á sala e diga que lhes peço a fineza de começarem a sessão sem mim: chegou o meu



advogado e não posso negar-lhe uma conferencia urgente.

A viscondessa desceu ao escriptorio.

Tudo alli traduzia a casquilhice da pessoa que só se occupa de elegancias e só pega na penna para escrever cartas ás amigas ou verificar as monstruosas contas que as modistas lhe enviam. As paredes, forradas d'uma rica e linda seda chinesa, ostentavam quadros com assumptos orientaes; aos cantos da sala, que era quadrada, erguiam-se sobre elegantes columnas de ebano e marfim, quatro lindas ketmias cujas flôres violetas se harmonisavam com o tom geral da decoração. A mobilia era toda forrada da mesma seda das paredes; entre ella brilhavam varios biombos e chales, dispostos com elegancia e arte. Sobre um minuscuro bufete havia aprestos de escripta de lapis-lazuli e um tinteiro lindissimo de marfim finamente trabalhado. Por cima de todos os moveis ostentavam-se mil ninharias artisticas e por detraz d'um biombo empilhavam-se muitas almofadas sobre um baixo *divan* abrigado por uma rara, alta, e frondosa planta tropical. Era uma sala que nada tinha das salas chinezas, mas a que a China dera o motivo. Um perfume violento de sandalo enchia o escriptorio. Henrique, nos rapidos instantes que alli esperou a viscondessa, pensou:

— É encantadora, esta Lourença... Tem a arte de fazer com que até os moveis nos fallem de amôr! Que original creatura!...

— Então? perguntou a viscondessa entrando.

— Pedi-a hontem.

— Já sei.

— Quem lh'o disse?

— Ella. Acaba de sahir d'aqui.

— Não está muito zangada commigo, Lourença?

— Não, meu caro. Estou tão habituada a vêr casar os meus apaixonados que isso já me não causa o menor dissabor.

— É despeito?

— Não, meu amigo: sinceridade e... indifferença.

— Não lhe causa então a menor pênna a quebra das nossas relações? perguntou Henrique mordendo os beiços.

— Sendo para casar com Thereza, não; mas, se fôsse com Laura, estava furiosa.

— Porquê?

— Recearia o confronto.

— Então Thereza...?

— Pobre pequena, que ainda brinca com bonecas!

— Mas isso é para mim um attractivo mais.

— Talvez, talvez... Não lhe quero tirar illusões.

— Olhe, vou fazer-lhe uma predicção, Henrique. Voltar-me-ha em breve, e mais ardente, mais apaixonado do que nunca.

— Não me parecc...

— Tenho a certeza d'isso. O que não sei é se o meu coração estará ainda devoluto para o receber.

— E em que se funda a sua supposição?

— É muito intellectual, Henrique; o physico não lhe bastará nunca. Eu sabia-o, e de quando em quando, tendo exaurido o meu espirito, ia fazer a casa de

Laura nova provisão. Thereza não poderá nunca exhaurir o seu, porque o não tem, e quanto a assimilar o alhcio, não saberá. É preciso para isso ter algumas faculdades.

E Lourença sorria com petulancia.

Henrique, embriagado pelo seu ar gaiato, quiz beijal-a.

Ella recuou vivamente:

— Oh! não. Eu respeito muito os noivos.

— E os maridos?

— Oh! esses já não contam: perdem o valor.

Adeus.

— Está sentida por eu ter ido de encontro á sua opinião?

— Francamente, não. Uma mulher com o meu feitio acha sempre graça a vêr os homens estragarem a vida.

— Crê a minha perdida?

— Indubitavelmente... Espera-me na sala a Associação de Beneficencia. Adeus. Olhe: envie-me as minhas cartas, sim?

— E as que eu lhe escrevi?

— Oh! essas ficarei com ellas, meu caro. Não é para recordação, socegue: faço collecção. É até a causa por que... Adeus, adeus!

E, soltando uma jovial gargalhada, desapareceu aos olhos de Henrique de Castro.

Este, verdadeiramente mortificado no seu orgulho e vaidade, tomou o chapéu no vestibulo, enfiou o casaco que o creado lhe offerecêra e, mordendo furiõsamente os labios, pensava:

—Ah! mulheres! mulheres! quem as pode entender?

E Lourença, que o espreitava detraz de um reposteiro, lendo-lhe na physionomia o pensamento, respondia-lhe mentalmente:

—É tão facil! Bastava, despindo-se da vaidade immensa do sexo, estudar as consequencias logicas dos factos.

Depois, como acordada por ideia subita, entrou na sala.

Martha discursava sobre a grande vantagem do ensino pratico e sobre a influencia enorme do exemplo. Quando acabou romperam os applausos de todos os lados. Então Lourença pediu a palavra, e, com o singular gosto que sentia sempre em contradictar as applaudidas, tomou para thema do seu improviso: A theoria, base indispensavel a todo o systema. Attingiu na demonstração o limite do possivel e teve um successo. Quando o seu publico se retirava, meio estonteado por tanto discurso sem prestimo, mas cheio de vaidade por ter empregado o tempo n'um assumpto tão transcendente, ella disse-lhe:

—É verdade, esqueceu-me uma observação sem importancia: quanto eu disse, é pompa para uso alheio; para mim penso exactamente o contrario.

E soltou uma das suas gargalhadinhas ironicas que as encheu de pasmo e indignação.

### XIII

O casamento de Henrique tornou-se o assumpto de todas as conversações.

Á porta do Marques, na Havaneza, no Martinho, no *Turf*, por toda a parte emfim, o assombro que a nova causou foi geral.

Horacio, convidado para almoçar pela senhora D. Margarida, conversava com Henrique no quarto d'este em quanto não chegava a hora da refeição.

Como estivessem sós, não pôde furtar-se a dizer-lhe :

— Não me pediste conselho, Henrique; decerto julgas que não caréces d'elle; mas eu não ficaria bem commigo se te não dissesse o que penso. Perdes a tua liberdade e aventuras o futuro d'essa menina a quem vaes ligar-te.

— Não crês então possível que eu a ame?

— Não, não creio.

— Achas então que ella não póde inspirar uma paixão?

— Perdão, não disse isso, mas sim que tu a não amavas. Pois bem: direi mais, direi que a não podes amar.

— E porquê?

— Porque amavas, e tenho a certeza que ainda amas Laura. Não se amam duas creaturas a um tempo quando se é normalmente constituído. Se deixasses Thereza por Laura, era logico e racional.

— E onde viste tu nunca logica no amor?

— Eu não quero argumentar, quero apenas dizer-te o que penso. Inutilisas-te sem dar a ninguem a illusão que desejas. Emfim, é contigo. Eu faço o meu dever de amigo prevenindo-te de que se diz por ahi que o teu casamento é devido a um movimento de despeito.

— E ella?... Que diz Laura?

— Lamenta-te. Faz-lhe pena vêr consummar tão grande disparate.

— Disse-te isso?

— Disse.

— Mulheres!... Apesar de tudo gostava de me trazer atrelado ao seu carro.

— O' Henrique! Quando nunca te deu Laura o direito de assim fallares?

— Tens razão... mas conta. Não te disse mais nada? Que pensa de Thereza?

— Com toda a verdade?

— Pois.

— Não te magôa?

— Nada. Dize.

— Se eu amasse Henrique, nunca Thereza me inspiraria ciumes. Podia tê-los da attenção ou valor que elle lhe désse, mas d'ella, propriamente d'ella, nunca. E' uma bonita boneca, um brinquedo interessante, uma



coisa graciosa. Não é, nem será nunca, uma mulher. Pobre Henrique! E' um estouvado! Antes tivesse casado com Martha: é uma mulher intelligente e amou-o sempre. Curada, pelo amor, da sua mania feminista, seria uma creatura encantadora.

— Pois pôdes dizer-lhe que amo a minha noiva e que ponho todo o meu empenho em torná-la a mulher mais feliz da terra.

— Está bem. Emquanto as resoluções forem essas bem vae o negocio.

A senhora D. Margarida, entrando, veio cortar a conversação.

— Já tocou para o almoço, mas estes senhores não se dignaram ouvir.

— Estavamos entretidos a conversar, é o que é.

— Então, Horacio, que nos conta de novo?

— Não sei nada.

— O quê, nem de politica?

— Meu Deus! d'isso menos que do resto. Desde que vi, ha dias, nas *Novidades* aquella caricatura do Chico Teixeira que tomei por um vaticinio, nunca mais me interessei por isso.

— O que é a caricatura?

— O João Franco, vestido de beata, rezando ao Senhor dos Passos e dizendo com muita fé: *Meu rico Senhor, ajudai-me a pôr tudo isto no rão.*

— Não vi, tenho pena.

— Mas é engraçadissima!

— Crê então que este estado de coisas se não póde sustentar?

— E' fatal. A queda da monarchia é inevitavel.

Porém, eu, homem de paz e raciocínio, desejaria que a republica viésse pela evolução. Assentaria em bases muito mais solidas e evitaria o derramamento de sangue. Mas não sei... não sei: isto vae tudo muito mal.

— Tens razão, affirmou Henrique.

A senhora D. Margarida, captiva admiradora de D. Pedro IV, mas liberal até ao mais fundo d'alma, exclamou:

— Fazer presidente do conselho o João Franco! um reaccionario! um jesuita! Havemos de ir longe. Ah! bom Saldanha! que falta que fazes para o varrer d'alli para fóra...

Depois, com um suspiro, ajuntou:

— Mas os bravos do Imperador acabaram... Como esta geração nova é differente!

Os dois rapazes coraram, emmudecendo, e a senhora D. Margarida, notando-o, continuou:

— Quando foi da Maria da Fonte, o conde das Antas mandou um destacamento fazer um reconhecimento da posição das tropas inimigas. Então os sargentos traziam a tiracollo um canudo de lata com documentos officiaes. O cabo d'esta força era um grande borrachão e, tendo-se entregado ao seu vicio predilecto fóra de sitio e occasião propicia, o alferes que os commandava déra d'isso uma parte carregada. Esse papel ia, segundo o costume, na sobredita lata. A marcha era feita em accelerado e, chegados a um sitio fragoso e bravio, foi necessario saltar um largo e profundo fosso. O sargento cahiu por alli abaixo. — « Ó cabo, o nosso sargento Moraes sumiu-se pelo fosso, bradou um soldado. » O outro, imperturbavel e con-

---

tinuando a marchar, respondeu: — «Deixa-o ir que elle lá leva a lata dos papeis.» E' o que eu digo ao ver o governo querer tornar-se absolutista. Os patuleias do meu tempo podiam avançar até á republica. E eram logicos comsigo. Nunca recuariam até ao absolutismo: antes morrer. Eu prezo-me de patuleia.

#### XIV

Eram tres horas da tarde. Na capella dos paços de S. Vicente, Sua Eminencia o Senhor Cardeal Patriarcha quizera elle proprio dar aos noivos a benção nupcial e fazer-lhes nna florida e substaneiosa pratiea sobre os deveres conjugaes.

A capella estava apinhada, e os noivos, quando a cerimonia terminou, tiveram grande difficuldade em romper por entre a immensa multidão dos innumeros amigos dos dias alegres, que se atropelavam uns aos outros para mais de perto os verem e abraçarem.

Não faltava ninguem á boda, a não ser Laura que affirmára não ter animo de assistir ao suicidio moral d'um amigo tão querido. O proprio Leonardo entendeu não dever faltar. E a viscondessa de Cette, mais risonha e alegre do que nunca, parecia eontentissima da felieidade dos noivos. Só Martha, um pouco pallida, egualava a noiva na gravidade do aspecto.

Tendo terminado o *lunch*, os noivos metteram-se no automovel que os devia conduzir ás propriedades da senhora D. Margarida, no Alto Minho, e Henrique disse á mulher, depois de aenar aos amigos com o lenço pela ultima vez:

— Que tem, Thereza? Acho-a preocupada.

— É que... tenho o pressentimento, Henrique, de que não serei feliz comsigo.

Henrique estremeceu.

— Que ideia é essa, querida? Quem lh'a suggeriu?

— Não sei se deva dizer-lh'o...

— A franqueza é sempre o melhor caminho, creia.

— Pois bem... foi... foi a ausencia de Laura, concluiu ella, ruborisando-se e desviando o olhar.

Henrique, que não esperava esta resposta, sobresaltou-se.

— Mas que tem a ausencia de Laura comnôseo?

Thereza fitou n'elle as suas pupillas negras e brilhantes e, depois de o vêr baixar os olhos, respondeu:

— Nada, se assim o quer.

Henrique puxou-a para si, beijou-a na testa, e perguntou-lhe quasi ao ouvido:

— Dar-se-ha o caso que sejas ciumenta?

— Horrivelmente, respondeu Thereza, feliz de se ouvir tratar por tu.

— Tontinha! disse Henrique beijando-a de novo e pensando: Pode-se desejar esta mulher, mas não amá-la... Horacio tinha razão.

E, sentindo a necessidade de afastar de si esta ordem de ideias, murmurou-lhe docemente:

— Adoro-te!

E um beijo, violento e sensual selou a disparatada união d'estes dois sêres, tão dissemelhantes em tudo!

A vida é um encadeamento de factos illogicos que, narrados, são muita vez inacreditaveis.

Sentados á sombra d'um castanheiro secular, collocado em frente d'uma pequena fonte, onde as raparigas do logar do Luzo vinham encher as cantaras, Laura e Leonardo, admiravam a figura graciosa d'uma creancinha que acompanhava a mãe e que, já como ella, levava a bilha á cabeça, requebrando-se toda na cintura para bem a equilibrar.

A italiana reproduzia no seu album a interessante figurinha, e Leonardo olhava alternadamente a creança e o trabalho de Laura.

— É encantador!

— Um mimo: dá vontade de o comer com beijos.

— Já pensáste, querida, na possibilidade de ter um filho? perguntou Leonardo afogueando-se a essa ideia por contida commoção.

Laura estremeceu. Um filho! ter um filho seu e d'elle... Nunca pensára n'isso!... Comtudo a ideia sorria-lhe deliciosamente.

— É verdade, disse ella, como quem faz uma grande descoberta, nós podemos ainda ter filhos. Somos bastante novos para isso.

— E estimarias ter um filho? insistiu Leonardo.

— Um não, muitos. Bellos como tu: com os teus olhos, os teus cabellos e sobretudo com o teu coração. Mas que linda ideia, Leonardo! Porque m'a não suggeriste mais cêdo?

— Porque julguei que a terias tido, meu amôr. É tão natural.

— Natural, não, porque eu ainda não tinha pensado n'isso.

Leonardo passou-lhe o braço em volta da cintura e perguntou-lhe ao ouvido:

— Então para que casamos nós?

— Sim, respondeu ella ruborisando-se, tens razão. Eu não sou estúpida, mas pareço; porque, sabendo, era natural pensar. Não pensei. Sabes porquê?

— ? —

— Porque te amo tanto que não julguei que a minha vida tivesse outro fim além de te olhar e querer.

— Os filhos, meu amôr, são a consequencia natural d'isso tudo.

— Concorde. Mas concorda tu tambem que a principal ideia do amôr não é ter filhos: é a completa absorpção do nosso ser no ser que idolatramos, é a perfeita communhão das almas, o desejo insaciavel de attingir em commum o infinito e de devassar n'elle os mysterios profundos da natureza. O homem e a mulher são realmente duas partes d'um todo, as quacs raras vezes se encontram, como devia ser. D'aqui o desequilibrio geral da humanidade. Mas, quando, como eu, se tem a ventura de encontrar a alma gêmea da sua, já nada nos falta na terra e estamos aptos, não

só para todas as descobertas como até para attingir todos os limites da possibilidade humana.

— Compreendo-te: queres dizer que a machina moral se completa como a corporea... Talvez tenhas razão.

— E então, caro, continuou a italiana, sente-se que poderíamos tudo: abranger o espaço no pensamento e analysar a terra nas suas entranhas.

— Vá, continua. Gosto de te ouvir os devaneios, minha tagarella.

— Não são devaneios, querido, nem mesmo presentimentos; são certezas moracs: é a convicção da propria fôrça, é a ideia de que perdemos o bem por nossa culpa e o devemos achar por nossas mãos.

— Ahi está uma ideia lançada pela religião e transformada ao sabôr da tua fantasia. Crês então no paraizo e que Deus expulsasse d'elle nossos paes por causa da culpa original? perguntou Leonardo sorrindo ironicamente.

— Eu não creio em nada, filho, mas admitto tudo; e é este, crê-me, o modo por que mais rapidamente se alcança a solução de qualquer problema que se nos afigura de impossivel resolução.

— Sabes, querida, gosto de te ouvir fallar e vou-te explicar porquê. Tu tens a instrucção vulgar de qualquer mulher bem nascida: claro está que não me refiro á parte artistica do teu saber, em que tens conhecimentos superiores a grande numero de notaveis artistas, mas ao resto: conheccs varias linguas e a litteratura agradavel d'ellas, mas tudo isto muito pela rama. No emtanto o teu espirito, profundamente phi-



losophico, desee ao amago das coisas com uma leveza incomparavel. Julgas dizer-me coisas novas, nascidas da tua alma de artista, e repetes-me, com phrases e imagens tuas, e muito femininas, trechos de philosophos varios que, tenho a certeza, nem de nome conheces, mas cujo espirito te anima. Isso encanta-me além do que te posso exprimir, e lamento então que, sendo mulher, não tenhas tido uma instrução mais solida e profunda, maior que aquella que eu posso transmittir-te. Eu creio que os teus olhos veriam o que os outros não vêem.

Uma estridente e jovial gargalhada estoirou por detraz d'elles, seguida de outras. E Horacio, levando aos olhos o lenço para limpar as lagrimas que a hilaridade provocára, deixou-se cahir no chão junto de Laura.

A italiana franziu as sobrancelhas descontente; Leonardo olhava-o interdito sem saber que pensar d'aquella imprevista apparição.

— Não se zanguem, pediu Horacio logo que pôde fallar, eu vou explicar-me. Um pouco adoentado e sem muito animo para trabalhar, resolvi vir passar aqui dois ou tres dias, e estudar Zilda. Todos vocês vão tratando de casar e aborrecc-me a ideia de me vêr só. O exemplo é uma tentação. Cheguei ao hotel quando tinham acabado de sahir. A creada de Laura disse-me que ella tinha vindo desenhar a fonte do Castanheiro a Luzo, e que as outras senhoras tinham ido passear á matta. A nossa amizade tinha direitos adquiridos. Vim portanto aqui direito, resolvido a fazer-lhes uma surpresa. Caminhei por isso de modo a não ser visto.

Dizem-me ás vezes que os meus dialogos de amôr pccam por fricza: julgando que vocês tratariam melhor o assumpto do que eu, dispuz-me a escutá-los: d'ahi, esta immensa vontade de rir.

E recomeçou a rir a bandeiras despregadas.

— E' um indiscreto, é o que você é, disse Laura amuada.

— Sim, para que digamos... confirmou Leonardo.

— Meus amigos, não trocava esta vinda ao Busaco pelo maior thesouro da terra. Sei, d'aqui em diante, pintar o amôr dos sêres superiores: philosophia, espaço, infinito, analyse das entranhas da terra...

Horacio rebolava-se a rir, Leonardo sorria, e Laura mostrava-se contrariada.

O escriptor continuou, trocista:

— Agora, com a machina completa, meu caro, não deves parar. Um chimico distincto, como tu és, acharás o absoluto, coisa que o heroe de Balzac procurou em vão durante uma vida inteira. Obtê-lo-has, é certo. A tua futura metade não o duvida. Segue nas pègadas dos Curie e verás que vaes longe. Ah! ah! ah!

Laura e Leonardo trocaram um olhar inflammado.

Horacio, sem o querer, abrira um novo ceu ao seu amôr.

Leonardo deixára de ouvir as sensaborias de Horacio e repetia dentro de si:

— Nas pègadas dos Curie... Porque não? Elles eram tambem, pelo amôr, uma natureza mais perfeita do que as outras: por isso viram mais e melhor.

E Laura, como mulher que não mede o alcance das coisas e o que quer é attingir o fim que se pro-

põe, murmurava, consumindo-se na ancia infinita de saber:

— Sim, chegar a descobrir a origem principal da vida e a certeza d'aquillo para que caminhamos!

E, esquecida de que Horacio estava troçando, e Leonardo parecia escutá-lo em silencio, continuou alto o seu pensamento:

— ... porque eu não posso admittir a não existencia do espirito.

Uma nova gargalhada estalou, mais forte d'esta vez, porque o riso de Leonardo associou-se ao de Horacio. E Laura, vendo-os rir, acabou por tambem rir com gosto da sua estranhá abstracção.

A italiana terminou o desenho da fonte ouvindo Horacio contar minucias do casamento de Henrique, que haviam passado despercebidas a Leonardo, sempre pouco amigo de profundar as cousas que lhe não diziam respeito.

— E a boa tia Margarida foi ter com elles ao Minho? perguntou Laura.

— Oh! não. Aquella creatura é o bom senso personificado. Ella reprovou inteiramente a escolha do sobrinho e disse-me, resistindo aos rogos instantes de Henrique para que fôsse viver com elles: « Era impossivel. Não gostei nunca d'ella. Tenho a intuição de que o meu rapaz não será feliz. Se eu ficasse na mesma casa, ella estaria sempre de permeio entre nós, e o meu pobre Henrique não teria onde desafogar o seu coração oppresso. Assim, sae, vem vêr-me, e as nossas amigas confidencias não perderão nada com a visinhança *d'essa estranha.* » E estas duas ultimas

palavras fôram pronunciadas d'um modo em que não havia sympathia nenhuma.

— Coitada!... O resto da vida, só... n'aquella idade... é triste.

— Emfim, é tudo culpa indirecta do vosso amôr philosophico, affirmou Horacio rindo de novo.

— Você hoje está impossivel.

Leonardo perguntou:

— Já te declaraste a Zilda?

— Não. Pois não acabei de lhes contar que tinha vindo direito aqui?... Porque perguntas?

— Desejo tambem, por revindicta, ir ouvir uma conversa das vossas.

— Isso, isso, apoiou Laura.

— Asseguro-lhes que será muito mais racional do que a de vocês.

Na fonte, uma pequena, enchendo a bilha, cantava:

A sombra do castanheiro,  
Recortadinha no chão,  
Vai contando em cada fôlha  
A 'storia d'um coração.

— Ouçam, pediu a italiana.

Quantas ha cá no logar  
N'esta sombra namoraram  
E as fôlhas então estudaram  
Modos diff'rentes de amar.

Pondo a bilha á cabeça, a rapariga afastou-se continuando:

E contam ás raparigas,  
Quando a bilha vêm encher,  
Na sombra da melhor fôlha  
Qual será o seu viver.

Ó fonte do castanheiro,  
A mais bella do logar...

A voz perdeu-se no espaço, e Horaeio, arraneando uma fôlha da carteira, esereveu n'ella as quadras. Quando terminou, disse com emphase:

— Oh! a poesia natural das almas!...

— Não continue. Já sabes, Leonardo, é assim que elle começará a sua deelaração a Zilda.

— Vingança! sempre a vingança! ou ella não fôssè italiana.

— Mulher, mulher é o que voeê quer dizer.

E, conversando e rindo, retomaram o eaminho do hotel.

## XVI

Henrique, só, no escriptorio da sua esplendida habitação campestre, lia sentado junto da secretaria a sua correspondencia de Lisboa. Como homem previdente, a quem o affecto não cega, resolveu-se a habituar Thereza, desde o principio, ao modo por que desejaria viver.

Assim, logo desde o primeiro dia da sua chegada á quinta de *Milflôres*, elle levantava-se cedo, dava o seu passeio a cavallo e só regressava a casa perto da hora do almoço. Durante a refeição era extremamente amavel com a mulher, procurava brilhar aos seus olhos por todas as fórmulas, mas, findo o almoço, fechava-se á chave no escriptorio, declarando que ia trabalhar. No seu íntimo ria. Trabalhar elle?! Em quê? Desconfiava mesmo que não saberia n'esta occasião fazer nada.

O seu amôr por Laura tornára-o um inutil. As pennas enferrujavam-se por falta de uso e a tinta secava-se no tinteiro sem ter servido: ha annos que assim era. E, hoje, todo o seu trabalho consistia em ter cuidado nas pennas, para que a mulher não notas-se que ellas mandriavam permanentemente. Este sim-

ples acto, que para qualquer mulher seria lançado na conta de infidelidade, era para Henrique uma medida sensata que a sua razão e consciencia approvavam.

Fechado no escriptorio, lançava-se sobre uma commoda cadeira de braços, tomava um livro recente e lia-o, mettido entre nuvens espessas de fumo, quasi d'um sôrvo. Á hora da correspondencia entreabria a porta, recebia-a e tornava a fechar-se. Se o livro o interessava, acabava-o primeiro; no caso contrario abria as cartas e respondia-lhes ou não, segundo o intresse que lhe despertavam. A primeira vez que lhe chegou uma carta para a mulher, pô-la diante de si e pensou:

— Abro-a ou não?...

E, tendo discutido isso no tribunal da sua consciencia, resolveu entregar-lh'a fechada. Dirigiu-se ao toucador de Thereza. Era gracioso esse aposento, forrado de cretone côr-de grão, com ramos de espigas e papoulas, e lindos quadros a oleo dos melhores auctores portuguezes, reproduzindo scenas campestres; o serviço de toucador e todos os objectos que ornavam o quarto tinham vindo da fabrica de Raphael Bordallo. Era um conjuncto simples e elegante que se harmonisava estranhamente com o genero de belleza da sua joven proprietaria e lh'a fazia realçar. Um unico objecto desdizia alli: uma moldura de pellucia com ornatos de oiro e prata que tinha um retrato de Henrique em tamanho natural, collocado n'um cavalete, tambem de pellucia. Sentada ao bastidor, collocado perto da janella, Thereza bordava uma almofada a matiz. Henrique convencêra-a, para a ter entretida, de que apre-

eiava extraordinariamente os bordados, gostando muito de os ver nas salas. Não fôra preeceiso mais para a pôr á obra.

— Aqui tens, disse Henrique, entrando e dando-lhe a carta.

— Abre e lê, respondeu ella sem interromper o trabalho.

— Não, minha querida, lê tu... quando quizeres. Tu ainda não fórmas uma ideia do que é a vida e sou eu que te devo preparar para ella.

E, sentando-se em frente de Thereza, disse-lhe: — Mulher e marido são duas partes d'um só todo, etc.... É isto que tu tens ouvido sempre, não é verdade?

Thereza fez um gesto affirmativo.

— Não ereias. É uma utopia, estupida como todas as outras.

— A que vem tudo isso? perguntou Thereza admirada.

— Vem para te dizer que isso são symbolismos sem realidade alguma. De facto, nós somos dois seres bem distinctos, com as nossas neecessidades, habitos, costumes bem individuaes, que não devemos sacrificar um ao outro senão quando isso se tornar absolutamente necessario para a paz commum. Tu não tens segrêdos para mim porque os não queres ter. No entanto tua mãe, teu pae, as tuas amigas, é muito justo que não tenham em mim a mesma confiança que tu, na tua generosidade, me dispensas. O receio de que eu te leia as cartas póde levá-los a não te dizerem tudo quanto desejem. Posto isto, as tuas



cartas são tuas, e tens o direito de receber e escrever as que quizeres e a quem te parecer. Eu não sou um marido ciumento. Tenho muito orgulho e muita vaidade para poder suppôr que haja algum homem capaz de me supplantar. Quando regressarmos a Lisboa, terás a liberdade, não só de sahir, como tambem de receberes as pessôas que te agradarem. Na minha divisa lerás a tua fórmula de proceder: *Toda a liberdade e a maxima responsabilidade*. Tu deves, apesar de me conheceres pouco, calcular que eu não serei homem para supportar a minima infidelidade e qual seria o meu procedimento em caso tal. Não quero insistir n'este ponto, a que não tencionava referir-me por absurdo, mas ao qual a conversa me trouxe insensivelmente. Perdôa-me a indelicadeza...

Thereza havia deixado de bordar e, com a agulha na mão direita, torcia e destorcia machinalmente na outra mão a linha enfiada n'ella, sem olhar Henrique. Quando o marido parou de falar, ergueu a cabeça e fitou-o longamente.

Elle, contrafeito ante a expressão e agudeza de aquelle olhar, tentou sorrir, perguntando:

— Estranhas este meu modo de pensar?

— Estranho... E, devo dizer-te que... não sou a mulher que tu julgas. Tenho a inexperiencia dos quinze annos, mas tenho a intuição forte da verdade... Pressenti muita cousa antes do nosso casamento, que se converteu agora em certeza.

— A que te referes?

— Ouve: nunca te teria dito nada antes de tempo. Sou, por indole e por habito, uma creatura ponde-

rada. A analyse da vida de pessôas muito minhas deu-me um conhecimento precoce do mundo, e antes de acceitar o teu pedido, deu-se um grande combate na minha alma.

— Porquê?

— Amava-te, mas conheci sempre que não era correspondida, e que o que te tinha atirado para mim não era mais do que um sentimento de despeito. A ausencia de Laura no nosso casamento tornou-me a suspeita em certeza; o teu proeedimento desde que aqui estamos, arrcigou-a profundamente no meu espirito.

— Mas...

— Perdão. Eu ouvi tudo quanto tinhas a' dizer-me. Escuta tambem tu aquillo que ha muitos dias eu calo a custo. Não me queixo das minhas... desillusões. Previa-as... Não tenho portanto desculpa. É justo. Porém uni-me a ti, apezar de tudo, porque confiei, não no teu coração, mas na tua honra e no meu amôr. Previno-te tambem (e aqui riu ironicamente) com a mesma lealdade que a *nossa sociedade* (é assim que consideras o easamento) para a vida requer, de que, no dia em que me fôr provada uma infidelidade tua, n'esse dia, eonsiderar-me-hei completamente livre.

— Que queres dizer? perguntou Henrique num tom precursor de tempestade.

— Que sahirei de tua casa para sempre, respondeu ella com firmeza.

— E se eu não consentisse?

Thereza lançou-lhe um olhar tão altivo como elle não julgára possivel vêr-lhe.

— E' cêdo ainda para a nossa primeira zanga, Henrique. Não prosigamos. Usámos de franquez igual: devemos estar satisfeitos. No olhar de todos os teus amigos li o dó de te vêrem casar com uma pessôa tão pouco digna de ti.

-- Que ideia!

-- Soffri d'isso. Não tenho, é certo, a arte de me fazer valer; mas adquiri-la-hei e usarei d'ella.

E, com um fino sorriso, concluiu:

-- O talento pôde supprir o estudo, e com vontade é possível conseguir que quinze annos saibam fingir trinta.

— Estou pasmado, Thereza. Que série de ideias falsas...

-- Cala-te. Não mintas. Crê-me, Henrique, a mentira e o engano são os peiores inimigos da felicidade.

-- Quem te fez tão sabedora?

Ella hesitou um instante e respondeu com voz tremula:

— A vida de minha mãe. Vi e ouvi demais. Não me falles n'este assumpto: tiveste razão ha pouco. Os segrêdos alheios não devo dizer-t'os, e este, a que alludo, afflige-me em excesso.

E Thereza desatou a chorar.

Henrique, que era a propria bondade, ficou consternado vendo a crise que provocára. Estreitou a mulher ao coração, tentando persuadi-la de que a adorava. Mas ella tinha, como todos os que amam em excesso, o dom da dupla vista. Não o acreditou, mas fingiu que sim.

Quando o arbitro das elegancias lisboetas volveu

ao escriptorio, levava da mulher uma opinião muito diversa da que formára até ali :

— Tem alma, pensava elle.

E o olhar altivo e momentaneamente despezador, que ella lhe lançára, ineommodou-o :

— E' preciso que eu não lh'o veja mais, e duvido que o possa esqueer.

---

## XVII

Na matta do Bussaco Laura e Horacio, sentados, commodamente no chão, conversavam amigavelmente.

— Zilda, affirmava Laura a Horacio, é uma mulher de espirito.

— E Mathilde?

— Mathilde tem um espirito de mulher.

— Nullo, então?

— Imbecil! disse a italiana rindo.

— Então?

— Eu não affirmei isso.

— Comtudo essa transposição de palavras, apenas ligeiramente accentuada, deve ter uma causa: parece uma declaração completa...

— Da opinião que o seu amavel sexo se habituou a fazer do meu?

— Exactamente.

— Pois engana-se. Mathilde é extremamente intelligente, mas insupportavelmente mulher: treme de tudo, tem sempre um beijo nos labios e uma lagrima ao canto do olho, gosta de se apoiar ao braço dos outros: enfim é atrozmente feminil. Nos passeios pela matta deu-lhe para fazer de mim a sua victima.

Comprei um cajado e offereci-lh'o. Quando lh'o dei, disse-lhe de brincadeira: — «Ali tens. Não ha apoio que valha o d'um cajado, nem companhia que valha a propria, quando a consciencia é crystallina: qual-quer das cousas habitua-nos a contar só comnosco. — É lição? perguntou-me ella. — Quasi, respondi-lhe rindo. Estou cansada de puxar por ti atravez da matta.» Pois por causa d'isto chorou um dia inteiro, incommodou-nos a todos, e não se foi embora, deixando-nos em paz, devido ao receio de partir só e de tomar uma resolução, o que é para ella a cousa mais difficil da terra. Você teve bastantes occasiões de a apreciar em minha casa; não é só uma intelligencia lucida e muito cultivada: é uma grande musica. As suas composições teem fama, principalmente no estrangeiro onde (chega a ser vergonha) a apreciam muito mais do que aqui.

— E Zilda?

— Sou eu em mais nova, mais feia e mais ale re. Conhecemo-nos em Italia quando ella foi ali aperfeiçoar-se na esculptura.

— Oh! eu gosto immenso dos trabalhos d'ella.

— Se você visse a sua cabeça feita de memoria...

— A minha cabeça?! Sério?! Ella fez a minha cabeça? Está parecida?

— Melhor do que você é. O amôr embelleza tudo.

— Estou desvanecido... Vou amá-la.

— É forçoso.

— Desde o suicidio de Henrique, a sua vontade é suicidar toda a gente.

— Não, cáro, Zilda não será para ninguem um suicidio moral.

E, com um sorriso, não isento de feminil vaidade, ajuntou:

— *Elle me ressemble trop.*

— Vaidosa! Quem lhe garante que mesmo a Laura...

— Oh! não, socégue: eu tenho a consciencia do meu proprio valor.

— Por isso é preciso gritar aos corações que se lhe approximam: *Cautella!* Exactamente o mesmo que se escreve nas jaulas dos animaes ferozes. Sábe, Laura, que ainda me custa a crer no seu amôr por Leonardo?

— Não me admira. Tambem a mim. Foi uma revelação perfeitamente inesperada.

— Sempre é muito original!

— Mas não. É um engano, sou como toda a gente. Tenho unicamente a mais a sinceridade de mostrar o desequilibrio que os outros escondem.

— É virtude?

— Não: simplesmente commodidade. A natureza humana é tão complicada, Horacio!...

— Vac-me fallar de amôr, minha amiga? perguntou Horacio fingindo um cómico susto.

Laura desatou a rir:

— Tranquillise-se: o meu coração está fixado.

— Tem a certeza d'isso?

— Se o affirmo...

— É que n'outro tempo persuadi-me... julguei que Henrique...

— Coitado! pobre Henrique! amimei-o demais. Tirei-lhe o retrato vestido de Henrique IV, e o seu ar maseulo, o seu perfil dominador, a sua diabolica figura de trigueiro, deram um relevo immenso ao meu trabalho. A minha tela não foi só applaudida pela perfeição da execução; foi-o tambem, e talvez mais ainda, pela eorreeta formosura do modêlo eseolhido. Eu eonsegui traduzir exaetamente na tela a expressão eneantadora do seu olhar apaixonado, e desde ahi elle teve um logar espeelial no meu coração: amei n'elle a minha obra com uma ternura maternal. Quando elle casou, estive para lhe mandar o retrato, mas — que quer? — eu tenho eousas pueris, sou exees-siva na amizade eomo no amôr; pareceu-me que, se o fizesse, diminuiria em qualquer cousa o nosso affceto e eu não tenho eonsolação do seu afastamento. Depois, esse retrato representa para mim tantas horas de gozo idealmente puro que dá-lo a uma Thereza qualquer para o vêr tomar o logar de honra n'uma sala *bric-à-brac*, entre oleographias de dez mil réis, era um saerifieio impossivel para mim.

— A uma Thereza qualquer! Sabe, minha querida Laura, tenho notado que é profundamente desdenhosa para o seu sexo com rarissimas excepções.

— A explieação é faeil: não o estimo. Ficaria desolada se tivesse fillias.

— Porquê?

— Porque sim.

— Isso não é uma razão.

— Engana-se. Quero, não quero, gosto, não gosto; sim, porque sim, e não, porque não, são as melhores



e mais indiscutíveis razões: eu por mim não conheço outras.

— É verdade, quem convida para o seu casamento?

— Ninguém. Quero dizer, só vocês, os que não precisam convite, porque estão sempre convidados.

— Venham os nomes.

— Horacio de Lima, o maior dramaturgo da actualidade; Waldeck, compositor allemão de singular talento; Mathilde e Zilda, duas grandes artistas; Plinio de Sousa, romancista e caricaturista insigne; José Passos, poeta applaudido e lido, o que ainda é mais raro; Henrique de Castro, um historiador e diplomata ha muito ocioso e a sua Thereza, que por si só bastará a fazer-nos aborrecer, como representante do sexo feminino; e a bôa tia Margarida.

— Bôa porque se não consola de a não ter tido para sobrinha?

— Não. Bôa e espirituosa porque realmente o é.

— Mais ninguem?

— Mais ninguem.

— E os viscondes de Cette? Martha? Leonor?

— Você bem sabe que esses não pertencem ao numero dos intimíssimos, e para mim tudo que não são os meus íntimos seccam-me: são estranhos, no melhor dos casos, criticos, más linguas e massadores... Bem basta ter de receber Thereza no numero dos nossos.

— Não a convide.

— O Henrique não viria.

— Eu não creio que elle venha.

— Deu-me a entender que sim.

— Está ainda muito magoado para isso. A hora?

— Tres da tarde.

— Depois?

— Lambariees e partida.

— Para onde... Paris?

— Não, meu caro, Valença. Vamos amar nas margens do Rio Minho, onde fiaremos muito repousados até ao proximo inverno, em que partiremos para França.

— O que Leonardo veiu fazer com a sua estúpida paixão! Estragou todos os nossos velhos habitos.

— Temporariamente. Dar-lhe-hemos mais valor quando os retomarmos.

— Não preferia ir ao seu paiz?

— Não. Leonardo quer travar conhecimento pessoal com os Curie. Bem sabe que anda doido com as descobertas d'aquellas singularissimas creaturas.

— Então porque não vão já?

— Teriamos uma lua de mel profundamente chimica. Esqueê-la-hiamos facilmente e não quero. Fazamos de conta que a vida é uma opera. O motivo principal será o amôr, e os subordinados, a amizade, a sciencia e a arte.

— Mas isso deve ser eneantador!

— Sublime! Dê-me um cigarro, meu caro. Que bons serões nós teremos em Lisboa! Case com Zilda, Horacio. Não venha pôr entre nós o frio d'uma creatura estranha como o estouvado do Henrique.

— Vou dar-lhe uma ideia para desfazer o gêlo que a Thereza nos possa causar.

— Diga.

— Faça-lhe o retrato e, d'esse modo, amará n'elle a sua obra! disse Horacio malevolo.

— Ora ahi está uma ideia feliz: tentarei aproveitá-la.

— Vista-a á época dos Médicis.

— Oh! não, gritou Laura indignada, nunca! Não haveria harmonia na tela. Pintá-la-hei de ceifeira, n'um dia ardente de estio, devorando com o olhar a fonte em que outra bebe debruçada.

— É uma allegoria?

— Não. E' para dar ao seu olhar a forte expressão de desejo, e não de amôr, com que eu a vi olhar Henrique. Emquanto eu a fizer *pousar*, porei Henrique no lugar da fonte.

E, batendo as palmas, exclamou com entusiasmo:

— Não poder eu começá-lo já! E' um exito... um exito seguro.

— Quando voltaremos a Lisbôa? Pergunto assim, porque não estou decidido a partir só.

— Na quinta-feira.

— Leonardo volta a buscar-nos?

— Tenciona voltar hoje mesmo; mas, se de todo lhe não fôr possível arranjar quanto desejava, amanhã.

— Parece outro: rejuvenesceu.

— E eu?

— Oh! a Laura está cada vez mais velha e mais feia.

— Foi por saber isso, que eu o não escolhi, Horacio.

Elle desatou a rir:

— Se eu o tivesse sabido!

— Quando as cousas se sabem é sempre tarde.

E, rindo tambem, Laura lançou-lhe ao nariz uma mão cheia de sementes de eucalypto.

— É um ataque?

— Não, foi um modo de sublinhar a minha troça.

— Mas hoje está pessima!

— Não. Estou triste.

— Ninguem dirá.

— Faz-me uma falta o Leonardo que não póde calcular: d'ahi uma irritação surda contra tudo e contra todos.

— Muito obrigado. Deixo-a. Não estou para ser victima da sua perversidade. Até logo.

— Venha cá.

— Não, não. Desafogue o mau humor com outra pessôa. Adeus.

— Ah! Sim? Pois então vac pagá-las todas.

E, tomando ás mãos cheias as sementes que havia juntado emquanto conversava, lançou uma verdadeira chuva de metralha improvisada sobre Horacio, que fugiu rindo.

---

## XVIII

Leonardo, sentado á mesa d'um compartimento reservado no Estrella d'Oiro, almoçava, tendo em frente de si uma gentil mulher, loira e pallida, que mal tocava nos pratos que lhe punham em frente, e cujos olhos vermelhos annunciavam lagrimas reeentes.

— É preciso ser razoavel, Marianna. Tu bem vês : Eu não podia casar eontigo.

Uma subita vermelhidão cobriu as faces da rapariga; mas ficou silenciosa, sem erguer os olhos do prato.

Leonardo continuou :

— A vida tem exigencias erueis por vezes, mas ás quaes se não póde fugir.

Ella continuou silenciosa.

Leonardo proseguiu cada vez menos á vontade :

— Depois, tu bem sabes, tens em mim um amigo devotado, ao qual nunea reorrerás em vão.

Fez uma pausa e o silencio tornou-se mais pezado.

— Podia illudir-te, calar-me, conservar-te, enganá-las a ambas: mas isso seria um martyrio, uma vida impossivel para os tres, e eu não teria nunea a velhaearia preeisa para essa duplieidade... É um

golpe rude para o teu coração que tantos annos me foi fiel, é. Mas emfim deixo ao teu justo espirito a apreciação dos factos.

O almoço havia terminado. Marianna continuava silenciosa.

Leonardo, affectando um ar resolutivo, bateu as palmas.

O creado appareceu á porta :

— A conta.

— Mande vir um *coupé*, disse Marianna com voz apagada.

— Sim, minha senhora.

O creado curvou-se e sahiu.

Leonardo olhou a rapariga com interesse e inquietação :

— Onde vaes ?

Marianna não lhe respondeu.

O creado voltou a trazer a conta e a dizer que estava á porta o trem.

— Espera, acompanho-te, disse Leonardo muito commovido.

— É inutil.

E sem se voltar nem apertar a mão, que elle lhe estendia, Marianna sahiu. Instantes depois sentiu rodar a carruagem.

Leonardo correu o reposteiro do compartimento e, encostando o rosto ás mãos, chorou copiosamente.

Enterrar o passado é sempre triste, mesmo quando o coração não tem saudades d'elle.

Leonardo soffria, não da sua dôr, mas da de Ma-

rianna, cuja rectidão e provado affecto sentia ferir mortalmente. Ella amára-o sempre tanto!

— Quem era Marianna? perguntar-me-ha o leitor.

Marianna era uma rapariga muito honesta e digna, que recebera, em creança, magnifica educação. Seus paes, tendeiros ricos, tentaram jogar na bolsa e perderam quanto possuíam. Marques, pae de Marianna, para quem o dinheiro era tudo, não foi superior á perda do seu oiro. Matou-se estupidamente. Sua mulher, que lhe quizera com paixão e recebera sem desgosto a noticia de ter perdido a fortuna, não pôde resistir á morte do marido e finou-se tres dias depois. Marianna não tinha mais parentes, nem amigos: fugiram com a fortuna. A directora do collegio em que estava, esquecida dos ricos presentes que recebera, declarou-lhe não poder conservá-la sem uma mensalidade. Poz um annuncio para caixeira e pouco tempo depois aviáva numerosa clientella ao balcão de uma conceituada e elegante perfumaria. Leonardo era freguez antigo. Levava d'alli essencias, sabonetes, esponjas, tudo quanto precisava para o seu tocador e para os brindes que dava aos seus amigos. Viu a rapariga. Achou-a espirituosa, interessante, e cortejou-a. Marianna amou-o com toda a ancia d'um coração desamparado.

Elle não a julgava virgem. Quando reconheceu que ella o era já não teve animo de retroceder. Olhou-sc, e em consciencia não ficou contente. Casar com Marianna Marques nem pela ideia lhe passou. Um Oliveira, da casa das Tranqueiras, era lá possível! Pois bem; não casaria com outra. E, socegando

d'este modo a conscieneia alarmada, não pensou mais n'isso.

Instou repetidas vezes com a sua amante para que ella sahisse da perfumaria e fôsse viver com elle. Ella recusou. Passada a primeira embriaguez do amôr, conheceu a iniquidade do procedimento de Leonardo. A sua origem plebêa revoltou-se contra aquelle imaginario sangue azul, que a collocava impiedosamente n'uma situação deprimente.

Se a palavra é escrava, o pensamento é livre, e n'elle analysou e julgou Leonardo severamente. E, como o amava muito para lhe poder querer mal, odiou a sua classe e crivou-a de epigrammas que Leonardo ouvia com paciencia, mas de que não gostava. Um dia, que um amigo de Leonardo levou uma sova por causa d'uma conta, ella escreveu-lhe o seguinte:

Disse alguem que o Chico Mattos  
Que passa por ser taful,  
Tinha o sangue todo azul  
Porque não pagava os fatos.

Ouvindo isto um scu credor,  
Em viva furia inflammado,  
Provou que um rijo cajado  
Volve o sangue á rubra côr.

Quem quizer manter em lendas  
Ter o sangue côr do ceu,  
Não deva fato ou chapéu  
Nem queira pau nas contendás.

Estas quadras correram Lisbôa e, pelos rapazes, chegaram aos ouvidos de Laura, que riu loucamente,



porque antipathisava com a petulante garridiee do Mattos, e quiz saber quem era a auctora dos versos.

Ninguem se atreveu a dizer-lhe que a linda perfumista era amante de Leonardo, porque este, d'um génio irascivel, não admittia a minima allusão á sua vida particular, nem mesmo entre os amigos. Assim disseram-lhe que era caixeira nos *Aromas do Oriente*. Laura, curiosa, quiz conhecê-la e foi ali comprar sabonetes. Fallon-lhe nos versos. Ella disse-lhe outros e Laura, achando-lhe graça, tornou-se fregueza de Marianna. Assim esta, ao receber a dolorosa noticia do casamento do seu amante, sabia perfeitamente quem era a mulher que Leonardo lhe preferia e soffria horrivelmente da sua inferioridade, que lhe não deixava a minima esperanza. Pensou em ir ter com ella, contar-lhe os direitos que tinha sobre Leonardo, mas desistiu... Que ganharia com isso? Laura quebraria com Leonardo, (ella fazia justiça á italiana) mas o seu coração, mortalmente desilludido, poderia recuperar a felicidade? Leonardo continuaria a ser o mesmo? Não, nunca. Marianna resolveu partir. Tinha as suas economias, porque vivêra sempre muito modestamente. Nunca acceitára nada a Leonardo, mas o crú procedimento d'elle para com ella, filiado apenas n'um estúpido preconceito social, tornára-a previdente. Á força de raciocinio, previra de ha muito o golpe, que recebia agora, e, desde que o previu, nunca mais lhe perguntou como o seu coração pedia: *Não me deixas nunca?* Habitou-se á ideia de que *tinha de ser*.

E as palavras de Leonardo, se a feriram forte e fundo, não eram inesperadas: adiantaram-se apenas,

apparecendo mais cedo do que ella julgára. Tinha pois o seu peculio, já destinado ao tratamento da grande dôr moral que ia soffrer. Viveria d'elle emquanto lhe durasse aquelle estado de atordoamento. Depois... depois recomeçaria a lucta pela vida. Despediu-se do emprego com o pretexto da doença d'uma tia na provincia, e n'essa mesma tarde partiria para Paris.

Leonardo, tendo terminado os seus affazeres, não resistiu á tentação de passar pelos *Arômas do Oriente*. N'esse momento Marianna estava alli, de costas voltadas para a porta. Leonardo não estranhou vê-la de chapeu porque eram as horas a que geralmente ella ia jantar.

— Ainda bem, pensou elle. É orgulhosa e recebe as cousas com valentia... Antes assim...

E, contente da solução que dera á sua vida, partiu para o norte, alegre como um homem feliz, sem pensar que deixava atraz de si um coração esmagado de dôr, uma vida solitaria e completamente aniquilada. Ella não era da sua classe. Não contava.

Pobre Marianna!

---

## XIX

A viscondessa de Cette tomava no Campo Grande o chá das cinco, e, com muita abundancia de ditos equivocos e gargalhadinhas maldosas, exigia que Waldeck lhe descrevesse o casamento de Laura, realisado na vespera.

— Então estava muito commovida?

— Muito. Laura é profundamente sentimental.

— Henrique foi?

— Foi.

— E a mulher?

— Tambem. Estava encantada com a belleza e elegancia da noiva.

A viscondessa de Cette perguntou com muito veneno:

— Parece-lhe que ellas se darão bem?

O allemão fingiu não perceber:

— Certamente. Laura encanta quantos se lhe approximam.

— Isso é verdade, concordou Lourença. E diga-me, os presentes eram bonitos?

— Muito.

— Os jornaes não dizem nada.

— Não admira. Laura detesta exhibições e não havia lá reporters.

— Conte. Então que lhe deu?

— Eu? Uma pasta de pergaminho com uma composição minha, inspirada nos mysterios insondaveis da alma.

— Ah! disse a viscondessa, que, de si para si, estimava immenso não ter sido mimoseada com a composição de Waldeck.

— E Thereza?

— Thereza um bordado feito por ella.

— Uma mulher tão rica!

— Ella sabe que, para Laura, as cousas caras não são as que têm mais valor.

— E Henrique?

— Um ramo de rubins e perolas com a divisa que Laura escolheu.

— E Thereza soube?

— Foi ella mesma que lh'o poz.

— Oh! exclamou Lourença com mais impertinencia que da primeira vez. ●

— E Leonardo?

— Um anel d'ouro, excessivamente simples, do feitio de fita, com a data no lado interior.

— Não casaram por anneis?

— Não.

— Aposto que o Horacio lhe offerceceu um conto, Zilda uma esculptura e Mathilde uma aria? Meu Deus, continuou n'outro tom, eu não sei como não asphyxiam n'essa atmosphéra!... Então Henrique e Laura fizeram definitivamente as pazes?

— Nunca estiveram zangados.

— Sabe, Waldeck? a sua descrição é intolerável; vou escolhê-lo para amigo.

— Não sei se poderia ser seu amigo.

— Porquê?

Elle curvou-se para ella e respondeu-lhe quasi ao ouvido, como se lhe dissesse uma amabilidade:

— V. Ex.<sup>a</sup> é venenosa como a serpente: é essa uma qualidade que não attráe.

— Impertinente! disse Lourença rindo.

E um vivo rubor cobriu-lhe as faces.

N'este momento chegava Horacio.

— Então os noivos?

— Partirão.

— E a perfumista?

— Não sei a quem V. Ex.<sup>a</sup> se refere.

— Á dos versos do Chico Mattos.

— Que lhe aconteceu?

— Partiu para Paris.

— Quem lh'o disse? perguntou Horacio, intrigado mau grado seu.

— Mas... toda a gente. Imagine que o Chico Mattos viu-a metter no comboio chorando copiosamente. Não se calou mais.

— Pudéra! Elle tinha com ella uma conta em aberto. É natural.

— Generosidade a correr parellas com a honestidade do seu caracter.

— Defesa da caixeirinha? perguntou ironica a viscondessa.

— Não.

— Então do Leonardo?

— Menos.

— Então?

— Nojo pelo gozo infinito de vêr cuspir na desgraça alheia.

— Oh! Os amigos de Laura estão educados d'uma fórma que parecem puritanos: são d'uma sinceridade e semsaboria unicas.

— Beijo as mãos de V. Ex.<sup>a</sup> em meu nome e no dos meus companheiros.

— Então a sua peça?

— Deve abrir a proxima época.

— Quem faz o papel principal?

— A Angela Pinto: está naturalmente indicado.

— É uma grande actriz no seu gencro.

— Porque não foi este anno?

— Difficuldades de scenario e distribuição de papeis.

— Olhe, repare no Carlos Penedo. Que mal montado que vae!

— Veja quem aqui vem.

— Oh! que agradavel surpresa, Martha! não te esperava agora aqui.

— Porquê?

— Julgava-te ainda doente.

— Esteve doente, senhora D. Martha? perguntou Horacio sollicito.

— *Febre cardiaca*, um mal que os senhores não conhecem, mas ao qual nós, as mulheres, estamos frequentemente sujeitas.

— Ah! V. Ex.<sup>a</sup> então esteve atacada d'essa perigosa doença?

— De leve, muito de leve, meu caro escriptor. Não teve importancia; e a prova é que aqui estou alegre e florescente e já amanhã recomeço as minhas conferencias.

— Sobre?...

— A vantagem de não ensinar religião nas escolas.

— Mas isso é uma loucura!

— Eu proponho-me demonstrar o contrario.

A viscondessa de Cette, com a sua costumada malevolencia, perguntou:

— Quanto durou o teu curso?

— Oito annos.

— Ora diga-me uma cousa, Horacio. Valia a pena perder tanto tempo em Coimbra para vir mais tola do que para lá foi?

E, sem esperar resposta, dirigiu-se a Thereza e Henrique, que chegavam.

— Até que enfim! Julguei que tu não tornarias a apparecer.

— A felicidade é egoista, menina.

— N'esse caso applaudo a longa ausencia. E você, Henrique, como está?

— Um pouco adoentado, minha senhora; mas alegre e amavel como sempre.

E beijou-lhe galantemente a mão.

— Não digo que não, pela amostra; mas começa a envelhecer, meu amigo. Cuidado! Vejo-lhe três cabellos brancos...

— Distingamos! E' o juizo que se aproxima, e não a velhice.

— Não temas nada, Henrique, disse Thereza, rin-

do. Ellas achar-te-hão sempre novo e sempre lindo... Até tu.

— Não contesto.

E, enfiando o braço de Thercza, Lourença levou-a para junto de si.

Waldeck aproximou-se de Henrique e disse-lhe escandalizado ao ouvido :

— Então tu tens mantido tão estreitas relações com a Cette e deixas tua mulher assim com ella ?

— Que queres que lhe faça? Se fôr a preservar Thercza do contacto das minhas amantes, nunca mais poderia frequentar a sociedade. O que lá vae pertence á Historia. O passado n'este capitulo não tem importancia. O que é grave é o presente, e sobretudo o futuro.

— Não gosto de te vêr n'essas disposições ao fim d'um mez de casado.

— Mas é naturalissimo.

Waldeck respondeu-lhe :

— Será. Comtudo, quando frequentavas os nossos queridos serões, eras um homem sensato, direi mesmo meticoloso em assumptos de coração.

— Oh! então era differente! Eu tinha, ou julgava ter, quem me comprehendesse e apreciasse todas as piéguices e subtilezas do sentimento. Acordei dolorosamente e adquiri a certeza de que é melhor aceitar-mos o mundo como elle é: não tratarmos as pessôas com requintes nem ter por ellas um sentimento que vá além do que é vulgar. Os outros, meu caro Waldeck, não devem nunca ter aos nossos olhos mais va-



lor do que nós mesmos. Assim, talvez a ventura seja possível, mas só assim.

— Repito, não gosto de te vêr n'esse caminho.

— Não o escolhi. Foi a fatalidade ou o destino que me atirou para elle.

— Não seria antes a tua leviandade?

— Foi a desesperação. Dize assim que dizes melhor.

Plinio, com uma grande camelia na botoeira, aproximou-se de Thereza e perguntou-lhe com muita amabilidade:

— Gostou do Minho, senhora D. Thereza? E da quinta de *Milflôres*? Meus paes, que conviveram sempre muito com a senhora D. Margarida, dizem-me d'ella maravilhas.

— É bonita, é. No entanto eu esperava melhor. Talvez por a ter ouvido gabar muito.

— Passeou muito a cavallo pelos arredores?

— Não. Esqueceu-me levar selim e, como nos demoramos pouco, não valcu a pena mandá-lo ir.

— Ó Thereza! Fôste ao casamento de Laura?

— Fui.

— Gostáste?

— Muito. Ella é amavel e estava bonita com o traje de noiva.

— Tambem tu estavas.

Thereza sorriu.

— Em todo o caso, menos.

— Muito impressionada?

— Bastante.

— E elle?

— Oh! elle estava alegrissimo e vaidoso. É um par encantador que me conquistou completamente.

— Teu marido foi sempre muito amigo d'ella.

E este *d'ella* foi accentuado com intenção malevola.

Thercza continuou, como se não tivesse percebido:

— Muito. Eu já a estimava atravez de Henrique.

— Tu agora, á sombra d'elle, pertences aos seus intimos, sabes? É como um circulo de ferro que ella estabeleceu em volta de si e nenhum estranho póde penetrar. As mulheres mais elegantes, os homens mais estimados, são bem recebidos, não lhes faltam com attenções, mas, não são da casa; emquanto que qualquer dos intimos olha como seu tudo que lhe não pertence e acha-se auctorisado a fazer de dono da casa.

— Mas tu ias muito a casa d'ella.

— Muito. Ella recebia-me sem cerimonia no seu toucador ou onde estava, como aliás a toda a gente. Conversava sobre todos os assumptos, mas, bem vês, nunca me considerou sua íntima. Isso trahe-se em pequenas differenças, e a prova é que não me convidou para o seu casamento.

— Escandalisou-te isso?

— Oh! Não. Eu conhecia-a demais para poder esperar outra cousa.

Martha, que se havia aproximado, escutava interessada.

— Ella fez um retrato do teu marido que é uma perfeita maravilha.

— Vi-o, e tive vontade de lh'o roubar. Ella prometteu-me uma copia.

— É do tempo em que elles se não deixavam nunca.

E a viscondessa de Cette soltou, terminando, uma das suas maldosas gargalhadas.

— Como te deu o original, devia dar-te tambem a tcla.

— Mas, meu Deus, commentou Martha no mesmo tom, isso seria privar-se d'uma querida recordação.

Thereza olhou-as sem colcra, attenta e alternadamente. Depois, levantando-se, disse-lhes com naturalidade:

— Vejo o que devo pensar, não d'ella, mas de vocês. Que não tinham nenhuma qualidade boa, sabia-o ha muito. Julguei, porém, que não teriam a maldade precisa para tentar lançar a perturbação no espirito de alguém. Coitadas! Muito póde a inveja!

E, sem lhes estender a mão, afastou-se desdenhosa. As outras, sem se desconcertarem, ficaram rindo. Thereza, aproximando-se do marido, disse-lhe:

— Vamo-nos embora. Este meio, futil e máu, aborrece-me.

Dirigiram-se á carruagem acompanhados por Waldeck, que tomou tambem logar alli.

— Tens alguma cousa, Thereza? perguntou Henrique á mulher.

— Não, mas nunca mais falarei a Lourença.

Waldeck olhou para Henrique significativamente.

— Que te fez a viscondessa?

— Oh! Ella e Martha valem-se!...

— Vamos, dize, que foi? Waldeck não conta.

— Fizeram-me insinuações desagradaveis a proposito d'um retrato teu.

— Isso incommodou-te?

— Bastante, confesso, embora lhes não dêsse credito. Castiguei-lhes a perversa malevolencia e nunca mais, nunca mais irei a suas casas nem lhes estenderei a mão.

— É um exaggero, querida. A nossa sociedade está uma cousa bastante equivooca. Se vamos a querer corrigi-la, dentro em pouco não fallaremos a ninguem.

— Deixá-lo. Não nos farão falta.

— Tem razão, senhora D. Thereza, não lhe farão falta.

Thereza, um pouco nervosa, continuou:

— Estou agora lendo tudo que me possa dar uma noção exacta do que é a vida. Preciso preparar-me para a lucta por ella, que prevejo tremenda.

— Bravo! disse Waldeck, sorrindo interessado.

— Li hontem esta phrase d'uma heroína de Pré-vost: *Helas! j'ai épousé un très beau passé.* Eu creio que poderei dizer: *desposei un très joli avenir.*

— Bem! Lá te estão fazendo effeito as estupidas tagarellices d'essa vibora.

— Não, mas noto como todas as mulheres te olham e vejo que isso te não é indifferente.

— Pura vaidade, nada mais.

— Pois é preciso perdê-la. Não quero soffrer para que a tua vaidade se sinta lisonjeada.

— Mas, meu Deus, isto é uma scena de ciumes!

— Em regra.

— Não tens vergonha de Waldeck?

— Nenhuma. Estou certa de que no fundo da sua consciencia elle me aprova.

— Talvez te enganes.

— Apostemos.

— V. Ex.<sup>as</sup> têm ambos razão. A senhora D. Thereza por se sentir magoada pelas impertinencias da sr.<sup>a</sup> viscondessa e da sr.<sup>a</sup> D. Martha, e Henrique porque não póde evitar que olhem para elle, a não ser no entrudo em que tem o recurso da mascara.

— Ha muitos modos de olhar... Eu ando a estudar isso.

— Vês, Waldeck? perguntou Henrique entre aborrecido e risonho. Vês em que furia se tornou a creança submissa e amavel que eu desposei?

— A culpa é toda tua, toda tua...

— Seja.

Waldeck pediu:

— Não fallemos mais n'isso.

Henrique, amavel:

— Afinal não tomáste o teu chá? disse.

— Deixei-o na chicara.

— Decididamente aquella Lourença só faz desarranjos...

— Vê isto, Waldeck? Note o ar complacente d'esta observação. Está satisfeito como se tivesse havido um duello por causa d'elle.

Henrique riu. E Thereza conservou-se até Lisboa n'um mutismo feroz.

## XX

A senhora D. Margarida, como boa dona de casa, que era, passava uma revista á sua casa de jantar antes da chegada dos convivas que esperava. Estava alegre a boa senhora com a volta do sobrinho, e tanto que até se mostrou affavel com Thereza. Convidou os noivos para jantar, e queria n'esse dia em que alli comiam pela primeira vez, n'aquella casa em que Henrique deixára tão grande vácuo, reunir os amigos d'elle para evitar tudo que pudesse commover-lhe o coração á lembrança dos dias passados em tão carinhosa intimidade.

— Olhe, ó João, dizia ella ao creado que substituiria o surdo-mudo que Henrique não resistira a levar comsigo, este féto fica melhor sobre aquella columna em frente da janella. Assim, bem. Ponha-me aqui aquella palmcira... tanto para a parede, não... puxe um pouquinho mais á frente... exacto. Já lhe expliquei como havia de servir este dôcc. É uma especialidade da minha terra e empenho-me em que o achem saboroso. Abra as janellas até ás horas de jantar e feche tudo dez minutos antes.

Ia já a sahir, quando reparou no relógio.

— João, páre o relógio. Nunca gostei que as visitas ouvissem horas na minha casa. Sou ainda do tempo em que se dizia: *ao santo altar da meza não se envelhece*. Eu sou do meu tempo. Muito bem. Logo que chegue o ultimo convidado, mande servir.

— Sim, minha senhora.

Depois, a boa velhinha entrou ns sala principal e parou em frente do espelho.

Era majestosa ainda a sua figura, e o vestido de setim roxo, pezado de vidrilhos, moldava-a elegantemente. O cabello, d'uma alvura de prata, emoldurava-lhe o rosto em graciosos canudos, talvez alheios, mas que lhe ficavam bem.

— Oh! exclamou ella, se não fossem as rugas como eu era ainda bonita!

E, com um suspiro doloroso, afastou-se tristemente do espelho, murmurando:

— O tempo é implacavel na sua obra de destruição.

Depois de meticolosa vistoria sentou-se na sua cadeira habitual, na livraria, junto do fogão, e tomou ao acaso um livro que começou a ler com o mesmo interesse dos vinte annos. Era o ultimo trabalho de Plinio, que fizera sensação no mundo elegante: *O coração dos velhos*.

— Como é verdade! Como é verdade! dizia a senhora D. Margarida, que adquirira, como todos aquelles que viveram muito tempo sós, o habito de fallar comsigo. Que grande observador é este Plinio Costa! E como eu, se quizesse, lhe podia dar assumpto para um volume não menos grande nem interessante do

que este. « A unica compensação dos annos é a vaidade da triste sciencia da vida que lhes devemos. » Como esta phrase é bem pensada! Ai, Plinio! eu te tomarei logo á minha conta! E esta? « As amarguras do passado, que tão viva dôr nos causaram, revive-mo-las n'um mixto de saudade e gôzo. Contar o tempo que passou por elles, é a suprema ventura dos que já viveram e esperam, sem cuidado nem temor, o minuto que lhes revêle o eterno mysterio da ultima paragem ante o insondavel. » É isso. Contar é a delicia da alma, como vêr amar é reviver o nosso passado amôr. Henrique! Como eu me promettera de reviver na sua a minha moeidade! Afinal...

Fechou o livro, tirou do bolso a tabaquéira dos dias solemnes, toda eravejada de pedras preeiosas, e sorvendo uma longa pitada, deseancou os olhos na ehamma do fogão, seguindo o novo fio dos seus pensamentos.

— V. Ex.<sup>a</sup> dá licença, minha tia?

— Pois não, minha joia. Então vem só?

— Henrique vem cá ter. Eu estimei isso porque desejava fallar-lhe em particular.

A senhora D. Margarida franziu levemente o sob'olho e eonduziu a sua nova sobrinha para junto do fogão.

— Aqui, minha querida. Vejamos, de que se trata?

— Eu sou muito nova, muito inexperiente e muito franea. Pareceu-me que V. Ex.<sup>a</sup> não sympathisava muito commigo; mas, como sei que é a pessoa que mais estima Henrique, resolvi-me a desabafar eomsigo. Eu careço de conselhos. Se os pedir a minha mãe...



a tia comprehende, não é verdade? Ella é sogra e não mãe de Henrique... temo que o censure, pelo menos em pensamentos. V. Ex.<sup>a</sup> não o fará. Eu não posso fallar d'elle, em consciencia, senão comsigo, e preciso tanto, tanto da sua experiencia... V. Ex.<sup>a</sup> é quasi mãe de Henrique, ha de attenuar as suas faltas, escondê-las aos olhos dos estranhos e diminuir-as aos meus.

Se Thereza se tivesse empenhado em conseguir a estima da tia Margarida, não encontraria melhor o caminho do seu coração.

— Venha cá, Thereza, deixe-me abraçá-la, minha filha. Acaba de me revelar uma bella alma, e isso enche-me de alegria. O meu Henrique será feliz.

E, tomando-lhe as mãos, perguntou carinhosa:

— Elle já começou a fazer das suas?

— Por ora não, mas...

E Thereza contou á tia Margarida que Henrique casára por despeito e não por amôr, e que estava tentando educá-la de modo a não prejudicar a sua vida de rapaz. As lagrimas borbulharam-lhe nos olhos mais d'uma vez, mas, ao descrever a scena do Campo Grande, correram-lhe pelas faces e foram cahir nas mãos da boa senhora.

Pela sua sensibilidade acabou Thereza de ganhar o coração da tia, que ficou contente de achar um campo vasto de manobras para a sua actividade guerreira.

— Descanse, minha filha, descanse. Sobretudo não diga a Henrique que me fez confidencias.

E, sorrindo com malevolencia, emendou:

— Não dizer é tolice. Pessoas cujos corpos cobre o mesmo lençol, não teem segredos. Mas não diga tudo... tudo não: o bastante para que não fique um segredo entre vós, o preciso para que elle nada saiba: as mulheres costumam ser eximias n'isto.

E, contente no seu sabio orgulho, de ter uma educanda tão submissa, disse-lhe n'um tom militar, que aprendêra com os irmãos em melhores tempos:

— Verá. Como é uma reeruta intelligente, passál-a-hei rapidamente a prompta.

Ia continuar d'esta fórma, que lhe lembrava os tempos bellieosos da sua mocidade, quando, da porta, uma voz perguntou:

— Sou de mais?

— Os amigos nunca são de mais. Já hoje o vi, já o li, e já pensei em si.

— Sim?! Mas que feliz eu tenho sido hoje...

— É verdade. Li o titulo e as primeiras paginas do volume que teve a gentileza de me offerecer, vi-o na rua do Ouro á porta do *Rendez-vous*, e pensei em si ao preseneiar uma engraçadissima scena entre litteratos: depois lh'a contarei.

Plinio e Henrique entraram, e logo atraz os restantes convidados.

João annunciou á porta:

— O jantar está na mesa.

— Vamos.

E eneaminharam-se todos para a casa de jantar.

A senhora D. Margarida apoiou-se no braço de Plinio ao mesmo tempo que dizia a Horacio, sorrindo:

— Perdôe-me por esta vez a infidelidade, meu

amigo, mas este senhor foi escrever áccrca do coração dos velhos e teve tão argutàs observações que me aguçou a curiosidade. Quero saber, investigar onde é que elle foi buscar tanta sciencia com tão pouca idade.

A sala estava repleta de luzcs e flores. A tia Margarida fez sentar Plinio á sua direita e Horacio á esquerda. Henrique ficou-lhe em frente, tendo a um lado Mathilde e a outro Zilda. Thereza, na cabeceira da mcsa, entre Waldeck e Manuel de Lemos, critico d'arte, tinha defronte Leonor com Paulo Vici, regressado ha poucos dias de Roma, e o capellão da snr.<sup>a</sup> D. Margarida e seu conterraneo, que era commensal da casa desde a partida de Henrique.

A conversa animou-se pouco a pouco e á sobremeza era cheia de espirito e finura. Todos estavam contentes e alegres, mas á snr.<sup>a</sup> D. Margarida, apesar dos cuidados e exigencias do seu papel de dona de casa, papel que tão gentil e cabalmente sabia desempenbar, ficavam-lhe ainda olhos para observar o sobrinho. Era graciosa e urbana para todos, não tornando nunca a sua amabilidade um fardo pezado ou incommodo para os seus hospedes, como tão frequentemente succede. Ha pessôas, leitores, cujo excesso de cortezia nos faz lembrar constantemente que estamos em casa alheia, e outras que não teem a precisa, embora estejam convencidas do contrario, para *saber receber*. Estas duas ultimas palavras constituem uma sciencia que não está ao alcance de todos e rarissimos obtêm completamente.

A senhora D. Margarida tinha, como poucos, essa sciencia.

Paulo Vici não chegára a receber em Italia a carta que Laura lhe escrevêra, participando-lhe o seu casamento e contando-lhe minuciosamente a sua historia, para que elle não extranhasse esta noticia depois da carta que havia recebido e na qual, (os leitores devem estar lembrados) ella lhe confessava que julgava invencivel a sua paixão pelo cunhado. Assim, logo que chegou, correu a casa da sua amiga e ficou extraordinariamente surprehendido quando a creada, encarregada de tomar conta na casa, lhe disse que a senhora casára e partira logo em seguida para a provincia. Correu a casa de Waldeck e alli soube tudo; mas apesar do que ouvira ainda lhe parecia impossivel. Pensando n'isso, voltou-se á sua vizinha da direita e perguntou-lhe com interesse:

— Foi ao casamento da snr.<sup>a</sup> D. Laura Rentini?

— Não tive convite, mas não resisti á tentação de a querer ir vêr á egreja.

— Pareceu-lhe alegre?

— Muito commovida, e o seu amigo Leonardo não o estava menos.

— Não imagina a zanga que me fez não chegar a tempo de lhes dar um abraço, pelo menos na gare.

Leonor, baixando a voz, disse a Vici:

— Para mim, este casamento causou-me a maior surpresa.

E, indicando Henrique por um gesto só perceptivel ao seu interlocutor, continuou:

— Sempre julguei que ella casasse com o Castro: eram talhados um para o outro.

— Sim, disse o italiano, valiam-se em belleza e

elegancia. Comtudo Leonardo, embora não tenha figura para tentar o pincel d'um artista, tem qualquer cousa que offerece garantias de muito maior felicidade a uma mulher como Laura.

— Tem juizo? perguntou Leonor.

— Muito. Mas, mais do que isso, é um talento vasto, um espirito superior.

Leonor olhou-o espantada; não percebia muito bem para que fôsem precisos taes dotes a um marido.

No outro lado da mesa, Thereza perguntava a Manuel de Lemos as impressões que trouxera da visita ao atelier d'um esculptor muito em voga. E elle, que não era affeioado ao grupo do artista, affirmava:

— A estatua não tem belleza alguma. O assumpto é vulgar e banal quanto possivel, e a execução, minha querida senhora, deixa muitissimo a desejar... O mestre, coitado, não estava nos seus dias felizes.

— Eu achei-a encantadora...

— E' porque não viu com olhos de vêr.

— Não seria antes porque não estava animada do desejo de censura?

— Oh! minha senhora!... então aquelle pé esquerdo em attitude de quem vae a dar um passo, ... notou?

— Pareceu-me lindo.

— Por Deus! E' incrivel!... Não tem a minima naturalidade. Que diria V. Ex.<sup>a</sup> se visse a Eva do Graciano ou ainda a sua Diana.

Este Graciano era o afamado do seu grupo, aquelle cujas obras deviam sempre suplantar as de todos os outros.

Mais adiante, a tia Margarida, sem perder Henrique de vista, conversava com Plínio e Horácio.

— Então V. Ex.<sup>a</sup> é de opinião que a minha velha não diz tudo quanto devia? perguntava Plínio interessado.

— Vou mais longe, e por isso o culpo. Plínio quiz fazê-la fallar, mas com receio da opinião publica, ficou em tenções... Engano-me? Não é isto?

— Precisamente. Póde porém dizer-me em que estribou a sua analyse?

— Bem perguntado, apoiou Horácio, é o que é curioso saber.

— Mas, meus filhos, é visível! O auctor tem apenas trinta e dois annos. O seu feliz instincto diz-lhe que deveria ser assim... que é... Comtudo, como não passou ainda por essa phase da vida, recebeu fazer affirmações ao acaso n'um ponto que lhe poderia ser talvez facilmente contestado. Não foi bastante modesto para recorrer ao inquerito pessoal. Orgulho? ou não acreditar na sinceridade das mulheres?

— Não te defendas, Plínio. O golpe foi certo.

— E' natural, retorquiu a tia Margarida divertida. Adivinhar o pensamento aos novos é a nossa unica diversão.

Em frente, Henrique, como homem habituado a fallar com senhoras, interessava-as fallando-lhes das ultimas novidades da moda em Paris, deixando-lhes calir como sentença nos ouvidos:

— E' assombroso como a moda nos transforma! Ora reparem na sr.<sup>a</sup> D. Leonor. Escrava d'essa tiranica rainha, adoptou-lhe o penteado favorito e... ve-

jam em que estado se pôs!... Uma rapariga tão bonita!

— Ella não terá espelhos em casa? perguntou ironicamente Mathilde.

— Bem sabes que sim, disse Zilda, pouco satisfeita de ouvir censurar a sua amiga.

— Que importa? tornou Henrique com aquelle ar ligeiramente enfadado que tão bem lhe ficava, e tão querido o tornava das mulheres: a quem falla o espelho verdade?

— Porque pintam então sempre a verdade com um espelho?

— Para se não aborreeer de si propria e demonstrar aos mortaes que a illusão é agradavel até para aquelles que affirmam o contrario.

— Ora que ideia!

— Garanto-lhes que é assim.

— Politica?! padre capellão! Mas não sabe que a detesto com todas as forças da minha alma? dizia Zilda comicamente indignada.

— Não se parece V. Ex.<sup>a</sup> n'isso, nem com sua mãe, nem com sua avó, que eram quasi uns... uns...

— Diga o termo, sr. P.<sup>e</sup> João, eu não me escandaliso: — uns galopins eleitoracs. E se fôsse só isso! Mas quantos contos de reis nos custaram as ultimas eleições progressistas?

— Agora já comprehendo a razão da sua antipathia á politica, minha senhora... disse Waldeck, do outro lado.

— Não, não... para mim o dinheiro perdido é o

menos: o mais é o somno... os horriveis bocejos que contra vontade lhe devo.

A conversa generalisou-se e pouco depois ergueram-se da mesa.

Passando á sala de fumo, Vici tomou o braço de Henrique e puxou-o para o vão da janella. Alli, fitou-o nos olhos e perguntou simplesmente:

— Então?

— Então, respondeu Henrique, a minha vida está falhada...

— E a d'ella?

— A d'ella não sei e... francamente, não me importa.

— É possível?

— Sim, meu caro, desengana-te. Amôr é uma palavra sob a qual nós escondemos outra: egoismo.

— Espantas-me, Henrique... Fallas seriamente?

— Como a mim proprio. Importei-me com Laura emquanto julguei possível obtê-la... Hoje... se ella morresse... seria um grande allivio para mim.

— Isso é revoltante!...

— Não. É humano. Para ter socego era preciso que entre ella e eu existisse o impossivel.

— E não é um impossivel a amizade d'un amigo?

— Primeiro, nunca é amigo o marido ou amante da mulher que se ama; segundo, não posso ter com os sentimentos de Leonardo os escrupulos que elle não teve com os meus.

— Então o Leonardo, hoje, para ti...

— É simplesmente um homem.

— Peior para ti, Henrique...

— Porquê?



— Não terás a uniea eonsolação que te era permittida: a satisfação do dever.

— Ah! O dever!

E Henrique, encolhendo os hombros, soltou uma gargalhada eynica, repetindo:

— O dever! a honra! o brio! etc., são tudo invenções eom que os espertos arraneam aos parvos saerifícios maiores do que o da vida. Acordei, e aeordei outro homem. Tudo isso, que tinha um som sonoro e cheio aos meus ouvidos, parece-me hoje vazio de sentido... Refleete e verás.

E voltando-lhe as eostas, entrou para a sala.

Paulo Viei abriu a vidraça, curvou-se sobre o pctoril e fieou pensativo.

O ar embalsamado do jardim e a belleza da noite, fa-lo-hiam esquecer do sitio onde estava, se a sr.<sup>a</sup> D. Margarida, notando a sua falta, não viesse proenrá-lo.

Sentindo uma mão leve tocar-lhe no hombro, Viei voltou-se sobresaltado.

— Ah! É V. Ex.<sup>a</sup>?

— Em que pensa, meu bello moço?

— Nas estranhas surpresas que a vida encerra.

— Pois bem, venha recitar-nos bellos versos. Repita-nos os ultimos que lhe ouvi.

— *Morte, che sci tu dunque?*

— Não... Mil... Mil...

— *Mille fiate, ó dolce mia guerrera?*

— Esses, esses mesmos.

E, tomando-lhe o braço, a senhora D. Margarida reeonduziu-o gentilmente ao captiveiro da frivolidade mundana.

## XXI

Leoniardo possuia uma pequenina casa nos suburbios de Valença, nas margens do rio Minho. Era um pequeno ninho escondido entre olmos e castanheiros, longe da estrada. Estava mediocrementemente mobilada e elle pensava renovar os velhos moveis e torná-la um mimo de conforto e elegancia.

Quando alli chegou, na intenção de fazer obras, não teve animo. Aquella grande e feia cama de casados, para a qual se subia por três degraus, tinha sido de seus paes; n'ella dormira em creança, deitado entre ambos. O velho toucador, o guarda-fato, o lavatorio, tudo era tão modesto e tão antigo! Não era aquelle o quarto em que desejaria possuir Laura. No entanto, nem nas paredes, caiadas de branco, nas quaes sobresahia um grande painel do Senhor da Canna Verde e a milagrosa imagem da Senhora do Sameiro, pôde mexer. Afastou desconsolado as cortinas de cassa bordada e olhou o campo:

— Não, no quarto não mexo.

Passou á sala de jantar. As paredes caiadas, como as do quarto, tinham por unico ornamento um grande quadro, com apparencia de ter pertencido a convento,

representando a ceia do Senhor; era uma magnífica copia da celebre téla de Leonardo de Vinci. Leonardo olhon-a com desvanecimento:

— Laura ficará contente encontrando aqui este quadro em que nunca lhe fallei.

Depois olhou o resto do aposento e encolheu os hombros com desalento:

— Que heide eu renovar aqui?

Descansou o olhar na cadeira onde tantos annos se sentára sua mãe, e as lagrimas correram-lhe pelas faces:

— Não, não. Seria um sacrilegio. Laura, se quizer, que renove tudo. Eu não posso. Seria o mesmo que arrancar pedaços d'alma.

E, pegando na cadeirinha com travessas em que se sentava, quando pequenino, murmurou:

— Não, nem isto sahirá d'aqui.

Limitou-se então a fazer cajar as paredes de novo, a renovar as cortinas, conservando-lhes a fórma, e a fazer estofar de novo a velha mobilia da sala, com um tecido semelhante, quanto possivel, áquelle que sempre lhe conhecêra.

Em pintar por fóra a habitação nem pensou: as paredes estavam cobertas por uma linda trepadeira de folha permanente que fazia parecer a casa construida de verdura. Lembrou-se de lhe mandar fazer por cima das telhas uma cobertura de côlmo que lhe desse uma apparencia mais graciosa, e pintar de novo os caixilhos das janellas.

Assim, quando apóz o casamento ali chegaram, Leonardo, ao aproximar-se de casa, disse a Laura:

— Terás de desculpar, minha querida. Não me achei com forças de deitar fóra, ingratamente, os moveis entre os quaes passei toda a minha vida: eram-me muito queridos, mas tão feios! tão indignos de ti...

— Fizeste bem. Ficaria triste se tivesses procedido de outro modo. Eu comprehendo e aprecio todas as delicadezas de coração. Contar-me-has scenas intimas, episodios da tua infancia e, n'essa moldura que lhe é propria, será uma evocação perfeita em que tudo se animará aos meus olhos com a côr da realidade: fizeste bem.

Leonardo tomára duas creadas, bonitas raparigas ambas, e dois desempenados rapazolas. Déra-lhes bôas soldadas com a condição de que andariam vestidos com os trajes domingueiros permanentemente, pagando-lhes elle as avarias que tão constante elegancia lhes causasse. E a sua velha ama, que ainda vivia, seria a governanta d'aquella alegre mocidade.

A boa velha recebêra com alegria e alvoroço a noticia do casamento do seu menino; porém, quando soube que era uma italiana a noiva, torceu o nariz:

— Uma estrangeira! O menino vae casar com uma italiana?

E a boa mulher sentia-se horrorisada.

É innata no povo a antipathia por tudo que não é nacional, e pelo que toca a pessoas sobe de ponto. Callou-se a velhinha, convencida e bem, que por causa d'ella, não renunciaria Leonardo ao seu projecto, mas doia-lhe vêr uma estrangeira no lugar de sua ama. Escondeu a sua magoa o melhor que soube, e foi com

o sorriso nos labios que desceu a escada exterior da habitação para receber os noivos.

Laura, prevenida de que ella creára Leonardo, festejou-a muito, e a boa mulher, que o não esperava, commoveu-se sinceramente com isso.

A italiana visitou seguidamente a casa e concordou em que tudo era acolhedor; mas no seu intimo, a frieza d'aquellas paredes, a pobreza d'aquelle mobiliario, incommodavam-n'a: era o desagradavel frio d'um meio estranho. Olhou para Leonardo e sentiu-se reconfortada.

Elle adivinhou-a.

— Sentes-te mal aqui?

— Não, pelo contrario.

— Então?

Laura sorriu, sem saber bem como esconder o que lhe ia na alma.

Fez-se um silencio.

Laura pediu-lhe:

— Estou cansada da jornada, meu amôr, e queria dormir: tenho immenso somno.

Leonardo olhou-a desolado.

A italiana fingiu não vêr e propôs:

— Se eu ficasse esta noite no quarto dos hospedes?

— Pelo amôr de Deus! Tu não fallas sério. Que pensariam os nossos creados...

— É forçoso ficarmos hoje ambos no mesmo quarto?

— É, respondeu Leonardo, n'um tom sêcco e imperioso, que Laura lhe não conhcia e que, por essa mesma razão, a incommodou.

— Seja.

Leonardo aproximou-se da mulher e beijou-a; e depois disse-lhe amigavelmente:

— No Porto achei-te razão e cedi. O motivo que apresentavas pareceu-me justo. A mim proprio repugnava possuir-te pela primeira vez n'uma cama de hotel; mas aqui estamos em nossa casa, e só por doença, e tua, eu adiaría um tal momento.

Laura, summamente contrariada, não lhe respondeu.

A velha ama appareceu á porta:

— A ceia esfria, meus meninos...

— Oh! Eu tenho uma fome de morrer.

— Julguei que era somno? observou Leonardo com malicia.

— Fome e somno: as duas cousas.

— É muito natural, affirmou a ama; a viagem é longa e fastidiosa, segundo affirmam os que a teem feito.

— Então nunca foi a Lisboa?

— Nem ao Porto. Bem me quiz elle para lá levar quando lhe morreu a mãesinha — Nosso Senhor lhe falle n'alma — mas sahir cá da minha terra? isso sim! Cá nasci, cá hei de morrer.

Laura achou graça a este apêgo de abelha ao cortiço, e durante a ceia, que foi deliciosa, e que ella prolongou tanto quanto pôde, com manifesto desagrado de Leonardo, continuou puxando pela lingua á boa velha que, encantada com a attenção que ella lhe déra, dizia depois, na cozinha, ás suas subordinadas:

— É uma perfeita senhora. É uma pena não ser portugueza. Calada, parece-o; mas, quando falla, tem

um accento, assim á moda dos hespanhoes, que lhe estraga a falla.

Emfim, já não havia mais pretextos, e a italiana teve de se recolher ao mesmo quarto que Leonardo. A exiguidade da casa não lhe permittia nem um quarto de vestir.

— Deixa-me despir primeiro, pediu ella, olhando significativamente para a porta.

— Pois sim, respondeu Leonardo, não quero que digas que te recuso tudo. Mas antes conversemos um pouco: senta-te aqui.

Laura, contente com esta delonga inesperada, apressou-se a obedecer.

— Então que tal achaste a minha velhinha?

— Graciosíssima.

E, confiada, a italiana começou a fallar da ama e da ceia.

Então Leonardo affagou-lhe brandamente as mãos, depois encostou-lhe a cabeça no hombro e, acabando por collar os seus labios nos d'ella, arrancou-lhe facilmente a licença para lhe servir de creada de quarto. Depois, assim que a viu deitada, apagou a luz.

— Então tu? perguntou Laura.

— É um instante.

.....  
O dia encontrou-os acordados, e o rumor da casa feito em surdina era cortado por longos *pchius* da velha ama que os commentava com a phrase elucidativa:

— São noivos: é preciso deixá-los dormir até que acordem.

Passava do meio dia quando Leonardo sahiu do

quarto. A velhinha, que rondava no corredor, já inquieta com aquella demora n'uma pessoa que tinha habitos tão matinaes, vendo apparecer o seu amo, pegou-lhe familiarmente pelo braço e levou-o á janella. Alli mirou-o insistentemente e disse-lhe eom mau modo:

— O menino não tem juizo nenhum... Veja lá o que faz, veja!

Leonardo eórou, mau grado seu:

— A ama sempre tem eousas!...

— Sim, o menino já não tem a sua mãesinha. Tem que me ouvir porque eu bem sei o que lhe eonvem ou não.

E, baixando a voz, insinuou:

— Uma mulher tambem não é de ferro...

Leonardo beijou-lhe as faees enarquilhadas e escaçou-se ao resto do sermão, que eom o eonheimento que tinha da sua ama, previa longo.

Ella então bateu á porta do quarto timidamente.

— Quem é? perguntou a voz fresea de Laura.

— Sou eu, menina.

— Entre, ama, entre.

Ella entrou e apoiou-se ao toueador junto do qual se penteava Laura.

— Então passou bem a noite? perguntou entre timida e inquieta.

— Muito bem, minha bôa Rosalina.

— Ora isso é que se quer. O meu Leonardo é muito bom moço, mas ás vezes um homem... Não sei se me entende?

— Entendo, entendo, disse Laura rindo.



— Pois é isso. Eu estava inquieta.

— Como vê, não tinha razão.

— Ainda bem, isso é o que se quer. Pois o almo-  
cinho está prompto e, apesar de ter esperado muito,  
não é cousa de enjeitar.

— Eu tenho bem vontade.

— Acredito, acredito. Então lá pela cidade toda  
a gente se penteia assim? Deve ser difficil de apren-  
der...

— Não, não é. Ha umas mulheres que andam pe-  
las casas a pentear.

— E ganham bem?

— Entre tres e cinco tostões. Mas eu tenho uma  
creada, que é quem geralmente me penteia. Não a  
trouxe com receio de que ella lhe causásse incommodo.

— Então em que havia de incommodar? Ora essa!  
Eu hoje não a quiz vir acordar, mas será bom que  
me diga o que quer para o jantar e para o almoço.

Laura sorriu por vêr que a bôa mulher julgava  
que costumava preoccupar-se com o que comia; mas,  
longe de a elucidar, respondeu-lhe amavelmente:

— Não, minha bôa Rosalina, eu confio plenamente  
em si. Tudo que fizer está bem feito, e quanto gastar  
bem gasto.

— Ora! mas... veja lá! disse a bôa velha, con-  
tente com o que ella julgava uma alta distincção.

N'isto, a voz de Leonardo gritou do jardim:

— Então, preguiçosa, ainda não?

— Desço já.

E Laura, tomando familiarmente o braço da ve-  
lha ama, desceu com ella vagarosamente as escadas.

Rosalina não cabia em si de contente, e o proprio Leonardo teve um sorriso de alegria com a distincção que a mulher fazia á bôa creatura.

A italiana pensava, envolvendo a velha e o marido n'um mesmo olhar:

— Elles estão satisfeitos e eu, impondo-a á consideração dos creados, poupo-me continhos e arrelias.

Entraram no jardim onde á sombra d'um verdejante caramanchão, Leonardo mandára pôr a mesa. Laura voltou-se para o creado e perguntou-lhe:

— Como é o seu nome?

— José do Poço, um criado de V. Ex.<sup>a</sup>.

— Pois bem, José, ponha mais um logar na meza.

— Para quem, minha menina?!

— Para si. Tem de comer comnosco.

— Oh! isso é que não. Não, isso não lhe farei.

Leonardo tomou o partido da ama:

— Incommoda-la-hias, obrigando-a a sahir dos seus habitos e horas.

Laura cedeu, mas o effeito moral estava obtido: ninguem pensaria em se vir acolher á nova ama com queixas da velhinha.

Na cozinha foi muito bem apreciada a conducta da italiana a quem os creados eram unanimes em tccer elogios.

A velha ama, impando de vaidade, exclamava:

— Não que o meu Leonardo não é nenhum asno. Elle que a escolheu é porque a pequena não é nenhum peixe pôdre. Vá, rapazes, um copo do verdêlho á saude dos noivos!

## XXII .

Eram passados oito dias, depois da chegada de Leonardo e de sua mulher á casa que o vira nascêr. Os noivos pareciam felizes, e a vida corria animada n'aquelle pitoresco cantinho da terra. Bateram cinco horas no relógio da casa de jantar. Laura, deitada n'uma rêde suspensa dos vigorosos troncos de dous castanheiros, lia *La revue des Idées*. Leonardo, a poucos passos de distancia, regava uma arvore pequenina que plantára para solemnisar a data da chegada da mulher alli. Mais longe, a bôa Rosalina, sentada n'um banco rustico, fiava, e *Rob-Roy*, o cão valido de Laura, estava deitado aos pés da velhinha como se fosse um conhecimento de antiga data.

Um creado approximou-se respeitoso:

— Está na sala o senhor Morgado da Ponte.

— Mando-o vir para aqui, Laura?

— Como queiras, meu amigo.

— Pede-lhe que desça ao jardim, José.

Laura sentou-se na rêde e d'um pulo saltou ligeiramente em terra.

— Levantas-te?

— Então queres que fique deitada deante d'esse senhor que nem ao menos sei quem é?

— Um amigo de creança. Has-de estimá-lo, é muito intelligente e bom.

Receber pessoas estranhas era para a italiana uma tortura, e desde que chegára á terra de Leonardo era raro o dia em que essa sécca se lhe não impunha. Tudo que desmanchava a harmonia do seu viver era-lhe profundamente antipathico e pezava-lhe desagradavelmente. Leonardo olhou-a:

— Perdoa-me a contrariedade que te causei, mas... Ora viva o meu amigo Diogo! Já cá tinha estranhado a sua ausencia.

— Não tenho estado em Valença: cheguei hontem.

— O meu velho amigo Diogo Valladares... Minha mulher, disse Leonardo apresentando-os.

— Tenho immenso gosto de o conhecer. O seu nome já me não era estranho, disse Laura estendendo-lhe a mão.

Valladares curvou-se balbuciando um cumprimento.

Laura observou-o minuciosamente.

Era um rapaz alto, de figura esbelta e rosto moreno, com olhos d'um negro tão negro que pareciam carvão. Vestia com correcção, mas sem o apuro que trahe o *snob*. Laura admirou-se de encontrar alli uma pessoa tão distincta. Depois sorriu da sua propria admiração. Valladares bateu familiarmente no hombro da ama, perguntando-lhe:

— Então como vai isso, Rosalina?

— Muito bem, senhor Dioguinho: e lá por casa?

— Todos de saude, obrigado.

— Que diga sempre assim: é o que se quer.

— Por onde tens andado?

— Fui a Coimbra assistir ao casamento de meu primo Octavio.

— Com quem casou elle?

— Com uma filha do Ladislau da Cunha.

— Que ouviste por lá?

— Nada que mereça menção. Ah! O teu amigo Henrique de Castro...

— Que lhe aconteceu?

— Pareee, segundo me contou o Chico Mattos, que houve no Campo Grande uma scena de ciúmes por causa d'elle.

— Do Henrique de Castro?! perguntou Laura. Mas elle casou ainda outro dia...

— Pois casou. A scena deu-se entre a mulher e duas outras senhoras, a viscondessa de Cette e uma feminista de que me não lembra o nome.

— Era de prevêr, disse Leonardo, n'um tom não isento de satisfação.

A italiana carregou o sobr'olho, e, com uma voz em que se trahia um ligeiro descontentamento, perguntou:

— Que viste tu na conducta de Henrique que te fizesse julgar mal d'elle?

— Tudo. É um leviano.

Leonardo não pôde eximir-se a dizer estas palavras sem um certo azedume.

— Não o ereia, senhor Valladares. Meu marido, n'estes ultimos tempos, parecee ter-se tornado ingrato. Asseguro-lhe que não o é. Estou admirada! Elle não

costuma nada ser severo para os seus amigos quando estão ausentes.

— Tens razão n'isso, para *os meus amigos...* mas Henrique já não pertence a esse numero... Tolerero-o apenas por tuá causa e tambem um pouco por habito.

Fez-se um silencio constrangedor.

Valladares perguntou:

— Que lhe parece a v. ex.<sup>a</sup> a nossa terra?

— Linda, no pouco que tenho visto: quasi não sahi ainda de casa.

— Pois deve vê-la com vagar. Sobretudo as margens do rio são um verdadeiro encanto.

— D'isso tenho eu d'aqui a amostra, disse a italiana, sorrindo e mostrando o rio que se via ao fundo entre salgueiraes. Vive sempre aqui, senhor Valladares?

— Não, minha senhora. Passo cá a maior parte do anno, mas no inverno vou até ao Porto, Lisboa, ou mais longe, segundo tenho vontade. Sou solteiro: por isso desloco-me com facilidade relativa.

— Gosta de Lisboa?

— Não, minha senhora. Mas o inverno no campo é triste.

— Eu gosto d'elle em todo o tempo, e se não fôsem os meus amigos de Lisboa, preferia estar aqui todo o anno.

— Parece-te, respondeu Leonardo, mas aborre-  
cer-te-hias rapidamente.

Laura olhou-o com tristeza e não respondeu.

Valladares retorquiulhe:

— Mas é natural. V. cx.<sup>a</sup> e Leonardo devcm dar-se bem aqui. Não é o meu caso... A sociedade de nossos paes é muito agradável, mas não nos basta quando ainda sômos novos. E depois, o mal é habituarmo-nos a passar algum tempo nas grandes cidades. Tem-se depois a nostalgia d'aquelle viver á pressa, tão cheio de encantos e sensações rapidas, e que por isso mesmo nos seduz.

Leonardo pousou o regador, e veio sentar-se junto de Laura e Valladares :

— Então, Diogo, em que ficou o teu namoro com a filha do medico de Tuy?

— Continúa na mesma. A opposição é medonha de parte a parte... Emfim, a pobre menina tem soffrido muito durante annos. Isso obriga-me á constancia, mas se ella renunciasse por-sua vontade a contrariar os paes, eu acceitava sem difficuldade essa decisão. Estou farto de dissabores.

-- Ora ahi está o que é fallar com acerto, senhor Dioguinho. O que a sua mãe gostaria de o ouvir!

— Não lh'o repita, Rosalina: eu dei a minha palavra e devo cumpri-la.

— Ora adeus! Até ao lavar dos cestos é vindi-ma... Está muito a tempo de reconsiderar.

— Parece-lhe...

— Mais sabe o tolo no seu... disse rindo Leonardo.

— Que tens lido agora? perguntou Valladares no visivel intento de chamar a conversa para outro assumpto.

— Nada ou quasi nada. Como sabes, ando preoc-

cupadissimo com a descoberta dos Curie, pois creio que é um grande passo por onde se poderão vir a dar muitos outros de não menor importancia scientifica.

-- Por caridade! poupa-me! Eu não sou um sabio nem pretendo sê-lo. Gosto de lêr os seus livros, melhor ou peor raciocinados, mas que para mim teem o encanto do romance e a sua poesia. Por vezes empolgam-me e deleitam-me quando são de Büchner, Darwin, Hæckel, Le Bon. Os seus livros teem, para o espirito, o supremo valor: é o gigante a querer lutar com a rocha e ella immovel sempre. Mas eu gosto de me suggestionar quando os leio e de suppôr, ao esclarecer a minha mente com os seus poderosos raciocinios, que por mim só nunca faria, que elles não levantam só uma pontinha do veu e que ao chegar á ultima linha dos seus volumes terei a chave do enigma. Então domina-me uma especie de febre. Não leio: devoro. Quando não apprehendi bem qualquer pensamento releio-o, medito-o: é-me forçoso entendê-lo. Mas ao chegar á ultima linha, com a cabeça em fogo, tenho a mesma sensação do final d'uma peça do Ibsen. E depois? Aquelle brusco acordar na realidade é sempre tão triste! tão triste...

A italiana, esquecida de que Valladares era um homem e um estranho, como disséra ha pouco, saltou para a rêde, reclinou-se e com um dedo ao canto dos labios seguiu com delicias o pensamento de Valladares, tão semelhante ao seu.

Leonardo, que propositadamente puxára pela lingua ao seu amigo, olhava a mulher ternamente e sorria pensando:



— Já devo estar perdoado de ter recebido o Diogo.

— Tem razão, disse Laura. Acaba de traduzir nas suas palavras o meu proprio pensamento. Mas não é tão bom, tão agradável, encontrar ás vezes entre os altos pensamentos d'esses e d'outros grandes homens, ideias formadas naturalmente por nós, sem preparação, sem estudo, sem outra cousa que não seja a intuição do que deve ser?

Leonardo murmurou quasi como para si:

— E' certo. Esse é um dos maiores attractivos de taes leituras. Mas tudo, tudo que faz pensar, desde o romance ao livro de sciencia, dá ao espirito a suprema felicidade. Lembras-te, Laura, de quando nós lêmos aquelle voluminho de Compayré sobre a Educação?

— E' verdade, que bons momentos passamos!

— E que troça nos fizeram Horacio e Plinio!

— Horacio é insupportavel de zombaria.

— Não se lhe póde negar que tem graça. Tu é que és um pouco desconfiada e amúas com facilidade.

— Ora diga se não tenho razão. Está-se a fallar com elle muito a sério e começa, com muita gravidade, a fazer mil observações todas mais tolas umas do que as outras. É desesperador!

Laura convidou Valladares a jantar e á noite, quando elle se retirou, disse ao marido:

— E' muito interessante este rapaz; conversa-se agradávelmente com elle.

— Eu bem sabia, quando lhe disse para vir, que tu havias de estimar conhecê-lo.

Recolheram-se ao quarto. A noite estava quente e pelas janellas abertas vinha dos jardins um forte

perfume de flôres. Laura, beijando o marido com paixão, murmurou-lhe ao ouvido:

— Queria perguntar-te uma cousa.

— Dize.

— Em que pensas tu ás vezes que nem estás junto de mim, nem alegre?

— Que ideia! exclamou Leonardo contrariado.

— Não queres dizer?

Leonardo beijou-a, abraçou-a, e não respondeu.

— Soffreste com o casamento alguma decepção?

— Como podes pensá-lo?

— Talvez a parte que te era desconhecida em mim não corresponda ao que tu esperavas...

— Plenamente.

— Então?

— Exiges franqueza absoluta?

— Absoluta.

— E perdôas-me?

— De toda a minha alma, se não esconderes nada...

— Peza-me alguma cousa na consciencia.

A italiana escondeu um ligeiro sobresalto.

— Confessa-te. E' curioso! Sendo tu o meu maior e melhor amigo, entendendo-nos nós tão bem, não tendo segredos um para o outro, nunca me fizeste as miudas confidencias que me faziam constantemente os outros. Não ha na tua vida episodios de mulheres galantes, de cantoras, de actrizes, d'essas creaturas que os homens consideram o champagne do amor?... E' d'algum episodio d'esses que me vaes fallar?

— Não, minha vida, é qualquer cousa de mais grave: é...

E Leonardo não soube como continuar.

Laura aconchegou-lhe a cabeça ao seio, beijou-o, e murmurou, conservando a serenidade aparente, mas com o coração oppresso de dôr:

— Tens alguma mulher?... filhos?... Ouve. Não hesites em me dizer a verdade. Perdôo-te tudo, menos que me sejas infiel: se tens filhos, trá-los para casa: serão meus. Se tens uma mulher a quem o teu braço faz falta, a minha fortuna é grande, estipula-lhe um farto rendimento que lhe dê, além do necessario, o superfluo... Não? De que se trata pois?

Leonardo, de olhos baixos, corado a ponto de parecer rôxo, confessou em voz baixa:

— Ha annos... deshonrei uma menor...

A italiana ergueu-se d'um salto, horrorisada.

— Tu?... tu fizeste isso?... tu?

E como das três vezes elle acênásse affirmativamente com a cabeça, ella deixou-se cahir soluçando aos pés da cama.

Leonardo, com as mãos atraz das costas media, a passos largos e em silencio, o quarto d'um lado ao outro. Por fim Laura ergueu-se, limpou os olhos e abriu-lhe os braços. Leonardo correu a precipitar-se n'elles e chorou como choram as creanças no regaço materno.

Então a italiana com a voz quebrada pela dôr murmurou-lhe ao ouvido:

— Adoro-te. Vejamos, conta-me tudo. Disseste de mais para recuar agora.

Leonardo fallou-lhe da perfumista.

— Conheço-a e... e estimo-a. Depois?

O marido confessou-lhe como repugnando aos seus sentimentos e preconceitos casar n'uma classe diferente da sua, resolvêra nunca o fazer, condemnando injustamente a uma falsa situação a boa Marianna e a si a um celibato eterno. Vencêra e conseguiria sempre dominar a sua paixão por Laura, se o receio de a ver ligada a outro o não tivesse desorientado. Contou-lhe a crueldade com que rompêra com ella e como, voltando ao Bussaco, ia contente e alegre, julgando o seu grande orgulho da rapariga a manteria forte e firme no seu posto. Escrevêra a Horacio pedindo-lhe noticias que elle esperava lhe tranquilisariam a consciencia.

— Mas a resposta, disse elle concluindo e tirando da algibeira uma carta que leu á mulher, foi esta.

E, desanimado, deixou pender a cabeça nas mãos.  
Laura leu :

*Caro amigo:*

Marianna despediu-se da perfumaria no proprio dia em que foste a Lisboa dizer-lhe adeus. Consta que partiu, só, em direcção a Paris. Foi tudo que consegui saber. Pobre pequena! Amava-te devéras.

Um abraço para ti, outro para a causadora de tantos males.

Manda sempre o teu velho amigo,

*Horacio.*

A italiana dobrou a carta em silencio e entregou-a a Leonardo. Por fim, ergueu a cabeça e murmurou:

— Descansa. Eu repararei o teu erro.

— Como? Bem vês, ella não é mulher a quem se pague o coração... Depois, onde parará?...

— Muito brevemente te direi onde está. E em muito pouco tempo repararei a tua falta. Imponho só uma unica condição...

— Qual?

— Nunca mais te alheares de tudo para pensar n'ella... Isso podia causar-nos desgosto. Promettes?

— Procurarei obedecer-te.

— Obrigada.

N'essa noite a italiana foi insensível ás caricias do marido. Entre elle e ella erguia-se o vulto da perfumista. Porque não fallára elle antes? Ella teria recusado unir-se a elle? Pensou:

— Se eu fosse mais nova, se tivesse quinze ou vinte annos, sim. Hoje não: conheço demais o mundo para immolar a minha felicidade á dos outros. Eu casaria, mas tâl-a-ia feito casar primeiro, e Leonardo nem pensaria n'ella nem teria remorsos.

— Não dormes? perguntou Leonardo.

— Não.

— Fui perturbar o teu socego com as minhas inquietações. Fiz mal.

— Não pensava n'isso; mas, já que voltas ao assumpto, uma pergunta: Ella nunca aqui veio?

— Nunca.

Laura respirou como se lhe tirassem das costas um pezo de cem kilos.

— Mas afinal não me disseste em que estavas pensando.

— Interessa-te isso muito?

— Muitissimo.

— E não te escandalisas?

— Absolutamente nada.

— Pois bem, pensava que eu gostaria de vêr brincar sobre a relva do souto dois rapazinhos que fôsem meus filhos, mas tão meus amigos que não pudessem guardar um segredo de mim durante um minuto.

Leonardo estreitou-a amorosamente nos braços, e d'esta vez Laura não viu o vulto da perfumista...

### XXIII

É noite de baile em casa de Henrique de Castro. As salas resplendem de luzes e espelhos; por toda a parte abundam flores. A tia Margarida, que é uma mulher habil, empenhou-se em fazer valer Thereza aos olhos de Henrique e começa a consegui-lo. Tornou-lhe, por meio d'um solido tratamento, a rotundidade burgueza supportavel, conseguiu empallidecclhe as faces e elevar-lhe a estatura, devido aos recursos do Salles, o melhor sapateiro de Lisboa. A mulher de Henrique já não usa vestidos mephistopelicos nem põe em cima de si a profusão de joias que indica o habito de as não ter. Henrique, ao bater á porta do quarto de toucador da mulher, recua agradavelmente surprehendido:

— Que bonita estás!

Realmente Thereza estava radiante de belleza: Vestia de velludo preto, magnifico, sem enfeites, e no pescoço ostentava um collar de brilhantes. Os cabellos estavam cingidos por um diadema tambem de brilhantes, com uma apparencia régia, e nenhuma joia mais a enfeitava. Os seus modos, que eram acanhados um pouco, ressentindo-se ainda dos habitos con-

ventuaes em que fôra educada, tinham-se tornado naturalmente elegantes e graciosos, sem copiar servil e ridiculamente os figurinos. Ella sentira a sua inferioridade. O espelho dizia-lh'a. Resolveu no seu íntimo supri-la pela habilidade, tanto quanto possivel, e a tia Margarida auxiliou-a com os sabios conselhos de 60 annos de casquilhice.

Henrique não gostava geralmente da maneira espaventosa por que a mulher trajava. Ella adivinhou-o n'um cumprimento discreto que elle dirigira a Zilda a proposito da sua maneira de vestir. Informou-se, com tacto verdadeiramente feminino, das côres que o marido preferia no vestuario e resolveu nessa noite, depois de ter reformado com a cumplicidade da tia todo o guarda-roupa, dar uma nova orientação á sua beleza e mesmo até ao seu espirito, se tanto fôsse possivel.

Henrique, recuára, pois, admirado, dizendo:

— Como estás bonita!

E entrando no aposento, admirou de todos os lados, com ar de conhecedor, a mulher, e um sorriso de triumpho deslisou-lhe nos labios: n'aquelle momento ella estava digna d'elle. O espelho recordando-lhes as suas duas imagens satisfê-los a ambos cabalmente.

Desceram ás salas, onde já os esperava a tia. A bôa senhora fingiu a mais completa surpresa ao vê-los e Henrique ficou convencido de que a tia não entrára por nada na elegancia de Thereza; antes, com uma vaidade muito mascula, pensou:

— Começa a soffrer a minha influencia, é o que é.

Começaram chegando os convidados, mas Laura e



Leonardo não appareciam. Henrique principiava já a desesperar de os vêr. Dançava um *pas-de-quatre* com Mathilde quando, olhando para Thereza, viu Laura que se lhe dirigia e trocava com ella cumprimentos com a mais cordeal affabilidade. Uma alegria immensa inundou-lhe o coração e foi n'aquelle momento que o baile começou para elle. Laura ostentava uma linda tunica cinzenta escura, coberta por um tecido doirado; na cabeça, sabiamente penteada, tinha uma grinalda de flores d'ouro e no collo um collar de topazios. Era bonita a escolha do seu vestido? Não, mas realçava estranhamente a sua belleza de loira. Laura, artista em tudo, não gostava de produzir sensação nas salas onde entrava, mas queria, quando olhassem para ella, que disséssem ou pensassem que alli estava uma mulher soberanamente distincta e pressentissem n'ella uma individualidade. Conseguia-o facilmente e, no seu íntimo, orgulhava-se d'isso.

De pé, no meio da sala, trocando um banal cumprimento com a dona da casa, o contraste era frizante entre as duas mulheres.

Mas Thereza exultava. D'esta vez a belleza de Laura não a offuscava, antes se realçavam uma á outra.

Henrique admirou-as. Se Thereza pudesse lêr nos pensamentos do marido, não ficaria contente. Elle comparava-as, e o seu coração pendia para a italiana. Estava ella mais bella? Não. Mas era a mulher desejada e nunca possuida. Thereza podia fazer o que quizesse: estando Laura presente podia offuscá-la aos olhos de todos, menos aos de Henrique. Para

elle seria sempre a mulher unica, mau grado seu, porque tinha momentos em que a odeiava.

Quando a dança terminou, Henrique apressou-se a ir cumprimentar Laura. Quatro olhos profundamente ciumentos se cravaram no elegante par.

— Estava já receioso de a não vêr...

— Receio infundado. Bem sabe que nunca falto aos meus amigos...

— E continúa a ser minha amiga, Laura?

— Porque não?

— Julguei... que o seu casamento tivesse esfriado a nossa amizade...

— A amizade é tão differente do amôr... O Henrique continuou sempre a ter no meu coração o mesmo lugar. Lastimo até bastante que se tenha affastado tanto de nós...

— Era necessario, Laura... Se o não fizesse, endoidecia.

— Não revolvamos cinzas passadas... O que lá vai, lá vai.

— Diga-me... O que pensou do meu casamento?

— O que era natural pensar: curou um amôr com amôr: é um meio therapeutico como outro qualquer e que, segundo affirmam, é de seguro effeito.

— Não foi...

— Perdão, eu não quero saber os seus sentimentos...

— Já vê, Laura, que não é a mesma para mim...

— Então não sou?

— D'antes não tínhamos segredos um para o outro. Agora...

— Agora é o mesmo. Sómente ha confidencias que...

-- Recceia ouvir as minhas confidencias?

— De modo algum. Mas, olhe, estão tocando uma valsa: vá fazer valsar as meninas, ande.

— Valse commigo, Laura.

— Eu?!... Bem sabe que nunca valsei.

— Faça-me a vontade...

— É impossivel! O que diriam todos os nossos amigos que tanta vez me teem ouvido apreciações um pouco... acerbos por causa das valsas. Bem, vá. Repare no modo por que sua mulher está olhando para nós...

— Só saio d'aqui se prometter dar-me um conselho antes de se retirar.

— Pois sim, mas deixe-me. Não gosto de ser observada por este modo.

Henrique levantou-se, dirigiu-se a Zilda e pouco depois valsavam ambos com verdadeiro *entrain*.

Leonardo tambem, como a mulher, condemnava a valsa. Encostado ao vão d'uma porta, abanava-se com o chapéu e olhava Laura com amôr. Viu-a accnar com o leque a alguem. Voltou-se: era o seu amigo Valladares que corria ao chamamento.

Valladares veio sentar-se junto de Laura.

— Até que confim! disse-lhe a italiana. Julguei que não chegava.

— Quem a ouvir, julgará que anciava pela minha vinda.

— E não se engana: que noticias me traz?

— Faça-lhe a vontade... Vou.

— E não dirá nada ao Leonardo?

— Absolutamente nada. Como recompensa a minha promptidão em obedecer aos seus desejos?

— É o meu segredo!

— Vou de muito mau humor, profundamente contrariado, mas v. ex.<sup>a</sup> metteu-se a fazer de Senhora da Paz...

— Já sei que me faz um grande sacrificio; é isso que lhe agradeço... Quando parte?

— Está anciosa por me vêr pelas costas?...

— Confesso.

— É muito amavel.

A senhora D. Margarida veio sentar-se junto de Laura, e Valladares, depois de dizer meia duzia de phrases sem valor, affastou-se.

Thereza, pelo braço de Leonardo, atravessava as salas para lhe ir mostrar uma planta exotica que lhe haviam offerecido. Leonardo dizia-lhe:

— V. ex.<sup>a</sup> é a rainha da festa: offusca todas com a sua formosura.

Thereza sorria com convicção, mas respondia:

— Não diga isso. Onde sua mulher estiver é impossivel mais ninguem brilhar.

— Peço perdão. Ella é a violeta. V. ex.<sup>a</sup> a rosa.

— Para castigo seu ella devia ouvi-lo agora.

— Laura é uma mulher artista. Comprehende perfeitamente que se não possa ver a belleza sem a admirar, e ella acompanha-me na minha admiração por si. Laura deseja tirar-lhe o retrato... sabe?

— Sim, já m'o disse, mas...

— É um meio de estreitarmos relações e de nos

vêrmos mais a miudo. V. ex.<sup>a</sup> roubou-nos Henrique. Não lhe pedimos uma restituição; mas, de quando em quando, deve conceder-nos a companhia d'elle e a sua.

— Aqui tem a planta em que lhe fallei.

— É um philodendro.

— Lindo, não é verdade?

— O que eu não sei é se isto se dará bem no nosso clima.

— Affirmam-me que sim.

— É para desejar, porque é realmente um bello exemplar.

Horacio, Plinio, Manuel de Lemos, Waldeck e Chico Mattos, agrupados a uma porta, conversam entre si.

— Por Deus, ficam assim muito melhor, exclamou Chico Mattos.

— Quem?

— Elles, trocando as damas.

E apontava Henrique e Leonardo cada um junto da mulher do outro.

Horacio incommodou-se.

— Ha exclamações que são de pessimo gosto.

— Conforme as intenções que se lhes attribuem.

A minha era o mais innocente possivel. Notava as desharmonias do acaso ou da sorte, como lhe queiram chamar, que transtornam a harmonia natural da natureza: o exemplo que cito é frizante.

— Concorde, disse Waldeck, em tom indifferente.

E, voltando-se a Plinio, perguntou:

— Tu crês que o Ferreira do Amaral seja mais habil do que o João Franco?

Esta pergunta veio generalisar a conversa.

O rei D. Manuel tinha ido ao norte. O estado de indignação do paiz que a morte do principe real acalmára um pouco, reaparecia. A piedade, que a figura do rei juvenil e orphão acordára no coração sensivel de todos os portuguezes, começava a extinguir-se, e o desdem começava a substituir o dó, vendo-o passar sempre rodeado de tropa, guardando-se de todos os seus subditos, como se n'elles houvesse outros tantos *Buiças*. Isso desagradava a todos, e mesmo aos que o queriam defender, vendo n'elle a creança e não o rei: não encontravam argumentos que pudessem sustentar a defeza quinze minutos. N'esse dia tinha apparecido a primeira das celebres cartas politicas de João Chagas. Era dirigida ao rei. Havia n'ella verdades núas, expressões fortes, predicções como esta: «o Buiça, meu principe, foi — a Fatalidade. Roubou-lhe um pae, roubou-lhe um irmão e não lhe deu um throno.» A sensação causada por esta carta foi grande em todos os meios sociaes, onde bastava soltar uma palavra sobre politica para attrahir todas as attenções. Portanto Waldeck, chamando habilmente aquelle assumpto á conversa, sabia de antemão o seu infallivel resultado.

Deixámos a senhora D. Margarida sentada junto de Laura para seguir Leonardo e Thereza. Vamos agora ouvir a conversa de ambas.

— Então, minha querida, gostou do Minho?

— Immensamente, minha senhora.

— E como se deu por lá?

— Muito bem.

— Sabe que lhe acho uma expressão triste no olhar?

— Não estou hoje muito bem disposta: dóe-me profundamente a cabeça.

— Diga-me com a sinceridade que, usada uma vez, não se perdôa mais: é feliz?

— Tanto quanto possível.

— Ah!

Laura apressada ajuntou:

— Não conclua da minha resposta aquillo que eu não quiz dizer.

— Mas?!...

— Eu explico-me melhor...

E, enfiando o braço da tia Margarida, Laura contou-lhe a confissão que Leonardo lhe fizera no Minho.

A boa velha ouvia-a interessada, murmurando de quando em quando:

— E depois?... e depois?

— Tomei a resolução de escrever a Marianna, lembrando-me que não ha nada melhor do que a franqueza. Disse-lhe a verdade toda, e appellei para os seus sentimentos. Enviei essa carta ao acaso, entregando-a a amigos sinceros que tenho em Paris. Não foi sem custo que conseguiram encontrá-la. Está empregada nos armazens do *Printemps* e a sua conducta é irreprehensivel. São as informações que me mandaram.

Ella escreveu-me uma carta muito digna em que me dizia, pouco mais ou menos, isto:

*Minha senhora:*

A sua carta causou-me surpresa, confesso. Como sei que não tem parte alguma nos desgostos, que seu marido me causou, e sempre tive por v. ex.<sup>a</sup> a maxima consideração, venho dizer-lhe que desejo que seja feliz e que estou prompta a concorrer para a tranquillidade do seu espirito em quanto estiver ao meu alcance. Partindo, analysei a frio a conducta de Leonardo para commigo e o fundo ressentimento do meu coração tornou-se, não em odio, mas em desdem. O amôr extinguiu-se e creio (elle tratou-me tão mal) que jámais esse sentimento renascerá em mim. Vivo em paz e adquiri a experiencia da vida. Quando as lições são proveitosas, nunca são caras.

Se v. ex.<sup>a</sup> entender, faça chegar a carta inclusa ás mãos de Leonardo; senão rasgue-a.

Desejo-lhe mil venturas, etc., etc.

— Na de Leonardo, que eu lhe não entreguei, continuou Laura, mas que lhe fiz chegar por intermedio de Horacio, lia-se, pouco mais ou menos, isto:

*Leonardo:*

Estou em Paris e arranjei aqui uma boa collocação. Este bilhete tem unicamente por fim (conheço a tua vaidade) evitar que te persuadas que morri de pezar. Diz o povo que as feridas do cão curam-se com o pêllo do mesmo cão, e um amôr com outro amôr. Se a primeira receita dá resultado, não sei; a segunda garanto-te que é efficacissima. Sou feliz. Não tenhas remorsos, nem me lastimes, nem me invejes. Esquece-me como eu te esqueci... sem custo.

Adeus.

*Marianna.*

— E seu marido, minha querida?

— Não me mostrou a carta. Primeiro tencionei



dizer-lhe que eserevêra a Marianna; depois, como elle não me fallou, mais n'ella, achei prudente fingir que me esquecia. E fiz bem. Visto que elle não tem franqueza, é melhor assim. Longe de se mostrar contente no dia em que a recebeu, ficou apprehensivo e eabisbaixo...

— Os homens, minha querida, são todos os mesmos e logo que attingem um ideal eriam outro, ou pelo menos cessam de desejar conservá-lo com ardor. Mostrar a um homem que é loueamente amado é o maior erro que a mulher póde cometer...

Junto de Mathilde, José Passos fallava de poesia. O ultimo livro de Antonio Corrêa d'Oliveira dava-lhes pasto á palestra:

— Eu não gosto do *Elogio dos sentidos* — dizia Mathilde. O nosso poeta abruza um pouco do pantheismo.

José Passos, que imitava quanto em si eabia o auetor do *Allivio de Tristes*, desde que o vira eahir em graça, perdendo n'essa imitação muito do seu valor pessoal, que seria grande sem esse faeto, protestava vehementemente.

— Não diga isso, minha senhora. Aquella é que é a bella, a verdadeira fórma poetica.

— Pois eu, para ser sineera, dir-lhe-hei: Agradam-me immensamente os sonetos do *Elogio dos Sentidos*, mas não me agrada o livro todo. Correia d'Oliveira teria proporeções giganteseas, se nos dêsse um livro do seu eoração, em que o pantheismo se trahisse, e não um livro de pantheismo em que o seu eoração se trahe. Esta opinião, ereia, não é só minha; o que

o é talvez, é a sinceridade de a manifestar. Assim como também lhe digo, meu caro Passos, não me agrada a sua transformação: perde n'ella immenso do seu valor.

— Oh! minha senhora!

— Acredite, quando você fazia versos como estes:

Mulher, ente cruel, sem piedade!  
Fonte de eterna dôr e de desdita,  
Onde nem mesmo um atomo se agita  
Sem ter por guia a mais feroz maldade!

Era pouco amavel com as senhoras, convenho, mas lia-se com prazer. Agora, desde que desatou a escrever d'isto:

Eu sinto, ó terra, effeitos ancestraes  
Que desvelada me deixaste n'alma  
Quando do ether na perfeita calma  
Tinhas sonhos ainda virginaes.

Inda não tinhas rios nem montanhas.  
Não mediras a cosmica grandeza,  
Mas tinhas no desejo a profundeza  
De emprestar vida a creações tamanhas!

Desculpe, mas isto, francamente, não se supporta.

— Mas, minha querida senhora, todos me affirmam que a minha fórma progride todos os dias...

— Coitado! E você acredita-os? Bem se vê que é poeta!

Umas meninas cochichavam entre si com risadinhas:

— A viscondessa de Cette está fula por não ter recebido convite.

— Mas que queria ella?

— Não sei.

— Diz que Thereza, desde que casou, se tornou to-  
lissima e ferozmente ciumenta de todas as mulheres  
que lhe são superiores.

— Ella não deixa de ter razão.

— É uma *parvenue*.

— Nunca saberá receber.

— O pobre Castro tem um trabalhão para supprir  
a falta de cortezia da mulher.

— Isso não é exacto. Agora mesmo estamos veri-  
ficando o contrario...

— Ó filha, ella já em solteira era insupportavel  
de *gaucheric*.

— Has-de vêr. Se o marido lhe não ensinar, não  
irá acompanhar o Senhor Patriarcha ao buffete.

— O casamento d'este rapaz é um sacrificio que  
não se comprehende.

— Elle é riquissimo...

— Não foi para doirar os braços.

— Ha quem affirme o contrario.

— As que o seu casamento desilludiu.

— Foram tantas!...

Henrique conseguira aproximar-se de novo de  
Laura.

— Cá estou a exigir que cumpra o promettido.

— Seja. Que conselho quer?

— Como heide deixar de amá-la?

— Muito facilmente: convencendo-se que eu não  
mereço o seu amôr e que o deve a outrem. Não me  
fuja, Henrique. Obriga-se assim a pensar em mim,

procurando evitar-me por todas as fórmulas. Vá a minha casa como d'antes, convença-se de que adoro meu marido e de que sou muito sua amiga. Desde que me veja a todo o instante que queira, *passado o periodo agudo* dos seus loucos desejos, a sua sensibilidade acalmar-se-ha e acabará por me vêr com indiferença. Todos os affectos, todos os grandes sentimentos, tem um periodo em que parecem indestructiveis e promptos a destruir o ser que animam. Depois, passado esse estado culminante, reconhecemos que a vontade póde outra vez dominar o sentimento, e sômos de novo capazes de guiar as nossas acções.

— Observou isso em si, Laura?

A italiana mordeu os beiços, córando:

— Mas não.

— Então?...

E o olhar de Henrique fitava-a perscrutador.

— Estudando quantos me rodeiam.

Depois, com um sorriso subito:

— Bem sabe que me reputo uma excepção.

— Tem a certeza de que a nossa intimidade não trará perigo (deixe-me ser sincero) para nenhum de nós?

— Não creio. No entanto ninguem póde responder senão por si.

Leonardo devorava-os de longe com os olhos. Por fim não resistiu a vir ter com elles:

— O teu baile está animadissimo, Henrique.

— Este genero de divertimento não te agrada muito?

— Não me agrada mesmo nada.

— E a si, Laura?

— Tambem não. Nós não dançamos, nem eu, nem o Leonardo, e pelo nosso feitio, que o Henrique conhece perfeitamente, o contacto da multidão é-nos desagradavel. Viemos unicamente por sua causa e como já nos mostrámos... Que dizes, Leonardo?

— Estou ás tuas ordens, minha querida amiga.

— O quê? Já?

— É quasi uma hora.

— Vai servir-se a ccia, Leonardo, e tens n'ella umas gulodices muito do teu gosto.

— Não te digo que essa razão não seja tentadora, mas...

Laura comprehendeu-o e levantou-se.

Henrique apressou-se a offerecer-lhe o braço. No vestibulo, ajudando-a a vestir a sua magnifica peliça, Henrique perguntou-lhe:

— A que horas eu e Thereza a incommodamos menos ámanhã?

— Quando apparecerem são sempre bem vindos e nunca incommodarão.

— Isto não é excesso de amabilidade, Leonardo?

— Bem sabes que não.

Entrando no coupé que os conduziu a casa, Laura e Leonardo ficaram silenciosos, passando na mente os menores incidentes d'aquella noite. Nenhum ia contente nem comsigo nem com os outros. Laura pensava:

— Para que contei eu nada de Marianna á tia Margarida? Ha cousas que nem ao travesseiro se de-

vem dizer... Ella será capaz de repetir o que eu lhe disse a Henrique?

E uma inquietação, uma profunda contrariedade fazia-lhe carregar o sobr'olho.

Leonardo pelo seu lado pensava:

— Que lhe diria Henrique? E' evidente que lhe estava fallando de assumptos íntimos. Laura não anda bem: devia contar-me tudo... ella bem sabe que o amôr não é isento de ciúme...

E uma surda irritação lhe crescia n'alma cõtra a mulher. Chegaram a casa sem trocar uma palavra. Leonardo offereceu-lhe o braço para subir a escada. Laura apoiou-se n'elle com aquelle abandono de todo o seu sêr, que tão necessario é á mulher em certos momentos da vida. Leonardo estremeceu e perguntou-lhe n'um tom que se esforçava em vão de tornar natural:

— Estás fatigada?

— Não.

— Então que tens?

— Muito e nada.

— Vejamos! O muito?...

— Tenho um grande pezo n'alma, é o muito; causado por cousas sem importancia, é o nada.

— E não m'as queres contar?

— Tenho para isso um motivo poderoso.

— Qual é?

— Não t'ó posso dizer.

Leonardo tomou um aspecto frio e não insistiu.

Laura arrependeu-se de não lhe ter dado outra resposta.

Ceiam, sentados em frente um do outro, trocando as suas impressões ácerca do baile; mas havia de parte a parte um esforço de naturalidade que os constrangia a ambos. Estavam quasi a erguer-se da mesa, quando Leonardo disse á mulher:

— Não te parece que é já tempo de pômos em prática o nosso projecto de viagem a Paris?

A italiana ruborisou-se, perturbou-se-lhe a vista, e com uma voz quasi desconhecivel, respondeu:

— Não, meu amigo, perdi todo o interesse por esse projecto.

— Queres renunciar á nossa viagem? perguntou Leonardo tambem com voz alterada a seu pezar.

Laura hesitou; por fim respondeu:

— Não, desejo adiá-la.

— Para quando?

— Para quando não me fôr absolutamente antipathica.

— E póde saber-se qual o motivo d'essa subita antipathia?

— Póde, com uma condição.

— Qual?

— Não teres segrêdos para mim.

— Eu tenho-os?

— Tens.

— Quaes?

— Mette a mão na consciencia.

— Francamente, não acho...

— Bem, ámanhã fallaremos. Hoje é tarde e tenho somno.

Leonardo passou-lhe o braço em volta da cintura

e murmurou-lhe qualquer coisa ao ouvido. Ella sorriu, beijou-o, e respondeu-lhe ternamente:

— Visto que exiges para isso a confissão, seja; mas primeiro deixa-me pôr á vontade.

E, tendo tocado para a sua creada de quarto, entrou no toucador. Ajudada por Emma, tirou o vestido de baile e passou um amplo roupão de sêda côr de violeta, estendeu-se na preguiceira e accendeu uma cigarrilha.

— V. Ex.<sup>a</sup> quer mais alguma coisa? perguntou Emma depois de lhe ter soltado os cabellos.

— Mais nada. Diga ao senhor que póde entrar.

Instantes depois, Leonardo, vestindo um elegante *pyjama*, entrou no toucador de Laura e veio sentar-se n'um tamborete junto d'ella. Trocaram um beijo e Leonardo, tirando um cigarro de cima da mesa, começou a fumar.

— Posso saber então quaes são esses segrêdos?

— Recebêste uma carta de Paris e não me disseste uma unica palavra.

— Quem te veio com essa noticia?

— Ninguem.

— Tu não adivinhas...

— Peço perdão. Obedecendo á conhecida tactica masculina, em vez de responder passaste a interrogar. Lembro-te que eu é que te perguntava o motivo d'esse segrêdo.

— Quando te confessei essa falta da mocidade, choraste tanto, olhaste-me com tal reprovação, que me tiraste o animo para novas confidencias.

— É tudo?



— Tudo.

— Enganas-te: tudo, não.

Laura ergueu-se e abrindo uma pequena gaveta da secretária, tirou d'ella um papel dobrado e estendeu-o ao marido. Leonardo leu a carta de Marianna.

— Fôste tu então que lhe escrevêste?

— Fui, com o fim unico de evitar que pensasses n'um assumpto que me incommodava.

— Porque me não entregaste a carta?

— Meu amôr, a psychologia dos amigos não é a dos maridos. O teu olhar, que era tão franco para mim quando cramos solteiros, torna-se agora por vezes não só discreto, mas até impenetravel. Preciso estudar-te para te conservar como quero. Lendo a carta que Marianna te escrevia na melhor boa fé de me prestar serviço, eu vi o que ella, na incxperiencia dos seus poucos annos, ignora: que tu, sabendo-te substituido, te desolarias, e por uma natural reviravolta, a que todos os da tua especie estão sujeitos, irias ter com ella, se a distancia se pudesse vencer sem me causar suspeitas. Quiz então vêr, cmbora isso envolvesse soffrimento para mim, o que tinha em ti mais fôrça: o passado ou o presente. Este ultimo venceu, mas... não sem combate. A carta que recebeste humilhou-te e contristou-te: foi por isso que m'a não mostraste. As descobertas dos Curie teem muito valor, mas a felicidade do meu lar tem muito mais. Por nada n'este mundo eu irei contigo a Paris emquanto Marianna alli estiver.

— Mas isso é uma loucura!...

— Será. Eu, que uso contigo uma franqueza que

o casamento banii em ti, digo-te com sinceridade: pelo mesmo motivo não voltarei a Genova. Não sei o que a vista de Adelchi causaria no meu coração, não sei... Evitar tudo que possa perturbar a felicidade, não é só prudencia, é dever: e eu, meu amôr, ajuntou ella com muita meiguice pará attenuar a força da expressão, exijo-te o cumprimento d'esse dever... Que me respondes?

— Far-te-hei a vontade, ainda que, confesso, isso me contraria bastante.

O rosto da italiana annuviou-se. Lançou fóra a cigarrilha, quasi extinta, e accendeu outra com um movimento febril.

— Agradeço-te e acceito, respondeu ella com dura firmeza.

— Agora, que estamos no campo das confidencias, não resisto a perguntar-te: — Que te dizia Henrique?

— Perguntava-me se eu era ainda amiga d'elle e se a sua intempestiva paixão não levantára entre nós um muro de gêlo.

— Elle chamou-lhe *intempestiva*? perguntou Leonardo desconfiado.

Laura córou. Não tinha escolhido o termo e procurára, sem mentir, diminuir a importancia que aos olhos de Leonardo podiam ter os dizeres de Henrique de Castro. Fôra longe demais, o marido fazia-lh'o notar: ella acceitou a correcção.

— Não, intempestiva chamei-lhe eu.

— Bem vês!... retorquiu Leonardo com azedume. Não achas estranho que elle te procure entreter com os sentimentos que lhe inspiraste?

— Para que digamos, a escolha não foi feliz; mas elle não tinha n'isso má intenção.

— Oh! O Henrique de Castro é um anjo! Nunca tem maus intentos...

— Por certo, e, se os tivesse, seria ridiculo, o que até hoje, manda a verdade que se diga, elle nunca foi.

— Vamos lá com Deus! Casar por despeito não é uma cousa isenta d'elle.

— És severo com o nosso amigo. Henrique o que deseja é vêr restabelecida entre nós a bôa harmonia, voltarem os nossos serões, tão interessantes, regressarmos á nossa alegre camaradagem.

— Queira Deus que assim seja! Estimarei não ter de lhe puxar as orelhas.

Laura carregou o sobr'ôlho e pôz-se repentinamente de pé:

— Meu amigo, tu esqueces-te de quem fallas e a quem fallas. Henrique é para mim um irmão. Não me é agradável ouvir tratá-lo d'uma maneira por que elle se não deixaria tratar, e eu, é bom que o saibas uma vez por todas, amo-te além do que a razão humana póde comprehender: para mim os outros homens não existem: são irmãos ou creaturas indifferentes: homem és só tu.

— Perdão, disse Leonardo ironicamente, é preciso fazer uma excepção para Adelchi.

— Nem isso: *foi* é tão diverso de *é*! Não nego, porém, nunca t'o occultei, que essa creatura deixou na minha alma um rastro de dôr indelevel e a repulção de tudo que me avive a sua lembrança. Lamento

que não sintas igual repulsão pelo passado... Paciência.

— Sabes, minha querida, o presente é triste, mas é assim: encerra sempre uma decepção. Para ti é a perda dos teus amigos, para mim desistir dos estudos que desejava encetar.

— A perda dos meus amigos porquê? perguntou a italiana assustada.

— Porque a sua intimidade contigo, a sua certa dedicação incommodam-me.

— Mas assististe a ellas sempre indifferente.

— É exacto. Comtudo hoje não posso ouvir os outros tratarem-te simplesmente pelo nome... Aos olhos de estranhos qualquer d'elles podia passar naturalmente por teu marido...

— Tenho então que te sacrificar todos os meus amigos? perguntou Laura com lagrimas nos olhos e tristeza na voz.

Leonardo, vendo o effeito das suas palavras, apressou-se a emendar:

— Todos não, basta Henrique.

— E amanhã outro?... depois, outro?...

— Não, mais nenhum.

— Seja. Sacrificar-te-hei a minha amizade por Henrique, mas naturalmente, peço-te. Convidei Theresza a pousar, para o retrato que lhe prometti, na proxima terça-feira; não seria amavel um contra-aviso. Ella, como tu, tambem não deseja a nossa intimidade (e Laura sorria com pênna). Feito o retrato d'ella, juntar-lhe-hei o de Henrique, ante o qual tanta vez te tenho visto parar apprehensivo, e enviar-lh'os-hei

---

ambos. Depois, vamos para o estrangeiro dar uma côr natural a tão estranha resolução. Agrada-te? •

— Agrada... Ficaste zangada commigo?

— Não. Fiquei magoada, mas perdôo-te o ciume: é o contra do amôr, e não existe verdadeiro amôr sem ciume, como não ha fumo sem fogo.

E com um suspiro ajuntou:

— Ama-me muito, não te peço mais nada.

Leonardo estreitou-a nos braços com paixão.

Pouco depois não havia uma luz accesa no edificio, ao qual, pelo habito, o povo continuava a chamar o palacio Rentini.

---

## XXIV

Thereza, terminado o baile, e despido o seu sumptuoso traje, abriu a varanda que deitava sobre o Tejo. Rompia o dia. Um denso nevoeiro pezava sobre o rio, e o ar humido da manhã affagava-lhe agradavelmente as faces. Encostou-se ao peitoril, saboreando agradavelmente aquella frescura após o calor das salas e embebeu-se em tristes meditações.

Henrique que, por commodidade e elegancia, separára desde o casamento os seus quartos dos da mulher, recolhêra-se á cama fatigado. Alli, não pôde conciliar o somno; a figura de Laura surgia-lhe de todos os lados e um desejo violento, impetuoso, ardente, impedia-o de dormir. Fez projectos, todos mais loucos uns do que os outros, e, extenuado, adormeceu por fim. Thereza abriu de leve a porta do quarto e aproximou-se da cama, pé ante pé: accendeu uma luz e contemplou enlevada a figura do marido adormecido. Elle era realmente bello, d'uma belleza que enthusiasmava os estranhos e aos olhos d'ella era um deus. Collocou a luz sobre a meza da cabeceira e ajoelhou perto da cama. O seu rosto traduzia a mais viva expressão de amôr e, esquecida do

tempo e das fadigas do baile, Thereza adorou-o n'um gozo d'alma indescriptivel, attenta á sua respiração, ao seu menor movimento. Os labios de Henrique moveram-se: escaparam-se-lhe varias phrases inintelligiveis e por fim murmurou distinctamente um nome: o nome de Laura.

Então o rosto de Thereza contrahiu-se n'uma expressão pungentissima de dôr, levou a mão ao coração como se fôsse ferida alli, e fugiu espavorida pelo quarto fóra, esquecendo-se de apagar a luz. Entrando no seu, fechou a porta á chave e deixou-se cahir, chorando impetuosamente, de joelhos junto do seu leito. Os soluços saccudiram-n'a horas consecutivas e por fim adormeceu. Passava das quatro horas da tarde, quando Henrique, já inquieto, resolveu bater-lhe á porta do quarto.

— Quem é? perguntou ella sobresaltada.

— Então não acordas hoje? São quatro horas! Abre.

— Lá vou... lá vou.

Olhou-se rapidamente ao espelho. Estava medonha, com os olhos inchados e o rosto inflammado. Hesitou em abrir.

— Então?! exclamou Henrique, estranhando-lhe a demora.

Não havia remedio. Decidiu-se a abrir.

— Que tens? perguntou Henrique admirado.

— Nada de cuidado: fez-me mal a ceia. Creio que tive uma colica.

— Então porque me não chamaste?

— Não valia a pena.

— Realmente! Nem ao menos chamaste Joanna?

— Era inutil. Ella não me tirava as dôres.

— Não te deitaste?

— Não encontrei posição na cama. Adormeci de joelhos, mas ha pouco.

— Mando já chamar o medico; mas primeiro vou ajudar-te a deitar.

— É inutil uma cousa e outra. Dize a Joanna que me venha vestir. Eu sinto-me já perfeitamente bem.

— Pois sim. Mas em todo o caso tem paciencia, pelo menos has de tomar um purgante.

As mulheres teem sempre uma facilidade extrema em inventar pêtas: o que raras vezes sabem é prever as consequencias a que ellas muita vez as arrastam. Thereza teve de ficar na cama, tomar um laxante e, sentindo uma fome devoradora, passar o resto do dia a caldos de gallinha! Para mais, Henrique foi sem ella visitar Laura, e este foi, de todos os prejuizos que a mentira lhe causou, aquelle que mais vivamente lhe doeu.

A tia Margarida, prevenida por Henrique, correu logo a visitar Thereza, assim como seus paes, que pouco se demoraram por terem visitas a jantar.

— Tia, disse-lhe affectuosamente Thereza, preciso ficar só comsigo: tenho que lhe contar.

— Calculei isso, minha filha, e corri logo.

— Defronte do Henrique, não.

— Pois está claro!

— Mas... como ha de ser?

— Isso é commigo.



E, voltando-se a Henrique, que entrava, a senhora D. Margarida disse-lhe:

— Fazes-me um favor, meu filho?

— Nem se pergunta.

— Mas olha que é cousa que te incommoda...

— Mais prazer terei em a servir.

— Em cima da minha mesa, no meu quarto de cama, esqueceu-me um embrulhinho que tem valor, e que não desejava que ninguém fosse buscar senão tu. Vaes?

— Immediatamente. Não deseja mais nada?

— Mais nada.

— Queres alguma cousa de fóra, minha querida?

— Obrigada, não.

Vendo sahir o sobrinho, a velha senhora voltou-se sorrindo para Thereza e disse-lhe:

— Aquelle embrulho, aprenda, minha joia, foi deixado lá expressamente para isto. Conte, o que é que a afflige?

Thereza, chorando como uma creança, contou-lhe tudo. A bôa velhinha limpou-lhe as lagrimas e disse-lhe:

— Não se apoquente, Thereza. Não ha mal que sempre dure, nem bem que não acabe. O amôr é uma doença, violenta por vezes, mas que se cura como todas as outras. Eu não sou hypocrita; não lhe digo que Henrique a ama; seria uma mentira indigna de mim; digo-lhe que ha de vir a amá-la brevemente. É preciso para isso fazer um estudo para não mostrar quanto lhe quer. Não esqueça o que lhe disse na nossa ultima conversa, minha filha: A mulher que quizer

conservar o homem, deve mostrar-lhe que passa optimamente sem elle. O conselho não é meu, é de Arthur Schopenhauer. Não é mau lêr de quando em quando certos philosophos; nem tudo nos serve, mas alguma coisa se aproveita. Ora pois, descanse e conte que o nosso Henrique ha de ter juizo. Eu conheço muito Laura. Ella adora o marido; da sua parte não ha nada a temer. Isso, creia-me, é já muito. Uma paixão não correspondida morre por falta de alimento.

— Mas crê possivel que ella não ame Henrique?

— Não só creio, como tenho a certeza. Verá.

— Ella quer comecçar o meu retrato na terça-feira...

— Isso é que é necessario evitar. Não nos convem a sua convivencia.

— O Henrique já hoje lá foi, disse Thereza, com os olhos de novo marejados de lagrimas.

— Pois bem: não irá lá muitas mais vezes. Eu vou combinar com o meu medico, um grande e antigo amigo, que me mande para *Milflôres*...

— Agora?!

— Tem razão. Não me lembrava que estavamos no inverno.

— É uma fatalidade a que não ha fugir.

— Pois bem: irei pedir a Laura que parta. Ella é bastante boa para o fazer:

— Não, tia, isso não. É muito humilhante para mim.

— Parece-me que o melhor seria... Tenho cá uma idcia. Ergue-te, minha filha, disse ella enthusiasmada, tratando-a por tu pela primeira vez, ergue-te. Henrique não tarda ahi. Não digas nada mais do que eu

affirmar e, embora pasmes, confessa que é verdade tudo, mas tem cuidado! Nem uma palavra a mais nem a menos, que por um muita vez se ganha e muita vez se perde ao jogo.

— Mas eu disse-lhe que estava doente...

— Melhor, melhor.

A boa senhora apressou-se a ir buscar-lhe um kimono e passaram ambas ao toucador de Thereza.

Era um quarto que ella mobilára, não a seu gosto, mas pela intuição do que seria o gosto do marido. Os paes haviam querido dar-lhe a mobilia dos seus aposentos e ella puzera n'elles tudo que o seu instincto de mulher enamorada julgára que agradaria ao eleito do seu coração. Era todo forrado de velludo rôxo e o toucador, de velludo e rendas, era armado por grinaldas de amôres perfeitos.

O serviço era de prata cinzclada e todos os móveis d'um feitio moderno, original e elegante. Nas jarras, sobre o fogão de marmore negro, grandes ramos de avenca salpicados de amôres perfeitos, e no cimo d'uma columna, que ligava engenhosamente uma graciosa *causeuse*, um grupo de *Adão e Eva trocando o primeiro beijo*, devido ao escopro de Simões d'Almeida. Muitos marmores abundavam no quarto, mais ou menos artisticos, mas todos assignados por mestres. Uma elegante estante, pintada de *ripolin* rôxo, com amôres perfeitos amarellos e escuros, estava occupada por colleccções pequeninas das obras completas dos melhores auctores estrangeiros. Em frente d'esta, uma outra continha os primores da litteratura nacional, antiga e moderna.

Revistas caras amontoavam-se n'uma *etagère* em frente da janella. Não havia alli o *bibelot* denunciador dos caracteres frivolos. Não. O toucador de Thereza era uma imitação feliz do de Laura, e no entanto ella não entrára alli, não o vira, mas supuzera que devia ser assim e não se enganára senão em cousas minimas. Não havia alli nada que chocasse o bom gosto d'um requintado, e Henrique ao vê-lo pensou: « parece um quarto habitado por Laura. »

Thereza deixou-se cahir tristemente sobre uma cadeira, perguntando:

— Que projecto é o seu, minha querida tia? Digam-m'o...

— Não temos tempo. E as cousas, quanto menos discutidas, melhor.

E chegando á janella, por dentro dos vidros, a sr.<sup>a</sup> D. Margarida exclamou:

— Lá vem elle. Eu bem dizia que elle não podia tardar.

Voltou apressada para junto de Thereza, compoz-lhe graciosamente as pregas do kimono, e sentou-se n'uma cadeira baixa em frente d'ella. Quando ouviu os passos de Henrique no corredor, começou a rir tão alto e com tanta vontade que, quem a ouvisse, suporia que era sincera a sua hilaridade.

Henrique, não as encontrando no quarto da cama, entrou no toucador e, vendo a tia rir d'aquella maneira, perguntou curioso:

— Que é?

— É a tua mulher que tem uma graça infinita.

— Eu, tia?!

— Pois quem? Eu?...

— Mas o que foi? O que foi?

— Tem paciência, Thereza, eu conto...

— Mas, tia...

— Imagina que hontem, quando entrou aqui para se despir, encontrou sobre o toucador uma carta apaixonada em que lhe deelaravam uma paixão ardente. Não estava assignada, mas dizia que brevemente se faria reeonhecer o seu auctor. Esta tonta chorou loucamente, escondeu-te este grande segredo, mentiu-te e, o que é mais engraçado, tomou um purgante porque reeebeu uma deelaração de amôr. Só ella!

E a velhinha recomeçou a rir.

— A carta? deixa vêr... disse Henrique contrariado.

— Rasguei-a eu porque conheci a lettra. A pequena não sabia de quem era.

— Porque m'a não mostraste?

— Não me atrevi.

— Fez o que devia. Consultou-me e eontou-me tudo: que era só isto.

— Mas que dizia ella?

— Pintava uma paixão violenta com eôres earregadas.

— Mas tu não suspeitas de ninguem?

— Eu, não.

— É extraordinario! Devias ter-m'a mostrado.

— Tu disseste-me sempre que os meus papeis eram meus. A carta era-me dirigida. Ignorando quem m'a enviava e fiendo afflicta, pedi-te que disseses á tia para me vir vêr e entreguei-lh'a.

— Eu conheci logo a lettra e disse-lhe: Fizeste muito bem, meu amôr. Se a tens dado a teu marido, era um duello certo e lagrimas sem conta para nós ambas: faze sempre assim. Mas ri com gosto da doença simulada, e sobretudo da purga. O meu embrulho?

— Está aqui.

A velhinha desatou-o e, mostrando um estojo, forrado de velludo, a Thereza, perguntou:

— Que encerra esta caixa?

— Um adereço.

— Não, um collar, mas muito lindo e que te deve ficar muito bem.

Henrique, apprehensivo, passeava d'um lado ao outro do quarto.

A tia abriu o estojo e tirou d'elle tres grossos fios de perolas de dimensões differentes que formavam um magnifico collar.

— Ahi o tens, faço-te presente d'elle. São as lagrimas que echoraste esta noute e que eu transformei. Quanto á Laura...

— Não me envergonhe mais, tia. Não sei como agradecer-lhe. Repara, Henrique... que formosas perolas!

— Conheço-as ha muitos annos, querida.

— Mas vae privar-se d'ellas por minha causa...

— As privações, que nós gostosamente nos impomos, encerram um prazer maior que o de disfructar os objectos de que nós preseindimos. A natureza humana é egoista em todas as idades; na minha, mais porque já não temos illusões a respeito dos outros.

Por isso, minha filha, quando te dou estas perolas não tenho n'isso merecimento algum: provo mais uma vez que possuo bom gosto.

— A tia proeura sempre diminuir as suas amabilidades, é o que é.

— Provo que sou sincera. Já me viste anneis nos dedos, brineos nas orelhas, prégos no penteado?

— Não.

— E no entanto tenho joias d'essas aos montões. A unica cousa que me vês são alfinetes de peito, remate necessario ao trajo de todas que se prezam de bem vestir. O segrêdo d'esta abstenção, eustosa a todas as mulheres, está na vaidade que a todas nós é inherente. Suppõe que eu punha esse collar, (tinha o arrojo preciso para isso) sobre um vestido afogado, já se vê. Quem olhasse para mim diria: « Que lindas perolas! Mal empregadas n'aquella mumia ». A designação de mumia não me é nada agradavel, confesso, e, se eu puzesse uma bonita joia não esecaparia a ella pelo menos em pensamentos.

— Não ha nada mais improvavel, disse Thereza.

E estendendo-lhe um espelhinho de mão com o eabo custosamente trabalhado, concluiu:

— Veja.

A tia Margarida mirou-se ao espelho e, soltando um suspiro semi-resignado, confessou:

— O mais que me podem chamar é uma ruina imponente... É triste!

Henrique, que, sem se intrometter na conversa das duas, continuava o seu agitado passeio, parou em frente da tia e perguntou-lhe n'um tom peremptorio:

— De quem era a lettra?

A velhinha soltou uma gargalhada:

— O quê?! É possível que ainda estejas a pensar n'isso? Julguei-te mais conscio do teu valor.

— Oh! não pense que tenho ciumes... Queria apenas castigar o insolente... a tia deve concordar que elle merece uma lição.

— Talvez sim... talvez não. Fallaremos d'isso amanhã. Vae almoçar com a tua velha tia e tagarelaremos á vontade. Agora não me estragues a bôa disposição de espirito em que estou.

Henrique pegou no chapéu e sahiu, reprimindo a custo um movimento de mau humor.

Logo que a porta se fechou sobre elle e que os seus passos se perderam no corredor, a tia Margarida recomeçou a rir.

Thereza olhava-a, meio risonha, meio grave.

— De que se ri com tanto gosto, tia?

— De ti e d'elle, sobretudo d'elle... Os homens d'hoje são os mesmos da minha mocidade. Mudam os habitos, as modas, os logares; os homens são sempre os mesmos; por isso as pessôas com a minha idade, experiencia e bôa disposição podem brincar com elles como se fôsem titeres. Amanhã não digo, mas depois, verás teu marido, carinhoso e terno como nunca. Fará tudo que elle possa imaginar para te arrancar a confissão de que suspeitas de quem era a carta. Tu recuzarás sempre e, depois de muito instada, citas quatro ou cinco nomes sem precisar nenhum; innocentemente fazes-lhes os seus respectivos elogios, por esta fórma pouco mais ou menos: «fulano achei-o



sempre um lindo rapaz, interessante, espirituoso, etc. Gostava de conversar com elle, mas isso não auctorisava esta audacia.» Para não gabares todos, dirás d'alguns: «Concordo que é elegantissimo, um talento até, se quizerem, mas antipathiso ferozmente com elle, a sua presença irrita-me os nervos, etc.» Ou mal, ou bem; que te é completamente indifferente, não digas de nenhum dos que apontares como pessôas em quem tens notado attenções excessivas, a não ser que saibas dizer isso de tal fórma que pareça o contrario.

— Mas se Henrique se persuadir...

— Minha filha, é essencial que a mulher seja virtuosa e que o pareça aos olhos de todos; aos do marido não é mau inspirar-lhe de quando em quando alguns receios. Isso tem por consequencia certa avivar-lhe o amôr e despertar-lhe o ciume, o que para a mulher que ama, é um pouco incommodo mas não despido de compensações. Um dos maiores gozos da minha mocidade, de que conservo dôce recordação, era vêr dois olhos negros e ardentes estudarem os meus menores movimentos...

— O tio Bartholo não tinha os olhos azues? perguntou ingenuamente Thereza, lembrando-se do retrato que a tia tinha na bibliotheca, por cima do fogão.

— Tinha. Enganei-me na côr... Ha tanto isso foi...

E recuperando-se da sua turvação de momentos, a tia Margarida continuou com o rosto afogueado:

— O homem, ferido pelo ciume, já não vê na mulher o ideal realisado, mas o seu bem prestes a fu-

gir-lhe. Esquece-lhe os defeitos, lembra-se só das qualidades e, se é casado, o direito da posse acorda-lhe memórias esquecidas quasi, que se reanimam e esplendem unicamente ao rijo sôpro do seu innato egoismo. Crê-me, Thereza, nós mesmas, quando sômos felizes, não devemos gratidão a ninguem pelos sentimentos que inspiramos; se nos amam é porque isso lhes é grato, e se retribuimos esse amôr é por igual motivo: o poderoso egoismo, tão forte e tão potente, que até o que parece antagonico lhe é subordinado, para mim é o unico sentimento que nos rége.

— A tia é muito pessimista.

— Não sou. Se não houvesse um maior prazer, uma nobilitação do nosso ser aos nossos proprios olhos em nos sacrificarmos aos outros em vez de os sacrificarmos a nós, ninguem o faria, e o altruismo seria uma palavra vã. As grandes dedicações, as grandes abnegações, só se encontram nos caracteres que para viver precisam do apoio moral da sua propria estima, e que têm a dos outros, com raras exceções, já se vê, n'uma conta muito mediocre. Mas ia-me affastando do assumpto principal da nossa conversa, perdendo-me em divagações proprias da idade, embora não sejam inuteis no systema de condueta que desejo vêr-te seguir. Contaste-me que o nosso Henrique te dissera em certo momento: «*nós não sômos um, mas dois*», etc. Nunca deves esquecer estas palavras, por dolorosas que te sejam. Assim, nunca lhe contarás as nossas conversas nem os meus conselhos; nunca lhe dirás que a historia da carta é mentira, por muito desejo que tenhas de o fazer, por mais que elle procure ar-

rancar-te confissões. Lembra-te, então, como antídoto á fraqueza, de que *nós somos dois...* A felicidade é um jogo como outro qualquer; para a obter é essencial ter sorte, mas é também necessario saber servir-se das cartas e defender-se bem, não só dos adversarios, mas até do proprio parceiró.

— O que me vale é a sua experiencia, tia...

— *Bô!* A quem tu o dizcs. Mas, crê-me, poucas aproveitariam d'ella. E' preciso ter, como tu, o desejo ardente de saber para poder ganhar e além d'isso a tua tenacidade e discrição.

— E' tão difficil ás vezes!...

— Se é! Mas o homem está longe de ser educado como deve, e a missão da mulher que quer ser feliz é difficil: tem de defender diariamente o marido, não só das outras mulheres, o que é relativamente facil, mas de elle proprio, o que é difficilimo.

Sentindo Henrique voltar, a senhora D. Margarida continuou com a maior naturalidade:

— E' o maior contra da moda, minha filha: o que hoje se nos afigura elegantissimo e d'um bom gosto supremo, annos depois é ridiculo aos nossos olhos; mas aos olhos dos que já não pertencem á nossa geração toma proporções de acordar o riso.

Thereza admirou mais uma vez a sciencia da tia Margarida e aquella lição não foi perdida.

---

Reclinada na sua elegante *victoria*, Laura seguia o caminho do Campo Grande ás horas a que a sociedade elegante se dirige alli. Eram tristes os seus pensamentos sob a mascara de apparente serenidade que ostentava. Cumprimentava amavelmente os conhecidos, acenava com a mão ás pessôas mais intimas, inclinava senhorilmente a cabeça aos impertinentes ou importunos, e passava, invejada e descontente, aavez das grandes avenidas. Porque não quizera ella acompanhar o marido que dava a cavallo o mesmo passeio?

Recebêra ás tres horas a visita de Henrique. Leonardo havia sahido e ella não tivera animo de lhe fechar a porta. Arrependia-se agora d'isso. Reccebêra-o na sala, contra o costume, desculpando-se de o seu toucador estar em limpezas.

— Então sua mulher?

— Dormia ainda quando eu sahi.

— E' natural. As festas são sempre fatigantissimas para os donos da casa.

— Em mim a noite produziu-me o effeito contrario. Não dormi. E a Laura?

— Eu passei optimamente.

— Pois eu via a sua imagem por todos os lados. A frieza do seu acolhimento...

Laura interrompeu-o:

— Entre nós não podem existir conversas n'esse tom. O Henrique não quer decerto offender-me, não é verdade?

Henrique fez um gesto de protesto.

— Pois bem. Casámos ambos, escolhemos livremente a nossa vida: eu preferi-lhe outro homem, o Henrique preferiu-me outra mulher.

— Perdão...

— Deixe-me acabar. Casando, ou a minha imagem estava apagada no seu coração, ou o Henrique estava decidido a proceder como se assim fôsse. Em qualquer dos casos acceitou o destino, e, estando d'isso arrependido, sou eu e sua mulher as ultimas pessoas a deverem ouvir-lh'o. Se o seu feitio não é capaz de discriminação, tem muitos amigos que o podem escutar sem que isso os offenda, e tem sua tia, aquelle espirito encantador, que o aconselhará e guiará com acerto. Eu faço-lhe um unico pedido: se não póde ser meu irmão, não procure tornar-se a vôr-me. E' a unica prova de verdadeiro amôr que não me repugna acceitar de si.

— Tentarei obedecer-lhe; e, se não puder, não perturbarei o seu socco, affianço-lh'o.

Fez-se um silencio.

Laura, muito commovida, não sabia que dizer. Henrique, com a cabeça ainda perturbada pelos sonhos da noite, sentia fortes tentações de faltar a

quanto devia, e possuir Laura contra o seu proprio querer.

A italiana nem sequer suspeitou a lucta que se dava no coração de Henrique de Castro, e foi talvez essa estraña confiança no character d'um homem que a salvou.

— Meu caro Henrique, disse ella n'um tom maternalmente carinhoso, que desgosto me causa! Como os nossos serões perderão com a sua ausencia... Ah! *bambino*, julguei que nunca me faria chorar, e afinal!...

— Chóra por mim, Laura? perguntou elle, meio reconfortado por se sentir lisonjeado na sua vaidade.

— Propriamente por si, não; pela pena que a sua ausencia me causa.

— Não partirei...

— Se lhe confesso isto, é justamente para lhe pedir que vá. Bem vê, entre si e Leonardo não hesitei, nem hesito; mas não queria vêr extinguir completamente entre os dois a antiga amizade que os une... O Henrique não sabe fingir!... Não perturbe o meu socego.

— Tem razão. Adeus, Laura, disse elle commovido e fitando-a com amôr! Adeus!...

A italiana, sem fallar, estendeu-lhe as duas mãos n'um movimento impulsivo. Elle beijou-as apaixonadamente e dirigiu-se para a porta.

Laura deixou-se cahir chorando sobre a cadeira; elle voltou-se e parou indeciso... Uma ultima tentação o agitava... Olhou-a com os olhos vellados de pranto e repetiu:

— Adeus!

Laura acenou-lhe com as mãos sem poder fallar. Irritada contra o marido que a obrigara a tão violento sacrificio pensava:

— Para que casei eu? Estraguei a vida da pobre Marianna e destrui os maiores e melhores prazeres do meu espirito. A alma de Leonardo seria sempre minha, envelheceríamos juntos e não me privaria das minhas antigas e tão sinceras affeições. Fiz mal...

Leonardo veio encontra-la chorando:

— Que tens? — perguntou-lhe elle afflicto!

— Fiz-te a vontade; Henrique não voltará aqui.

Leonardo teve um movimento de ironia:

— Tudo isso é dôr da sua ausencia?

— É, e não tão funda como a nossa velha amizade merecia... Estimarei que poupes as minhas outras affeições.

Leonardo pareceu meditar. Depois perguntou-lhe:

— Que lhe disseste tu para que elle não voltasse aqui?

— Pressentia, cmbora elle m'o não dissésse, que a sua amizade por mim não tinha o character fraternal que eu desejava ver-lhe; isso era-me desagradavel e pedia-lhe que, emquanto se não sentisse perfeitamente curado, não me tornásse a apparecer.

— E elle?

— Concordou que eu via bem e que, não tendo sabido occultar de mim o seu affecto, não voltaria aqui, desejoso de que a tua amizade por elle nada soffresse.

Involuntariamente Laura procurava conciliar a Henrique a estima do marido faltando á verdade.

— Caro Henrique! exclamou Leonardo com affecto, (porque agora que tinha a certeza de que elle não voltaria, sentia de novo que o estimava) é um rapaz digno e um bom amigo.

— Estás socegado agora? Ninguem mais te affronta?

Leonardo apertou-a nos braços, beijou-a nos labios, e murmurou :

— Sim. O casamento fez na minha alma uma estranha revolução. Baniu todas as minhas antigas affeições e fez do teu amôr a sua gloria. Para ser perfeitamente feliz falta-me... que tu deixes tudo por mim como eu fiz por ti.

Laura empallideceu de novo :

— Seja! disse ella com voz quasi extincta. Affastar-me-hei de todos... Que terei em troca?

— Uma dedicação eterna e sem limites... amar-te-hei com o teu proprio amôr, como tu me pedias em solteira e eu sentia que era capaz. Mas surgiu o ciume, um ciume que eu não conhecia nem previa. Cada phrase affectuosa que te dirigiam entrava-me na pelle como uma picada de alfinete; cada carta amigavel que recebias parecia-me impregnada de amôr; o teu nome, pronunciado simplesmente pelos nossos amigos, incommodava-me o ouvido como se escutasse estas palavras: «Leonardo, roubam-te!» Emfim os nossos serões já não são para mim noutes de encanto e de cnlevo em que me retirava d'aqui com os olhos e o coração cheios da tua imagem, e em que a phantasia incendiada me não deixava conciliar o somno. Hoje tenho-te nos braços e...

— Não continues. Eu sei, sei demais o que me



vaes dizer; tenho-o analysado. Attribuia-o a saudades de Marianna e soffria medonhamente. Hoje que sei a sua verdadeira causa, não soffro menos; troeo um padecimento por outro, mas acceito-o de melhor vontade: antes assim. Partiremos, iremos fazer uma longa viagem, e, quando voltarmos, fixaremos a nossa residencia no Minho. Perdidos os nossos amigos, Lisboa não tem encantos para mim. Não posso despedir todos pelo processo que usei com Henrique. Passarei por ingrata e esquecida, mas, se é esse o preço da tua felicidade, seja.

Laura não podia occultar o seu fundo descontentamento; comtudo beijou o marido ternamente e pediu-lhe:

— Soffro... deixa-me só.

Ficou uns instantes atordoada, como se lhe tivessem esmagado o craneo; por fim ergueu-se e tocou para Emma. Quando ella appareceu á porta, disse-lhe:

— Mande pôr a *victoria* e traga-me a capa e o chapéu.

Não estranhará agora o leitor a tristeza de Laura, que, a despeito do sorriso affivellado nos labios, lhe empanava o olhar.

A carruagem seguia velozmente ao trote rasgado dos lindos alazões, e Laura, com os olhos humidos, mergulhava-se mais na sua desolação. De subito ergueu a cabeça e olhou. Henrique e Leonardo galopavam a par.

Uma nova e forte indignação lhe opprimiu o peito. Era-lhes agradavel a mutua companhia, mas sem que

Laura estivesse. Ella, que desejaria ser entre elles o traço de união, era pelo contrario a causa unica de repulsão. Oh! os sentimentos humanos, os sentimentos que animam a maioria da gente, causavam-lhe horror. E, passando em revista os sentimentos alheios, presentia com tristeza que não tinham realmente a pureza dos seus. Olhou todos os seus amigos do alto da sua consciencia e convenceu-se de que ella lhes emprestava na sua fantasia muitas qualidades que elles realmente não possuíam. Embora! perdê-l'os era perder habitos e affeições de annos.

Leonardo, orgulhoso como todos os homens, não querendo que Henrique presentisse a parte que elle tinha nas resoluções de Laura, soffreu o cavallo obrigando Henrique a fazer o mesmo:

— Vem ahi Laura, esperemo-la.

Os olhos de Henrique de Castro, estavam habitua-dos de longos annos a lêr nos da sua amiga. Conheceu que ella estava aniquillada por uma dôr profunda e julgou-a filha da resolução que em commum haviam tomado. Acompanhou-a á estribeira, conversando com a graça mundana que lhe era habitual e, ao entrar no principio do Campo, despediu-se pretextando que a tia Margarida o esperava para a acompanhar junto de Thereza, doente pelo cansaço da vespera. Leonardo continuou galopando á estribeira e conversando com a mulher. Assim, dizia-lhe rindo e em francez para não ser percebido pelo cocheiro:

— Vamos offerecendo ao mundo um espectáculo que não é vulgar, meu amor, nem mesmo elegante: O

marido enlevado a namorar a mulher: não ha nada menos vulgar.

— O que não podem dizer é que lhes damos maus exemplos.

-- Queres ir a S. Carlos esta noite?

— Como quizeres.

— Eu perguntava...

— N'esse easo ficaremos em casa; dá-se ordem aos creados de que não estamos, e vamos deitar-nos n'uma grande quietação. Eu preeiso apoiar-me no teu peito, sentir-me eingida nos teus braços para que o grande vaeuo, que acabas de fazer em volta de mim, não me adoeça seriamente. Preeiso que me dês a certeza de que vales quanto me fazes perder.

Leonardo exultou com a proposta. Desde que haviam regressado do Minho nunca mais tinham estado sós. Comtudo o ultimo dito de Laura offcndeu-o um poueo.

— Então tu não tens a certeza de que eu valho quanto te faço perder?

— Tenho... mas preciso senti-la. Dá ordem ao coeheiro para voltar.



## XXVI

A tia Margarida, sentada em frente do sobrinho, como antigamente, contava-lhe, emquanto saboreava o seu opiparo almoço, a seguinte historia ácerca da carta:

— Meu filho, a tua mulher é um pouco *coquette*, como todas as pessoas novas. Notei que varios *leões* lhe arrastam a aza e que tu não vias. Desejando formar uma ideia justa do seu character fiz escrever aquella carta ao meu capellão dizendo-lhe que era um favor que eu queria fazer a um pobre rapaz para conseguir um bom casamento. O resultado, já sabes, foi a pequena chorar toda a noite, tomar a purga e mandar-me chamar para me contar as suas maguas. Emquanto ella me chamar para confidente podes dormir em paz.

— A tia sempre tem cada ideia!

E Henrique riu a perder.

— Olha que é segredo: Deus me livre que ella saiba que me deve o laxante.

Henrique, posto de bom humor pela confidencia da tia, contou-lhe, não sem alguns suspiros, a scena da vespera em casa de Laura.

A: senhora D. Margarida ouviu-o attentamente sem pestanejar. Quando elle terminou, a velhinha disse-lhe, depois de alguns segundos de meditação:

— Repara, meu filho, como n'este mundo os grandes acontecimentos derivam dos pequenos. Se tu não tivesses contado a Leonardo o teu amôr por Laura não tinha elle abandonado a pobre perfumista, não casaria com a linda italiana, nem tu com Thereza. Estou mesmo convencida de que o Horacio não pediria Zilda em casamento, e todos vocês, mais ou menos escravos d'uma paixão platonica, gravitariam eternamente em torno d'um amôr impossivel. Reage sempre contra o impulso: é o meio de não teres muitas occasiões de te arrepender. Depois, não te esqueças de tentar captivar tua mulher que está completamente desilludida e é uma gentilissima creatura. Eu desejava antes de morrer fazer saltar nos joelhos um filho teu...

— Tudo isso era facil, se eu não estivesse a dois passos de Laura. Assim não tenho força, nem para cumprir o que lhe prometti.

— Socega. A distancia entre vocês vai augmentar.

E a boa senhora, tirando uma carta do bolso, estendeu-lh'a.

Henrique leu:

*Minha querida tia Margarida.*

Deixe-me chamar-lhe assim. Disse-me uma vez que quando o meu coração precisasse desabafar, encontraria, no seu, carinho e discrição. Lembrada d'essa promessa, venho contar-lhe o que segue: Meu marido tornou-se ferozmente ciumento de todos os meus antigos amigos (não é curioso?) e exige, para socego nosso, que eu rompa com todos. Vou par-

tir para uma longa viagem e pouco a pouco cessarei de lhes escrever a todos. Hão-de alcunhar-me de ingrata, (o coração confrange-se-me de o pensar) mas é forçoso ceder á vontade do Senhor que me escolhi.

Escrever-lhe-hei a si, e espero que seja bastante bôa para me dar noticias de todos, não dizer a ninguem que as recebe minhas e... defender-me quando me culparem de ingratidão.

Horacio, Henrique, Waldeck, Plinio, José Passos, Mathilde e Zilda, foram dez annos a minha familia. Não poderei nunca esquecê-l'os: não os esquecerei. Quando voltar, se ainda me conservar a sua bôa amizade, contar-me-ha com franqueza tudo que os meus amigos não deixarão de dizer de mim.

Abraça-a com muito affecto e respeito

*L. Rentini.*

— Este Leonardo é inqualificavel! exclamou a senhora D. Margarida.

— Não, tia. Elle fez o que eu com certeza faria se estivesse no seu logar.

— Tu? tu obrigarias Laura a affastar os seus velhos amigos?

— Com certeza. Minha querida tia, os homens não gostam de vêr outros em volta da mulher que amam. Creia-me, não ha nada mais parecido com os gallos, do que nós. Eu não sou ciumento, não amo Thereza, e, apezar d'isso, a sua brincadeira da carta incommodou-me. Não porque eu temesse qualquer cousa pelo meu nome, mas simplesmente por se occuparem d'ella... O Leonardo tem razão. Por mim, bem sei que estou em condições especiaes, mas, se não roubo Laura, não é por consideração com elle nem por ella me não ter

amôr: é unicamente porque a respeito tanto quanto a amo.

A tia soltou um profundo suspiro e lamentou no seu intimo o desencontro d'esses dois sêres que ella achava, segundo a sua expressão, talhados um para o outro. Mas, alto, disse-lhe:

— Toma cuidado, Henrique. O amôr nem sempre é acompanhado de respeito, nem o desejo de amôr... Thereza é muito perseguida.

— Ora! Ella adora-me...

— Mais uma razão para não estar satisfcita contigo.

— Ella?!

— Sim, ella. Tu já o deves saber. O seu ressentimento contigo é profundo, e chora. No outro dia, entrando no teu quarto para vêr se estavas bem coberto, o que faz muita vez sem t'o dizer, ouviu-te pronunciar com ternura o nome de Laura, e não sei se alguma cousa mais. Bem sei que a dormir não és responsavel pclos teus actos ou palavras, mas isto é mau... isto é mau.

— Fecharei d'aqui em diante a porta á chave...

— Que disparate! Affasta antes do pensamento e do coração o que lá não deve estar. Vae viver para *Milflôres*; irei contigo.

— Enterrar-me n'uma aldeia? Eu, que preciso de movimento, diversões, vida de tudo que me atordõe e faça esquecer... Para acabar por odiar Thereza não era preciso mais.

— Não estás então decidido a ter juizo?

— Estou. Mas quero viver segundo o meu tempe-

ramento me pede: na agitação da cidade e não na tranquillidade da aldeia.

— N'esse caso, meu filho, vou viver contigo. Thereza captivou-me, estou muito velha para andar a correr de cá para lá e vice-versa. A tua casa está mais bonita do que esta; portanto sou eu que mudarei.

Henrique, cheio de jubilo, correu a abraçar a tia.

— Não me agradeças: não é por ti, é por ella que eu vou. Tu nunca faltaste *em nada* á tua velha tia: seria tarde para começares.

— Thereza vae ficar encantada: ella tem por si uma adoração. A tia devia ensinar-me os processos que emprega para ser querida de todos.

— *Bô!* Estamos servidos! A sciencia de agradar adquire-se e perde-se com os annos. Mas fallemos de ti, Henrique. Eu desejaria que te preocupasses com cousas sérias e graves, por exemplo, os interesses politicos da nossa terra, que está agora atravessando uma crise tão perigosa. Não te agrada isso?

— Já pensci em voltar para o estrangeiro. Não me seria difficil ir ministro para Berlim; mas custa-me a dcixá-la, tia...

— Tens razão. Estou muito velha e já pouco posso viver. Hontem fiz testamento: reparti igualmente a minha fortuna entre ti e Thereza; vês por isto quanto ella me é cara. Tu és bastante rico para não precisares de emprego algum. Deves dar ao Estado e não receber d'elle. Entrega-te á administração das nossas casas, vigia os nossos interesses e interessa-te pela politica: ella tem o dom de apaixonar



os homens e de lhes apagar até a lembrança de que teem um coração. Torna uma vida de ocioso n'uma vida util e verás como consegues tudo: — servir a tua patria, insensar o teu orgulho, afagar a tua vaidade, ter juizo, ser util aos teus, e preparar o futuro de teus filhos.

— Se os tiver.

— Mas com certeza...

E, como entrasse o creado, a senhora D. Margarida, que, terminado o almoço, dava a mão a beijar ao sobrinho, inclinou-se-lhe ao ouvido e acabou a phrase em voz baixa.

— Mas... quem lh'o disse?

— Thereza.

— É bôa, mas eu não sei nada!...

— Nem ella. A pobre pequena é d'uma innocencia de anjo!

Henrique exultou. A ideia de ser pae causou-lhe sensações cstranhas. O rubor subiu-lhe ás faces e os olhos humedeceram-se-lhe. Abraçou a tia com effusão, exclamando:

— Ha uma Providencia! Até que enfim tenho um fim na vida.

Procurou o chapéu a toda a pressa e correu a abraçar a mulher e a dar-lhe a noticia. Ha factos que na vida parecem inverosimeis e no entanto deram-se: este é um d'elles. A tia viu-o sahir com um sorriso de orgulho e pensou, meneando a cabeça com o ar de satisfação que tão bem lhe ficava:

— Agora sim, creio que o meu Henrique será feliz.

## XXVII

Junto ao caes de Santos está atracado o vapor inglez *Ciscar*, que parte directamente para Londres. Laura e Leonardo, de pé na tolda do navio, estão rodeiados de todos os seus amigos: mesmo Henrique e Thereza não faltaram, para evitar os maldosos commentarios da viscondessa de Cette. Leonardo, contente e feliz, vae de grupo em grupo dizendo graças e cumprimentos. Laura, excessivamente pallida, encostada á amurada do navio, troca com Horacio e Zilda phrases banaes. A esculptora, tomando-lhe as mãos, diz-lhe com affecto:

— Está tão triste, Laura! Não gosto de a vêr ir assim. Prometta-me que vem assistir ao meu casamento.

— Desejo-o de todo o coração.

— Parece que vae para o polo Norte!

E os amigos de Laura, todos impressionados com o seu melancolico aspecto, tentaram em vão fazê-la sorrir.

Quando o vapor estava quasi a levantar ferro chegou, com grande pasmo de todos, porque não era esperada, a tia Margarida. Então Laura não pôde

mais: cahiu-lhe nos braços e rompeu em impetuoso choro.

— Foi a emoção... não esperava...

E Leonardo procurava explicar satisfatoriamente aquella explosão de lagrimas. Henrique, com as mãos nos bolsos, olhava ao largo, fingindo analysar um ponto affastado do horisonte. Waldeck, que não sabia dominar as suas emoções, chorava. Horacio trocava com Zilda um eloquente olhar, e Plinio, dando passos enormes, mettia os dedos pelos cabellos, exclamando com emphase:

É na dôr da despedida  
Que se medem affeições.  
Cae o adeus nos corações  
Como a morte sobre a vida.

José de Passos, esse, não dizia nada: olhava as aguas do Tejo fugindo para o mar...

Soou o ultimo signal, desembarcaram os amigos e, passados momentos, o vapor affastava-se lentamente do caes. Os lenços acenaram de parte a parte, e Leonardo murmurou ao ouvido da mulher com accento triumphante:

— Até que enfim és só minha!

Não lhe respondeu Laura: fitou-o com um longo olhar. N'elle leu Leonardo a condemnação do seu immenso egoismo e o perdão do sacrificio que exijia.

A mulher quando ama com loucura, e era o caso de Laura, só não perdôa e não esquece as faltas de fidelidade e de affeição. D'essas não se podia ella queixar. Comtudo, á medida que o vapor se affastava e o

sol baixava no horisonte, a tristeza opprimia-a cada vez mais.

Leonardo dirigiu-lhe uma interrogação muda e ella, com muita magua, repetiu-lhe os versos de Plinio:

É na dôr da despedida  
Que se medem affeições...

Leonardo respondeu-lhe promptamente:

E nos sacrificios grandes  
Que a alma deixam esmagada  
É que o amante conhece  
Se é tudo ou se não é nada.

Laura sorriu, mau grado o seu desgosto, e, estreitando nas suas as mãos do marido, sentiu que nenhum sacrificio lhe parcceria grande para o vôr contente e feliz. Estavam sós. Todos tinham já descido para jantar e a sombra invadia a tolda. Inconscientemente os seus labios uniram-se n'um longo beijo de infinito amor!...

FIM

# PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

LIVRARIA EDITORA — Rua Augusta, 44 a 54

---

## OBRAS DE CAMILLO CASTELLO BRANCO

---

EDIÇÃO POPULAR DAS SUAS PRINCIPAES OBRAS

EM 80 VOLUMES IN 8.º, IMPRESSA EM BOM PAPEL, TYPO ELZEVIR

---

200 reis cada volume brochado e 300 reis encadernado  
em capa especial de percaline

---

### *Lista dos volumes já publicados:*

- |   |  |
|---|--|
| N.º 1 — Coisas espantosas.                | N.º 24 — Annos de prosa.                                   |
| N.º 2 — As tres irmans.                   | N.º 25 — Os brilhantes do brasileiro.                      |
| N.º 3 — A engeitada.                      | N.º 26 — A bruxa do Monte-Cordova.                         |
| N.º 4 — Doze casamentos felizes.          | N.º 27 — Carlota Angela.                                   |
| N.º 5 — O esqueleto.                      | N.º 28 — Quatro horas innocentes.                          |
| N.º 6 — O bem e o mal.                    | N.º 29 — As virtudes antigas — Um poeta portuguez... rico! |
| N.º 7 — O senhor do Paço de Ninães.       | N.º 30 — A filha do Doutor Negro.                          |
| N.º 8 — Anathema.                         | N.º 31 — Estrellas propicias.                              |
| N.º 9 — A mulher fatal.                   | N.º 32 — A filha do regieida.                              |
| N.º 10 — Cavar em ruinas.                 | N.ºs 33 e 34 — O demonio do ouro.                          |
| N.ºs 11 e 12 — Correspondencia epistolar. | N.º 35 — O regieida.                                       |
| N.º 13 — Divindade de Jesus.              | N.º 36 — A filha do areediago.                             |
| N.º 14 — A doida do Candal.               | N.º 37 — A neta do areediago.                              |
| N.º 15 — Duas horas de leitura.           | N.º 38 — Delictos da Mocidade.                             |
| N.º 16 — Fanny.                           | N.º 39 — Onde está a felicidade?                           |
| N.ºs 17, 18 e 19 — Novellas do Minho.     |  |
| N.ºs 20 e 21 — Horas de paz.              |  |
| N.º 22 — Agulha em palheiro.              |  |
| N.º 23 — O olho de vidro.                 |  |

- N.º 40 — Um homem de brios.  
N.º 41 — Memorias de Guilherme do Amaral.  
N.ºs 42, 43 e 44 — Mystérios de Lisboa.  
N.ºs 45 e 46 — Livro negro do padre Diniz.  
N.ºs 47 e 48 — O judeu.  
N.º 49 — Duas épocas da vida.  
N.º 50 — Estrellas funestas.  
N.º 51 — Lagrimas abençoadas.  
N.º 52 — Lucta de gigantes.  
N.ºs 53 e 54 — Memorias do carcere.  
N.º 55 — Mystérios de Fafe.  
N.º 56 — Coração, cabeça e estomago.  
N.º 57 — O que fazem mulheres.  
N.º 58 — O retrato de Ricardina.  
N.º 59 — O sangue.  
N.º 60 — O santo da montanha.  
N.º 61 — Vingança.  
N.º 62 — Vinte horas de liteira.  
N.º 63 — A queda dum anjo.  
N.º 64 — Scenas da Foz.  
N.º 65 — Scenas contemporaneas.  
N.º 66 — O romance dum rapaz pobre.  
N.º 67 — Aventuras de Bazilio Fernandes Enxertado.  
N.º 68 — Noites de Lamego.  
N.º 69 — Scenas innocentes da comedia humana.  
N.ºs 70 e 71 — Os Martyres.  
N.º 72 — Um livro.  
N.º 73 — A Sereia.  
N.º 74 — Esboços de apreciações litterarias.  
N.º 75 — Cousas leves e pesadas.  
N.º 76 — Theatro:—I Agostinho de Ceuta. — O Marquez de Torres-Novas.  
N.º 77 — Theatro:—II Poesia ou dinheiro? — Justiça. — Espinhos e flores. — Purgatorio e Paraizo.  
N.º 78 — Theatro:—III. — O Morgado de Fafe em Lisboa. — O Morgado de Fafe amoroso. — O ultimo acto. — Abençoadas lagrimas!  
N.º 79 — Theatro:—IV. — O condemnado. — Como os anjos se vingam. — Entre a flauta e a viola.  
N.º 80 — Theatro:—V. — O Lubis-Homem — A Morgadinha de Val-d'Amores.

Tiragem especial em bom papel de linho  
propria para amadores.

Cada volume, br. 700 rs., enc. em 1/2 franceza «amador»  
1\$000 rs.

# Collecção ANTONIO MARIA PEREIRA

## VULGARISAÇÃO DOS MELHORES LIVROS

DAS

## LITTERATURAS PORTUGUEZA E ESTRANGEIRAS

### Romances, Contos, Viagens, Historia, etc., etc.

Volumes in-8.º de 160 a 200 paginas, em corpo 8 ou 10,  
excellente edição, em optimo papel.

Preço de cada volume 200 réis brochado, ou 300 réis elegantemente  
encadernado em percalina.

Para as provincias accresce o porte do correio. 20 réis cada vol.

- N.º 1 — *Tristezas á beira-mar*, romance de Pinheiro Chagas.  
N.º 2 — *Contos ao luar*, por Julio Cesar Machado.  
N.º 3 — *Carmen*, por Merimée, traducção de Mariano Level.  
N.º 4 — *A Feira de Paris*, por Iriel. (2.ª edição).  
N.º 5 — *O direito dos filhos*, por George Ohnet.  
N.º 6 — *John Bull e a sua ilha*, trad. de Pinheiro Chagas.  
N.º 7 — *O juramento da duqueza*, por P. Chagas. (esgot.)  
N.º 8 — *A lenda da meia noite*, rom. phant., por P. Chagas.  
N.º 9 — *A joia do vice-rei*, romance historico, por P. Chagas.  
N.º 10 — *Vinte annos de vida litteraria*, por Alberto Pimentel.  
N.º 11 — *Honra d'artista*, romance de Octavio Feuillet, tra-  
duccão de Pinheiro Chagas.  
N.º 12 — *Os meus amores*, contos e balladas, por T. Coelho.  
N.ºs 13 e 14 — *Aventura d'um polaco*, por Victor Cherbuliez, tra-  
duccão de Maria Amalia Vaz de Carvalho.  
N.º 15 — *Os contos do Tio Joaquim*, por R. Paganino.  
N.º 16 — *As batalhas da vida*, contos por Guiomar Torrezão.  
N.º 17 — *Noites de Cintra*, romance por Alberto Pimentel.  
N.ºs 18 e 19 — *Em segredo*, trad. de Margarida de Sequeira.  
N.ºs 20 e 21 — *A Irmã da Caridade*, por Emilio Castellar.  
N.º 22 — *Migalhas de historia portugueza*, por P. Chagas.  
N.º 23 — *A Cruz de brilhantes*, por A. Campos.  
N.º 24 — *Contos*, por Affonso Botelho.  
N.º 25 — *Contos phantasticos*, por Theophilo Braga.  
N.º 26 — *O mysterio da estrada de Cintra*, por Eça de Queiroz e  
Ramalho Ortigão.  
N.º 27 — *O naufragio de Vicente Sodré*, por Pinheiro Chagas.  
N.º 28 — *Vida airada*, por Alfredo Mesquita.  
N.º 29 — *O Bacharel Ramires*, por Candido de Figueiredo.  
N.ºs 30 e 31 — *Amor á antiga*, romance de Caïel.  
N.º 32 — *As netas do Padre Eterno*, por Alberto Pimentel.  
N.º 33 — *Contos*, por Pedro Ivo.  
N.º 34 — *O correio de Lyão*, por Pierre Zaccone.  
N.º 35 — *Vida de Lisboa*, por Alberto Pimentel.

- N.º 36 — *Historias de Frades*, por Lino d'Assumpção.  
N.º 37 — *Obras primas*, por Chateaubriand.  
N.º 38 — *O Exilado*, romance, por D. M. C. de Figueiredo.  
N.º 39 — *Poema da Mocidade*, por Pinheiro Chagas.  
N.ºs 40 e 41 — *A vida em Lisboa*, por Julio Cesar Machado.  
N.ºs 42 e 43 — *Espelho de Portuguezes*, por Alberto Pimentel.  
N.º 44 — *A Fada d'Auteuil*, por Ponson do Terrail, traducção de Pinheiro Chagas.  
N.º 45 — *A volta do Chiado*, por Beldemonio (E. Barros Lobo).  
N.º 46 — *Séca e Méca*, por Lino d'Assumpção.  
N.º 47 — *Ninho de guincho*, por Alberto Pimentel.  
N.º 48 — *Vasco*, por Arthur Lobo d'Avilla.  
N.º 49 — *Leituras ao serão*, por Antonio Xavier R. Cordeiro.  
N.º 50 — *Luz coada por ferros*, por D. Anna Augusta Placido.  
N.º 51 — *A flôr secca*, por M. Pinheiro Chagas.  
N.º 52 — *Relampagos*, por Armando Ribeiro.  
N.º 53 — *Historias Rusticas*, por Virgilio Varzea.  
N.º 54 — *Figuras Humanas*, por Alberto Pimentel.  
N.º 55 — *Dolorosa*, por Francisco Aeebal, traducção de Caêl.  
N.º 56 — *Memorias de um Fura-vidas*, por Alfredo de Mesquita.  
N.º 57 — *Dramas da Côte*, por Alberto de Castro.  
N.º 58 — *Os Mosqueteiros d'Africa*, por J. da S. Mendes Leal.  
N.º 59 — *A divorciada*, por José Augusto Vieira.  
N.º 60 — *Phototypias do Minho*, por José Augusto Vieira.  
N.º 61 — *Insulares*, contos e historias, por Mendo Bem (Mouiz de Bettencourt).  
N.ºs 62 e 63 — *Historia da civilisação na Europa*, por Mr. Guizot, versão portugueza do Marquez de Sousa Holstein.  
N.º 64 — *Triplice aliança*, romance de Raul de Azevedo.  
N.º 65 — *Retalhos de verdade*, por Caêl.  
N.º 66 — *A Pasta d'um Jornalista*, pelo Visc. de S. Boaventura.  
N.º 67 — *Os argonautas*, por Virgilio Varzea.  
N.º 68 — *Fitas de animatógrapho*, por Alberto Pimentel.  
N.ºs 69 e 70 — *Poesias de Paulino Antonio Cabral*, abbade de Jazente, por Julio de Castilho.  
N.º 71 — *Aspectos e sensações*, chronicas, de Raul de Azevedo.  
N.º 72 — *Contos e narrativas*, por Brito Aranha.  
N.º 73 — *Quadros e lêtras*, por Sanches de Frias.  
N.º 74 — *Individualidades*, por Henrique das Neves.  
N.º 75 — *Alfacinhas*, por Alfredo de Mesquita.  
N.º 76 — *Patria amada*, por Viseconde de S. Boaventura.  
N.º 77 — *Historias e romancêtes*, por Sanches de Frias.  
N.º 78 — *Esboçetos individuaes*, por Henrique das Neves.  
N.º 79 — *Recordações da mocidade*, por Adolpho Loureiro.  
N.º 80 — *Sorrisos*, por Almeida Campos.  
N.º 81 — *Lucta de sentimentos*, por Maria O'Neill.
-



# COLLECÇÃO ECONOMICA

Romances dos melhores auctores, a 100 réis o volume.

- N.º 1 — *Aventuras prodigiosas de Tartarin de Tarrascon*, seguidas de *Tartarin nos Alpes*, por A. Daudet.
- N.º 2 — *Pedro e João*, por Guy de Maupassant.
- N.º 3 — *Sergio Panine*, por Jorge Ohnet.
- N.º 4 — *O sonho*, por Emilio Zola.
- N.º 5 — *Soror Philomena*, por Edmond e Jules Gouérou.
- N.º 6 — *O medico assassino*, por Octavio Fére.
- N.º 7 — *Os milhões vergonhosos*, por Heitor Malot.
- N.º 8 — *O amigo Fritz*, por Erekmán Chatrian.
- N.º 9 — *Vogando*, por Guy de Maupassant.
- N.º 10 — *Um romance de mulher*, por Pierre Mael.
- N.º 11 — *Vontade*, por Jorge Ohnet.
- N.º 12 — *O Nababo*, por A. Daudet.
- N.º 13 — *Um coração de mulher*, por Paul Bourget.
- N.º 14 — *Beatriz*, por Rider Haggard.
- N.º 15 — *O crime*, por Gabriel d'Annunzio.
- N.º 16 — *Lise Fleuron*, por Ohnet.
- N.º 17 — *Os dois rivaes*, por Armand Lapoint.
- N.º 18 — *O ultimo amor*, por Jorge Ohnet.
- N.º 19 — *Um bulgaro*, por Ivan Tourgueneff.
- N.º 20 — *Memorias d'um suicida*, por Maxime du Camp.
- N.º 21 — *Forte como a morte*, por Guy de Maupassant.
- N.º 22 — *A alma de Pedro*, de J. Ohnet.
- N.º 23 — *Camilla*, de Guérin-Ginisty.
- N.º 24 — *Trahida*, de Maxime Paz.
- N.º 25 — *Sua magestade o Amor*, por A. Belot.
- N.º 26 — *Magdalena Ferat*, por Emilio Zola.
- N.º 27 — *Os reis no exilio*, por A. Daudet.
- N.º 28 — *Divida de odio*, por Jorge Ohnet.
- N.º 29 — *Mentiras*, por Paul Bourget.
- N.º 30 — *Marinheiro*, por Pierre Loti.
- N.º 31 — *A montanha do diabo*, por Eugenio Sue.
- N.º 32 — *A Evangelista*, por A. Daudet.
- N.º 33 — *Aranha vermelha*, por R. de Pont Jest.
- N.ºs 34 e 35 — *Odio antigo*, por Jorge Ohnet.
- N.º 36 — *Parisienses!...* romãnee, por H. Davenel.
- N.º 37 — *Ao entardecer!...* romãnee, por Iveling Rambaud.
- N.º 38 — *A confissão de Carolina*, trad. de José Sarmiento.
- N.º 39 — *Um casamento no mosteiro*, por Alfredo Assolland.
- N.º 40 — *Os Párias*, romãnee de Francisco da Rocha Martins.
- N.º 41 — *O abbade de Févières*, romance, por J. Ohnet.
- N.º 42 — *A agonia de uma alma*, romãnee, por Ossip Fehubin.
- N.º 43 — *Memorias de um burro*, por Madame Ségur.
- N.º 44 — *A nihilista*, por Catulle Mendés.
- N.º 45 — *O grande industrial*, por George Ohnet.
- N.º 46 — *Morta de amor*, por Albert Delpit.

- N.º 47 — *João Sbogar*, por Carlos Nodier.  
N.º 48 — *Viagem sentimental*, por Sterne.  
N.º 49 — *O milhão do tio Raclot*, por Emile Richebourg.  
N.º 50 — *A confissão de um rapaz do seculo*, por Musset.  
N.º 51 — *O romance de um principe*, por Pierre de Lano.  
N.º 52 — *O castello de Lourps*, por J. K. Huysmans.  
N.º 53 — *Amor de Miss*, por J. Blain.  
N.º 54 — *A Sogra*, por Dubut de Laforest.  
N.º 55 — *Colomba*, por Próspero Merimée.  
N.º 56 — *Katia*, traducção de Luiz Cardoso.  
N.º 57 — *Alma simples*, trad. de José Sarmiento.  
N.º 58 — *Ouplo amor*, traducção de Moraes Rocha.  
N.º 59 — *Contos fantasticos*, traducção de Machado d'Almeida.  
N.º 60 — *A princesa Maria*, traducção de Alberto de Oliveira.  
N.º 61 — *Rosa de maio*, trad. de José Sarmiento.  
N.º 62 — *Manon Lescaut*, pelo Abbade Prevost.  
N.º 63 — *O romance do homem amarello*, por Tcheng-Ki-Tong.  
N.º 64 — *A dama das violetas*, por F. Guimarães Fonseca.  
N.ºs 65 e 66 — *Nemrod & C.a*, por Jorge Ohnet.  
N.º 67 — *Prisma de amor*, por Paul Bonnhome.  
N.º 68 — *Historia d'uma mulher*, por Guy de Maupassant.  
N.ºs 69 e 70 — *Educação sentimental*, por G. Flaubert.  
N.º 71 — *Depois do amor*, por George Ohnet.  
N.º 72 — *A fava de Santo Ignacio*, por Alexandre Pothey.  
N.ºs 73 e 74 — *O herdeiro de Redclyffe*, por Mrs. Younge.  
N.º 75 — *Uma ondina*, por André Theuriet.  
N.º 76 — *A familia Laroche* por Marguerit Sevray.  
N.º 77 — *As grandes lendas da humanidade*, por L. M. d'Humive.  
N.ºs 78 e 79 — *A filha do doutor Jaufre*, por Marcel Prevost.  
N.º 80 — *Oama das Camélias*, por Alexandre Dumas filho.
-

- N.º 15 — **Os contos do tio Joaquim**, por R. Paganino.
- N.º 16 — **As batalhas da vida**, contos, por Guiomar Torrezão.
- N.º 17 — **Noites de Cintra**, romance por Alberto Pimentel.
- N.ºs 18 e 19 — **Em segredo**, romance, trad. de Margarida de Sequeira, 2 vols.
- N.ºs 20 e 21 — **A irmã da caridade**, por Emilio Castellar, trad. de L. Q. Chaves, 2 vols.
- N.º 22 — **Migalhas de historia portugueza**, por Pinheiro Chagas.
- N.º 23 — **A cruz de brilhantes**, por A. Campos.
- N.º 24 — **Contos**, de Affonso Botelho.
- N.º 25 — **Contos phantasticos**, por Theophilo Braga.
- N.º 26 — **O mysterio da estrada de Cintra**, por Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão.
- N.º 27 — **O naufragio de Vicente Sodré**, romance historico de Pinheiro Chagas.
- N.º 28 — **Vid'airada**, por Alfredo de Mesquita.
- N.º 29 — **O bacharel Ramires**, por Cândido de Figueiredo.
- N.ºs 30 e 31 — **Amor á antiga**, romance de Caíel, 2 vols.
- N.º 32 — **As netas do Padre Eterno**, por Alberto Pimentel.
- N.º 33 — **Contos**, de Pedro Ivo.
- N.º 34 — **O correio de Lyão**, por Pierre Zaccone.
- N.º 35 — **Vida de Lisboa**, por Alberto Pimentel.
- N.º 36 — **Historias de frades**, por Lino d'Assumpção.
- N.º 37 — **Obras primas**, por Chateaubriand, trad. de Theophilo Braga.
- N.º 38 — **O exilado**, romance historico, por Mauricia de Figueiredo.
- N.º 39 — **Poema da mocidade**, por Pinheiro Chagas.
- N.ºs 40 e 41 — **A vida em Lisboa**, por Julio Cesar Machado, 2 vols.
- N.ºs 42 e 43 — **Espelho de portuguezes**, por Alberto Pimentel, 2 vols.
- N.º 44 — **A fada d'Auteuil**, por Ponson du Terrail, trad. de Pinheiro Chagas.
- N.º 45 — **A volta do Chiado**, por Beldemonio (Eduardo de Barros Lobo).
- N.º 46 — **Séca e méca**, por Lino d'Assumpção.
- N.º 47 — **Ninho de guincho**, por Alberto Pimentel.
- N.º 48 — **Vasco**, romance original por Arthur Lobo d'Avila.
- N.º 49 — **Leituras ao serao**, por Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro.
- N.º 50 — **Luz coada por ferros**, por D. Anna Augusta Placido.
- N.º 51 — **A flôr secca**, por M. Pinheiro Chagas.
- N.º 52 — **Relampagos**, por Armando Ribeiro.
- N.º 53 — **Historias rusticas**, por Virgilio Varzea.

- N.º 54 — **Figuras humanas**, por Alberto Pimentel.  
N.º 55 — **Dolorosa**, por Francisco Acebal, trad. de Caiel.  
N.º 56 — **Memorias de um Fura-vidas**, por Alfredo de Mesquita.  
N.º 57 — **Dramas da cõrte**, por Alberto de Castro.  
N.º 58 — **Os mosqueteiros d'Africa**, por José da Silva Mendes Leal.  
N.º 59 — **A divorciada**, por José Augusto Vieira.  
N.º 60 — **Phototypias do Minho**, por José Augusto Vieira.  
N.º 61 — **Insulares**, contos e historias, por Mendo Bem (Moniz de Bettencourt).  
N.ºs 62 e 63 — **Historia da civilização na Europa**, por Mr. Guizot, trad. do marquez de Sousa Holstein, 2 vols.  
N.º 64 — **Triplíce alliança**, romance, de Raul de Azevedo.  
N.º 65 — **Retalhos de verdade**, de Caiel.  
N.º 66 — **A pasta d'um jornalista**, pelo visconde de S. Boaventura.  
N.º 67 — **Os argonautas**, por Virgilio Varzea.  
N.º 68 — **Fitas de animatographo**, por Alberto Pimentel.  
N.ºs 69 e 70 — **Poesias de Paulino Antonio Cahral, abba de de Jazente**, por Julio de Castilho, 2 vols.  
N.º 71 — **Aspectos e sensações**, chronicas, de Raul de Azevedo.  
N.º 72 — **Contos e narrativas**, por Brito Aranha.  
N.º 73 — **Quadros e lêtras**, por Sanches de Frias.  
N.º 74 — **Individualidades**, por Henrique das Neves.  
N.º 75 — **Alfacinhas**, por Alfredo de Mesquita.  
N.º 76 — **Patria amada**, pelo visconde de S. Boaventura.  
N.º 77 — **Histórias e romancêtes**, por Sanches de Frias.  
N.º 78 — **Esboçetos individuaes**, por Henrique das Neves.  
N.º 79 — **Recordações da mocidade**, por Adolpho Loureiro.  
N.º 80 — **Sorrisos**, novellas e chronicas, por Almeida Campos.  
N.º 81 — **Lucta de sentimentos**, romance, por Maria O'Neill.

---

**Requisições á Parceria ANTONIO MARIA PEREIRA**

LIVRARIA EDITORA

*Rua Augusta, 44 a 54 — LISBOA*